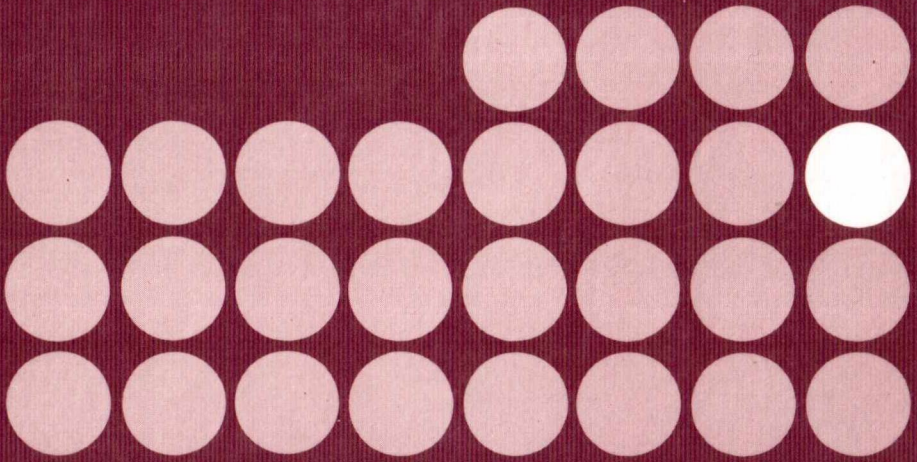
Ester

introdução e comentário

Joyce G. Baldwin



Mundo Cristão

SÉRIE CULTURA BÍBLICA

ESTER

DIGITALIZAÇÃO:
EMANUENCE DIGITAL



EDIÇÃO:
ADRIANO LOPES

ESTER

Introdução e Comentário
por
Joyce G. Baldwin

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75 e 79 04810 São Paulo, SP – Brasil

Título do original em inglês:
Esther – An Introduction and Commentary

Copyright © 1984 Joyce G. Baldwin
Publicado pela primeira vez em 1984, pela Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra

Tradução: Adiei Almeida de Oliveira
Revisão de estilo: Robinson Norberto Malkomes
Revisão de Provas: Vera Lúcia dos Santos Barba

Primeira edição em português: novembro de 1986

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75 e 79 04810 São Paulo, SP – Brasil

CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL 6

PREFÁCIO DA AUTORA 7

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS 8

ABREVIATURAS PRINCIPAIS 9

INTRODUÇÃO
- O lugar da narrativa nas Escrituras 11
- A exatidão histórica deste livro 14
- Características literárias 21
- Gênero literário 28
- Teologia 32
- Texto e versões de Ester 37
- Data em que foi escrito 43
- A condição canônica de Ester 44

ANÁLISE 47

COMENTÁRIO 49

NOTAS ADICIONAIS
- O Jejum 73
- "Vingar, vingar-se, vingança" (heb. *nāqam*) 90
- Porções (heb. *pûr*) 101
- Ester e os judeus 105

APÊNDICE
- As adições gregas 108

PREFÁCIO GERAL

O alvo desta série de comentários é equipar o estudante da Bíblia com um comentário conveniente e atualizado sobre cada livro, ressaltando-se, em primeiro lugar, a exegese. As questões críticas de maior importância se discutem nas introduções e notas adicionais, mas detalhes técnicos desnecessários foram evitados.

Nesta série, os autores individuais são, naturalmente, livres para fazer suas contribuições distintivas, e para expressar seu próprio ponto de vista sobre todas as questões controvertidas. Dentro dos limites necessários do espaço, freqüentemente chamam a atenção para interpretações que eles pessoalmente não sustentam, mas que representam as conclusões declaradas de colegas crentes sinceros.

O livro de Ester é uma história singular e vívida acerca das lutas de um povo em minoria e sua crença. Não obstante, muitas pessoas ainda o criticam pela ausência do Nome Divino e por aspectos do nacionalismo e vingança que ele retrata. A autora encara este e outros assuntos com honestidade, e vê Deus operando nos interesses pessoais e nacionais. Como resultado, tem-se um comentário sensível, cheio de detalhes cuidadosamente pesquisados, que iluminam os panos-de-fundo cultural e histórico, os quais enfatizam o valor espiritual e literário do livro. Joyce Baldwin também nos fornece novas visões e apresenta-nos lições aplicáveis em qualquer época de turbulência.

No Antigo Testamento, especialmente, nenhuma tradução é suficiente, por si mesma, para refletir o texto original. Os autores destes comentários, portanto, citam livremente várias versões, ou oferecem sua própria tradução, na tentativa de tornar significantes em nossos dias as passagens ou palavras mais difíceis. Quando há necessidade, palavras do Texto Massorético hebraico (e aramaico) que subjazem estes estudos são transliteradas. Desta maneira, o leitor que talvez não tenha familiaridade com as línguas semíticas, será ajudado a identificar a palavra sob discussão, podendo assim, acompanhar o argumento. A cada passo nestes comentários, pressupõe-se que o leitor tem à mão uma boa versão da Bíblia em português, ou até mais.

Há sinais de um interesse renovado no significado e na mensagem do Antigo Testamento, e espera-se que esta série venha a promover o estudo sistemático da revelação de Deus, da Sua vontade e dos Seus caminhos, conforme se vêem nestes registros. É a oração do editor e da publicadora, como também dos autores, que estes volumes ajudem muitas pessoas a compreenderem a Palavra de Deus e a corresponderem a ela hoje.

D. J. Wiseman

PREFÁCIO DA AUTORA

Foi no fim da década de 1960 que comecei a aplicar a mente ao livro de Ester, tendo sido convidada para contribuir com subsídios acerca de Rute e Ester para o *The New Bible Commentary Revised* (O Novo Comentário da Bíblia Revisado). Nunca me preocupei com o fato de ser coincidência ou não o terem sido atribuídos à única colaboradora mulher esses dois livros que têm nomes femininos. Certamente fiquei muito feliz em poder pesquisar acerca destes livros de valor, pelos quais desde então passei a dedicar um amor especial, e agradeço ao editor da Série Tyndale por me ter convidado para escrever este comentário.

As notas ao rodapé revelam que me tornei devedora a muitas pessoas durante o processo de familiarização com muitos aspectos fascinantes deste livro de Ester. Em particular eu gostaria de expressar o quanto devo ao "Trinity College", de Bristol, por me ter dado permissão para usar a sua biblioteca, agora que não o posso fazer mais por direito.

Em geral usei o texto da Bíblia na "Revised Standard Version" (em português, a versão usada com mais freqüência neste comentário é a de Almeida Revista e Atualizada), a não ser que seja indicado de outra forma.

Joyce Baldwin

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós pecam pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infindáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o A.T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada um. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o A.T. Pretendemos, assim ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto vétero-testamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard Sturz

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

The Anchor Bible: Esther por Carey A. Moore, 1979.
American Journal of Semitic Languages and Literature.
Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament por J. B. Pritchard, [2] 1955, ([3] 1969).
Das Alte Testament Deutsch.
Almeida Revista e Atualizada.
Almeida Revista e Corrigida.
Versão Inglesa Autorizada da Bíblia ("King James"), 1611.
The Biblical Archaeologist.
babilônio.
Hebrew-English Lexicon of the Old Testament por F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, 1907.
The Book of Esther por Sandra Beth Berg, 1979.
A Bíblia de Jerusalém.
The Cambridge Bible: Esther por A. W. Streane, 1907.
Catholic Biblical Quarterly.
The Century Bible (Série nova): *Ezra, Nehemiah and Esther* por L. H. Brockington, 1969.
Comentários da Série Cultura Bíblica.
The Expositor's Bible: Esther por W. F. Adeney, 1893.
especialmente.
Versões inglesas.
Good News Bible: Versão em Inglês na Linguagem de Hoje, 1976.
hebraico.
History of the Persian Empire por A. T. Olmstead, 1948.
Hebrew Union College Annual.
The Interpreter's Bible: Esther; Vol. III, por B. W. Anderson, 1954.
The Illustrated Bible Dictionary, 3 vols., 1980.
International Critical Commentary: Esther, por L. B. Paton, 1908.
The Interpreter's Dictionary of the Bible, 4 vols., 1962.
Introduction to the Old Testament por R. K. Harrison, 1970.
Journal of Biblical Literature.

JNES	*Journal of Near Eastern Studies.*
JSOT	*Journal for the Study of the Old Testament.*
LB	*Lingüística Bíblica.*
LOT	*Introduction to the Literature of the Old Testament* por S. R. Driver, ^{8}1909.
LXX	Setuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
mg.	margem
MS	manuscrito.
NBC	*New Bible Commentary* (terceira edição) editado por D. Guthrie, J. A. Motyer, A. M. Stibbs e D. J. Wiseman, 1970.
NDITNT	*O Novo Dicionário Internacional de Teologia do N.T.*, editado por Colin Brown, 4 volumes, 1981-1984.
NEB	The New English Bible; Antigo Testamento, 1970.
NIV	New International Version, 1978.
NPOT	*New Perspectives on the Old Testament* editado por J. Barton Payne, 1970.
OTA	*Old Testament Abstracts.*
PCB	*Peake's Commentary on the Bible* (edição revista) editado por M. Black e H. H. Rowley, 1962.
PIOT	*Introduction to the Old Testament* por Robert H. Pfeiffer, edição britânica, 1952.
RSV	American Revised Standard Version, 1952.
RV	English Revised Version, 1881.
SBL	Society of Biblical Literature.
SEA	*Svensk Exegetisk Arsbok.*
TB	*Tyndale Bulletin.*
TBC	*Torch Bible Commentary: Esther* por G. A. F. Knight, 1955.
TM	Texto Massorético.
TOTC	*Tyndale Old Testament Commentary.*
v.g.	*verbi gratia* (por exemplo)
VT	*Vetus Testamentum.*
VTS	*Vetus Testamentum Supplement.*
ZAW	*Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft.*

INTRODUÇÃO

Todo mundo gosta de histórias. Se ela conta a vida dos nossos ancestrais, apresenta-os sob uma boa luz e evidencia uma providência divina operando para conseguir a sua sobrevivência, ela tem um impacto ainda mais forte. Todas estas condições se encontram no livro de Ester. Embora não haja menção da providência de Deus, não obstante ela desempenha um papel proeminente, e pode mesmo dar a esse livro a sua razão de ser. A reversão dramática de um destino desastroso que parecia determinado a apagar da face da terra toda a raça judaica impressionou o escritor de tal forma que ele se aplicou com todos os seus poderes artísticos para expressar esses fatos por escrito, e o seu relato fascinou de tal modo os leitores judaicos que esse livro se tornou um "best seller" e foi traduzido em muitas línguas e publicado em muitas edições variantes. Ele continua a ser o favorito número um das comunidades judaicas, e é lido em família todos os anos, durante a Festa de Purim, como é o costume tradicional através dos séculos. Os cristãos, pelo contrário, não têm sabido bem o que fazer deste livro. Devido a sua própria natureza, ele levanta, tanto para intérpretes judeus como cristãos, interrogações a respeito da parte desempenhada por esta narrativa nas Escrituras. Parece que as leis e as advertências proféticas são mais fáceis de se interpretar, porque apresentam ordens expressas que devem ser obedecidas, mas uma história pode não conter tais diretrizes. O objetivo inicial de uma narrativa, afinal de contas, é cativar e manter o interesse dos ouvintes.

I. O LUGAR DA NARRATIVA NAS ESCRITURAS

As várias parábolas usadas por Jesus em Seus ensinos devem nos alertar para as muitas vantagens da narração de histórias sobre os estilos mais acadêmicos de expressão de uma verdade. A Bíblia destina-se a pessoas comuns, que não julgam absorventes os pensamentos abstratos e, muito menos, os conceitos teológicos. Contudo, elas gostam de uma boa estória, e se identificam rapidamente com os seus personagens e os seus dilemas, e querem sa-

ber como ela termina. O jovem Hudson Taylor, estando sem atividade e enfadado, pegou um folheto, por falta de coisa melhor que fazer. Pretendendo desligar-se antes de chegar à moral da história, ele se surpreendeu envolvido e dominado pela sua mensagem.[1] É desta maneira que as histórias da Bíblia nos apanham com a guarda baixa, e penetram em nossas defesas. Tendo captado a nossa imaginação, uma estória pode "decolar" e, como uma semente plantada em solo apropriado, começar uma vida própria na mente do leitor. A linguagem figurada sublinha a necessidade de absorver a história na mente, e não apenas ouvi-la de modo superficial, pois o seu significado está muito abaixo do nível da superfície.

Uma das características marcantes da narrativa bíblica é a sua qualidade vivencial de personagens e ação. "Os escritores bíblicos moldam os seus personagens com uma individualidade complicada, algumas vezes fascinante, muitas vezes ferozmente insistentes, porque é na obstinação da individualidade humana que cada homem e cada mulher encontra Deus ou ignora-O, responde ou resiste a Ele".[2] Não que esse caráter seja plenamente delineado, pois em geral o texto é conciso e seletivo. No entanto, a própria seletividade enfatiza o seu objetivo. Esses escritores bíblicos conheciam a natureza humana, mas também conheciam o seu Deus e, portanto, tinham uma razão urgente para escrever.

Pode não estar fora de ordem discorrer por um momento, a fim de considerar o ato de se escrever narrativas seculares, e o que ele pode alcançar. O novelista sério, que tenha sensibilidade para com os problemas do mundo, sondando-os com o objetivo de diagnosticar o que está ocorrendo, coloca-se em uma boa posição para permitir que os outros percebam as verdades que ele viu. William Golding, por exemplo, em *Lord of the Flies* (Senhor das Moscas) apresenta de maneira mui comovente verdades desagradáveis a respeito da natureza humana. Os mesmos conceitos, expressos de forma dogmática, provocam objeções e teimosa resistência, embora os garotos escolares que se tornam líderes auto-nomeados sejam dolorosamente familiares. Quando no fim "Ralph chorou pelo fim da inocência... a escuridão do coração do homem, e a queda através do ar do amigo sábio e verdadeiro chamado Piggy", o leitor chora com ele. Seja qual tenha sido a intenção do autor, ele deixa o leitor sem nenhuma ilusão quanto à condição decaída da natureza humana. De fato, ele demonstra que a nossa condição é tão desesperadora, que o leitor fica anelando por algum escape dessa situação sem esperança, mas não é a intenção de Golding nesta novela apontar o remédio. Todavia, é importante ver que esse

1. A. J. Broomhall: *Hudson Taylor and China's Open Century. I: Barbarians at the Gates.* (Hodder and Stoughton and Overseas Missionary Fellowship, 1981), pp. 350-352.
2. Robert Alter: *The Art of Biblical Narrative* (George Allen and Unwin, 1981), p. 189.

novelista atinge algo que o pregador não consegue alcançar facilmente, a saber, a convicção de pecado como o grande fato da humanidade. A história teve sucesso onde declarações diretas, embora saudadas por assentimento, podem não convencer.

Esta verdade é colocada em termos acadêmicos por James G. Williams: "A narrativa bíblica representa uma forma dinâmica de pensar, cujas propriedades estéticas sustentam e incrementam o processo de se chegar ao conhecimento".[3] Em outras palavras, as estórias levam a um aprendizado mais fácil. Apresentadas com arte e perícia, elas nos capacitam a entrar na vida de outras pessoas e a aprender da sua experiência, conquanto que o ambiente retratado seja suficientemente semelhante ao do leitor para que haja identificação de interesses. Nesse caso, um sorriso de reconhecimento ou, em caso contrário, um suspiro seguido de uma reação irada indica que, no fundo, a estória encontrou ressonância. A parábola de Natã é um caso característico; o profeta pode virar a mesa contra Davi e dizer: "Tu és o homem" (II Sm 12:7).

Inquestionavelmente, portanto, as parábolas podem ser muito eficientes para despertar a consciência para um mal cometido, mas encoberto.

O livro de Ester, todavia, não é uma parábola. Pelo contrário, narra um incidente que tem muitas marcas de autenticidade, de historicidade, embora certos aspectos da narrativa muitas vezes tenham sido considerados improváveis para terem acontecido na vida real. O autor também tem sido acusado de exagerar em alguns detalhes. A fim de apreciar o seu livro, precisamos entender o seu objetivo ao escrevê-lo e, se possível, descobrir se ele estava relatando um incidente que realmente aconteceu, tanto quanto um habitante das Ilhas Britânicas em 1940 poderia contar a história da Batalha da Bretanha, impressionado com a extraordinária libertação que teve lugar. O estilo literário não precisa ser o de um livro de história. Inevitavelmente, certas características serão ressaltadas pelo escritor devido à sua importância, e ele será tão seletivo quanto os seus meios de comunicação o exigirem. Portanto, os aspectos literários são importantes para se chegar à mente do autor. Como escreveu Martinho Lutero: "Estou persuadido de que sem perícia em literatura, a teologia genuína não pode permanecer... A notável revelação da Palavra de Deus nunca ocorreria se em primeiro lugar ele não tivesse preparado o caminho mediante a redescoberta das línguas e ciências".[4] Idealmente precisa existir também a redescoberta da literatura que pertence à região e ao período de onde vem o nosso livro, e da capacidade de lê-lo e avaliá-lo, pois os modelos literários da Europa Ocidental com muito pouca probabilidade terão o melhor guia para um livro provindo da

3. J. G. Williams: *Women Recounted: Narrative Thinking and the God of Israel* (Almond Press, Sheffield, 1982), p. 15.
4. Em sua carta a Eoban Hess, 29 de março de 1523. Citado por A. C. Thiselton; "Understanding God's Word Today", em *Obeying Christ in a Changing World* de John Stott (ed.) (Collins Fountain Books, 1977), p. 99.

Ásia, datado de séculos antes de Cristo. O fato de alguns estarem disponíveis é motivo de agradecimento, embora isso também requeira aventuras em território desconhecido. A arqueologia também tem uma contribuição a fazer à cena circundante.

II. A EXATIDÃO HISTÓRICA DESTE LIVRO

Seja qual for o gênero literário que um autor adote para a sua obra, seja ele de poesia, drama, historieta ou novela, se ele escolhe um tema histórico, sabe que precisa aceitar como imutáveis os acontecimentos básicos. Ele pode ter certa liberdade no que tange às motivações, mas o escritor de Ester não desenvolve este tema. À semelhança dos seus correlatos modernos, ele precisou enfrentar os seus críticos em relação à profundidade da sua pesquisa e da maneira como ele usou os dados históricos aceitos na época. Observar a exatidão histórica da sua obra é tarefa legítima e necessária, e não prejudica a questão do gênero literário.

Todavia, há várias características de obra histórica na maneira como o livro de Ester é narrado, tais como a frase inicial em hebraico: *wayᵉhi:* "Ora, veio a acontecer..." (AV, RV). Seguem-se detalhes da época e do lugar da ação: nome do monarca reinante, extensão do seu império e ano do seu reinado no começo da história. A estes, acrescentam-se outros detalhes circunstanciais, à medida que a trama se desenvolve, e no fim o leitor é remetido a um livro-texto para verificação e estudo ulterior (10:2). Desta forma, o autor apresenta a sua obra como se fosse história, embora esta seja a espécie de informação que deveríamos esperar que ele incluísse, mesmo que estivesse compondo uma novela histórica.

a. A monarquia persa

Os eventos deste livro tiveram lugar, assim nos diz o escritor (1:1), no reinado do Rei Assuero (486-465 a.C.) que é mais conhecido pelo seu nome grego, Xerxes. [5] Ele foi filho e sucessor de Dario I Hystaspes, no começo de cujo reinado teve lugar a restauração do Templo de Jerusalém (Ag 2:1-9; Zc 7:1; 8:9). Este foi completado em 516 a.C. O decreto de Ciro havia permitido a volta de cativos da Babilônia para Jerusalém em 539, bem no começo do período persa. Comparativamente poucos judeus haviam se aproveitado da oportunidade de retornar, quer nessa, quer em ocasiões posteriores, e sessenta anos

5. As versões gregas identificam o rei persa como Artaxerxes, e outros nomes também foram sugeridos, mas, à luz das evidências dos monumentos, agora se concorda geralmente que a pessoa é Assuero/Xerxes.

mais tarde grande número de judeus permanecia na metade oriental do império persa, muitos deles em cidades imperiais da própria Pérsia. Pouco se sabe a respeito deles, a não ser a evidência propiciada pelo livro de Ester, e a breve referência ao reinado de Assuero em Esdras 4:6, que propicia evidência independente da oposição aos interesses judaicos. Porém, a despeito da hostilidade, houve judeus que se elevaram a posições de influência, como havia acontecido com Daniel durante o século anterior na corte de Nabucodonosor (Dn 2:48). Havia algo totalmente adequado a respeito da elevação ao poder de pessoas que honravam o único Deus verdadeiro, no contexto de uma cultura estrangeira, embora essas pessoas sofressem como conseqüência da sua lealdade a Ele. No livro de Ester é introduzido um novo elemento ao tema do sofrimento. Os judeus foram atormentados porque se conservaram para si mesmos, observando as suas próprias leis e costumes (3:8). A partir disto tornou-se fácil acusá-los de desprezar as leis do estado persa, fosse ou não verdadeira essa acusação. Não há razão para se duvidar de que, naquela época como agora, tal atormentação era um fato experimental (cf. Lv 19:33-34).

A este respeito, contudo, tem sido chamada a atenção para a benevolência dos governantes persas, e levando este dado em conta, pensa-se ter sido improvável que Assuero teria aceito a sugestão de Hamã de destruir toda uma parte da população (3:9). Carey A. Moore, por exemplo, expressa a necessidade de material epigráfico mais específico para atestar a existência de massacres organizados contra os judeus "em um império acaemênio que quanto a outros aspectos demonstrou-se tolerante".[6] Embora não haja razão para se duvidar da opinião geralmente aceita de que Ciro, o Grande, fundador da dinastia acaemênia, tenha sido um governante sábio e benevolente, recentemente foi indicado que as evidências oriundas do Cilindro de Ciro devem ser consideradas como elogios padronizados. Este é um texto mesopotâmico típico, encontrado em edificações, onde o governante é sempre retratado como "bom".[7] O objetivo do texto era recomendar o rei ao deus cujo templo estava sendo restaurado, neste caso Marduque de Babilônia, e aos povos conquistados, como guardião fiel das tradições veneradas. A idéia de que os sucessores de Ciro eram tão humanitários e benevolentes como ele o fora, foi demonstrada por Amelie Kuhrt como bisonha. Ela indica que políticas tolerantes logo se invertiam quando se suspeitava de qualquer atividade subversiva. "Note a destruição de Babilônia... por Xerxes depois de revoltas na Babilônia, na primeira parte do seu reinado."[8]

6. "Archaelogy and the Book of Esther", *BA* 38 (1975), p. 180.
7. Amelie Kuhrt: "The Cyrus Cylinder and Achaemenid Imperial Policy", *JSOT* 25 (1983), pp. 83, 88. Para uma fotografia a cores desta famosa inscrição, veja *IBD* I, p. 353.
8. *Art. cit.*, p. 94. Em uma nota ao rodapé, Kuhrt acrescenta: "A condição modificada da Babilônia em relação aos acaemênios depois disto reflete-se no fato de que nenhum rei persa depois do quarto ano do reinado de Xerxes ostentou o título de "Rei de Babilônia".

Ela também relaciona exemplos provando que os acaemênios praticaram a deportação de populações inteiras como parte de sua política, da mesma forma como os assírios e babilônios haviam feito. Esta correção de um pressuposto generalizado ajuda a ver o Rei Assuero sob uma luz histórica realista. Ele não deixou de usar as mesmas políticas seguidas pelos criticados assírios, e não teria tido escrúpulos em assinar os editos do livro de Ester.

A mesma impressão resulta da leitura das *Histórias* de Heródoto, um terço de cuja obra é dedicado ao reinado de Xerxes (Assuero). Heródoto mostra Xerxes em ação em toda sorte de circunstâncias relacionadas com a invasão da Grécia, e é apresentado como ambicioso, como guerreiro ousado com visão e confiança, uma vez vencidos os seus temores supersticiosos, e pesados os conselhos contraditórios de maneira que o satisfizessem. Ele não é adverso a pedir a opinião de outros, inclusive a de Artemísia, mulher oficial do seu exército, que merece menção especial de Heródoto, antes e depois da batalha de Salamina.[9] De acordo com o historiador, ele julgou o conselho dela mais agradável. Há abundantes evidências de suas proezas com mulheres, e da sua intenção de agir à sua própria moda, mesmo com a esposa e a filha de seu próprio irmão. A mutilação e o homicídio que se seguem a este incidente mostram os extremos desagradáveis a que o rei era capaz de ir, e demonstram que a dispensa de uma rainha e escolha de outra, qualquer que fosse a sua origen , estava dentro das fronteiras das probabilidades, embora em teoria ele estivesse obrigado pelo acordo feito por seu pai em sua juventude, de que o rei deveria se casar no contexto de sete famílias nobres.[10] Embora Heródoto esteja escrevendo do ponto de vista de um observador grego, o mundo que ele nos mostra é claramente o do livro de Ester.

Possuir um livro histórico, escrito no mesmo século em que teve lugar o livro de Ester (pois Heródoto nasceu entre 490 e 480 a.C.), é uma providência notável. Ele apresenta um exemplo de redação histórica contemporânea ao período coberto por Ester, mediante o qual se pode avaliar o seu conteúdo. O tradutor das *Histórias* nos faz lembrar que elas foram escritas para recitação pública em reuniões particulares ou festivais públicos,[11] e podemos subentender que o mesmo se pretendia para Ester. Além da obra de Heródoto, inscrições persas do século V a.C. acrescentam o seu testemunho, ao mesmo tempo que milhares de tabuinhas de Persépolis aumentaram grandemente o conhecimento da história mundial, e mais especificamente da Pérsia. "Dessas fontes obtemos a confirmação do que Heródoto diz a respeito da administração persa, mas agora podemos descrever esse sistema de maneira minuciosa e com numerosas

9. *Histórias* VII, 99; VIII, 97, 104.
10. *Histórias*, XX. 108-111; III, 84. Em conexão com o casamento de Dario, J. S. Wright mostra que a mão de Xerxes não provinha de uma das famílias aprovadas (*NPOT*, p. 88).
11. Aubrey de Selincourt, tradutor e escritor da Introdução à Edição Penguin, 1954.

ilustrações."[12] Embora Heródoto fosse notavelmente imparcial e tolerante, é um grande lucro poder ser capaz de ouvir os orientais relatando os acontecimentos segundo o seu próprio ponto de vista. Os baixos relevos de Persépolis chegam a retratar Assuero como príncipe coroado, de pé por trás do trono de seu pai Dario.[13] Embora não haja muitas tentativas para se retratá-lo, de uma ou de outra maneira é possível chegar-se a conhecer este monarca persa do livro de Ester. O fato de todas as informações a respeito dele se encaixarem tão bem, confirma a exatidão geral do material original, incluindo o livro bíblico.

De acordo com Ester, a corte de Assuero situava-se em Susã (AV Shushan), antiga capital do Elão, onde Dario havia residido e construído um palácio complexo que lhe parecia incomumente belo. [14] A primeira tarefa do novo rei foi completar o que seu pai iniciara em Susã, e duas inscrições testificam da sua residência ali, no começo do seu reinado. [15] Os profusos entretenimentos, a abundância de ouro e as gloriosas cores das cortinas e do mármore, descritos no primeiro capítulo, são completamente corroborados por outras fontes. No alicerce do depósito do próprio Dario, descoberto durante escavações feitas em Susã, exóticos materiais de construção merecem citação.[16] Estes eram importados de todo o império, incluindo a Etiópia e a Índia, que são mencionadas juntas como fonte de marfim (cf. Et 1:1). As primeiras escavações feitas em Susã por M. A. Dieulafoy, careciam da precisão científica alcançada hoje, e precisavam contender com uma confusão de ruínas, já saqueadas por Alexandre, o Grande, e seus sucessores. Não obstante, as principais características do complexo palaciano foram identificadas. Entre elas, a sala do trono, o harém e a posição do paraíso ou jardim, regado pelo rio das proximidades (cf. Et 1:5; 7:7). Se o autor de Ester não conhecesse Susã de primeira mão, ele estava extremamente bem informado a respeito da residência real, tanto quanto a respeito do caráter do rei.

b. Os nomes de Ester e Mordecai

Um dos argumentos mais fortes contra a historicidade deste livro reside nas evidências apresentadas por Heródoto de que a rainha de Xerxes durante aquele importante período se chamava Amestris.[17] Vários argumentos têm sido

12. A. T. Olmstead: *History of the Persian Empire* (University of Chicago Press, 1948), p. XIV.
13. Veja, *v.g.*, *IBD* I, p. 24. Xerxes foi o responsável pelo mais polido desses relevos.
14. *HPE*, p. 171.
15. *HPE*, pp. 230s..
16. A. T. Olmstead (*HPE*, p. 168) inclui uma tradução da importante seção e detalhes completos das publicações feitas como resultado das descobertas.
17. *Histórias* VII, 61, 113.

usados para tentar justificar esta discrepância: I. Tem sido sugerido que Amestris e Ester são duas maneiras de se pronunciar o mesmo nome. "A tendência de encurtar nomes estrangeiros, particularmente quando a sua etimologia não é conhecida, é generalizada. O nome grego "Alexander" foi amplamente aceito como "Sander".[18] II. Sejam quais forem os méritos do argumento lingüístico, em bases históricas esta identificação é impossível, como o indica J. S. Wright: "Visto que o terceiro filho de Xerxes e Amestris, Artaxerxes I, nasceu em cerca de 483, Amestris não pode ser identificada com Ester, que ainda não era casada à época".[19] Ele continua argumentando que, dado um nome persa que incluía "V" e "Sh", sons que não ocorriam em grego, Vashti poderia ter-se tornado Amestris. Em vista do fato de que o nome persa já havia sido hebraizado, tal identificação é uma possibilidade, mas não pode ser mais do que isso. Contudo, também não somos justificados em presumir que o autor de Ester estava elaborando história. O rei era bem capaz de tomar uma esposa secundária; a posição oficial de rainha não seria ameaçada, e o nome dela continuaria a aparecer em registros oficiais. O fato de não haver evidências extra-bíblicas em favor de Ester não nos deve surpreender.

A derivação do nome de Ester é discutida. O hebraico *Hadassa* (2:7), que significa "murta", evidentemente soava como o nome persa, que vem da deusa babilônia *Ishtar* ou do persa *sitâr*, "estrela". O nome persa ajudava Ester a conservar secreta a sua identidade estrangeira.

O nome de Mordecai é bem autenticado como nome pessoal na Pérsia do século V a.C., e aparece em tabuinhas de tesouros em Persépolis em várias formas. Mais particularmente, um homem chamado Marduka é mencionado em texto não datado, que provavelmente pertence às duas primeiras décadas do século V. Ele servia como contador em uma equipe de inspetores itinerantes que partira de Susã, e portanto poderia ser o Mordecai bíblico, que regularmente se assentava às portas do rei (2:19), como os oficiais persas mencionados por Heródoto.[20] Mesmo assim, é impossível saber-se com que probabilidade ele pode ser identificado com o personagem do livro de Ester, pois não há forma de se saber quantas outras pessoas tinham esse nome. Por outro lado, Moore chega à conclusão de que "a evidência epigráfica concernente a Marduka certamente nos impede de excluir categoricamente como pura ficção os episódios envolvendo Mordecai no livro de Ester".

---

18. Robert Gordis: "Religion, Wisdom and History in the Book of Esther – A New Solution to an Ancient Crux", *JBL* 100, 3 (setembro de 1981), p. 384.
19. *NPOT*, pp. 40s.. Ctesias XIII 51 é a fonte de informação a respeito de crianças.
20. *Histórias* III, 120. A respeito do nome Mordecai, C. A. Moore; Archaeology and the Book of Esther," *BA* 38 (1975), pp. 73..

c. Purim

Para muitos escritores, vários problemas relacionados com a origem do Purim obscureceram a questão histórica. De acordo com o livro de Ester, que se propõe a explicar como se originou essa festa anual, o lançamento de sortes para se escolher datas propícias para marcar eventos importantes era costumeiro na Pérsia, e a palavra *pūr* é apresentada com seu significado: "sortes" (3:7). Em hebraico o termo era *gôrāl*, "pedra", pois o costume de se atirar uma espécie de dado a fim de decidir certas questões era conhecido também em Israel (cf.Lv 16:8; Nm 26:55; Sl 22:18), mas a palavra *pūr* não era conhecida geralmente.

Esta explicação não convenceu totalmente os eruditos, que apresentaram as suas próprias teorias para explicar a origem desta festa e, pelo menos neste particular, rejeitaram a historicidade do livro de Ester. A explicação em 9:26: "Por isso àqueles dias chamam purim, do nome Pur", tem surpreendido muitos estudiosos como expressão forçada. Para confirmar essa alegação, tiram-se evidências da referência a essa festa como dia de Mordecai em II Macabeus 15:36, e em versões gregas de Ester e em Josefo como *Phrourai*. Acrescente-se a essas evidências a natureza pagã dessa celebração, quando se encorajava o consumo de bebidas, e será fácil verificar-se porque se aventou como probabilidade uma fonte pagã para essa festa. "Muitos eruditos acreditam, portanto, que a palavra *pūrîm* represente uma etimologia folclórica posterior para uma festa pagã judaizada, isto é, *pūrîm*, (plural hebraico de *pūr*, "sorte") fosse um nome suprido pelos judeus babilônios a uma festa judaica que inicialmente fora pagã tanto na sua origem quanto no seu caráter".[21] Várias derivações alternativas engenhosas foram sugeridas no decorrer dos anos, usando-se palavras estrangeiras de consonância duvidosa, nenhuma das quais tinha algo a ver com o lançamento de sortes, e nenhuma delas substituiu a explicação bíblica.[22]

Em uma recente conferência e artigo, W.W. Hallo chamou a atenção para um dado em forma de cubo, constante da coleção Yale, trabalho esse publicado em 1937, e importante por sua inscrição, que por duas vezes usa a palavra *pūru*, "sorte". Ele é conhecido como "o dado de Iahali", oficial graduado de Salmaneser III, rei da Assíria de 858 a 824 a.C. "É o único cubo que sobreviveu até nossos dias, da época quando as sortes eram lançadas anualmente para a escolha e instalação do "epônimo oficial", cujo nome era usado em tabuinhas cronológicas para dar a entender um certo ano do reinado de um rei."[23] Como o

21. Assim a opinião predominante foi resumida por C. A. Moore, *art. cit.* p.76.
22. Um sumário ocorre em "The First Purim", de W. W. Hallo, *BA* 46.1 (1983), p. 22.
23. Parte de um noticiário datado de 21 de abril de 1934, descoberto por William Hallo e reimpresso em *BA* 46.1 (1983), p. 27.

explica Hallo: "Sabemos que o quarto ano do "segundo termo" (como o 25º do primeiro termo) foi chamado pelo nome de Iahali". [24] Embora o livro de Ester pertença à Pérsia do século V a.C., e descreva o uso de sortes para um diferente propósito, não obstante "a terminologia e a técnica usadas permanecem as mesmas".[25] Desta forma, a derivação da palavra *pūrîm* dada no livro é justificada pelo extraordinário acaso da arqueologia de que um dado, tendo a palavra *pūru* nele inscrita, tenha vindo à luz.

O dado serve para objetivos mais amplos, porque ilustra como era generalizada a crença em um destino predeterminado, com o que se considerava importante os homens cooperarem, se queriam ter sucesso em seus empreendimentos. Os acontecimentos do ano todo eram predeterminados no Dia de Ano Novo, no reinado de Salmaneser, fato que lança luz sobre Ester 3:7. Evidentemente naquela época, o diário da corte ainda estava sendo, cerca de trezentos e cinqüenta anos mais tarde, organizado com a ajuda de dados, lançados para estabelecer datas auspiciosas para todos os eventos conhecidos, para o ano todo. Este detalhe remove um dos problemas citados regularmente a respeito deste livro e, retroagindo, força uma revisão de conceitos errados anteriores.

Dado o fato de que os judeus viviam em uma cultura dirigida pelo destino, enquanto habitavam na Pérsia, e nas outras terras do exílio, podemos facilmente apreciar que a sua teologia precisava entender e incluir uma crença no poder do seu Deus para vencer a maneira como os dados caíam (Pv 16.33). O livro de Ester leva o assunto ainda adiante: até mesmo depois que os dados haviam sido lançados, o Senhor era poderoso para inverter os seus bons augúrios em maus, a fim de libertar o Seu povo.

Um exame das principais alusões históricas no livro de Ester tem confirmado a exatidão de muitos detalhes. Os acontecimentos desse livro podem ser harmonizados com o que se conhece de outras fontes a respeito do reinado de Assuero e, sobretudo, o seu caráter é reconhecidamente o mesmo. A extensão do seu império, a sua capital, e as minúcias dos costumes observados na corte – tais como o uso de correios em cavalos de posta (3:13; 8:10), a proibição de lamentações (4:2) e do enforcamento como pena de morte (5:14) – são exemplos do mundo genuinamente persa em que a ação tem lugar. A descoberta da palavra *pūru* em um dado confirmou a dependência do mundo antigo da idéia de destino, e transformou o que anteriormente parecia "historicamente improvável" como explicação da origem de Purim, em um incidente que precisa ser levado a sério.

Em contraste, todavia, há características da história que continuam a parecer improváveis. Os meses de festividade (1:4), o ano de preparação de beleza (2:12), a altura da forca de Hamã (5:14) e o grande número de pessoas

24. *Ibid.*, p. 20.
25. *Ibid.*, p. 22.

mortas pelos judeus (9:16) são exemplos óbvios. Além disso, a trama da história depende de uma rede de estranhas coincidências que, pela natureza do caso, são impossíveis de se verificar, e que muitos estudiosos consideram como características de ficção e não de eventos históricos. Por outro lado, os eruditos continuam a julgar que o livro tem um núcleo histórico. R. Gordis, por exemplo, considera que "não há nada intrinsecamente impossível ou improvável no incidente central, quando se colocam de lado os acréscimos devidos à arte do contador de estórias".[26] Mas as evidências são ambíguas, e os juízos inconclusivos. A importância deste livro para os historiadores modernos pode ser medida pelo fato de que, enquanto Josefo incluiu a história de Ester em suas *Antigüidades dos Judeus*, Martin Noth, em sua *History of Israel* (História de Israel), não faz menção dele, e Geo Windengren trata dele suscintamente, em treze linhas. "Ele não tem muito valor histórico."[27] John Bright menciona esse livro nominalmente, mas é só.[28] Seja o que for que os outros digam, na prática os historiadores ignoram o livro de Ester. Sejam quais forem as razões para essa negligência em relação ao livro, temos razão em presumir que os historiadores hodiernos não levam a sério a ameaça que ele registra, contra a própria existência da raça judaica.

III. CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS

Um estudo da exatidão histórica do livro de Ester nos levou a certa distância na direção de um entendimento desse livro, mas se provou inconclusiva. A sua excelência literária freqüentemente tem sido notada, e pode ser que seja útil uma apreciação da arte do seu escritor e dos seus métodos de alcançar efeitos desejados, para se discernir o objetivo que ele tinha ao escrevê-lo. Fazer-se uma apreciação literária de um livro é uma forma de entrar na mente do autor, descobrindo tanto os seus pressupostos inconscientes quanto conscientes. As palavras que ele usa, os temas repetidos e a estrutura do seu livro, considerados em conjunto, propiciam indicadores da sua mensagem.

Só um número limitado de obras bíblicas têm como palco outro país que não seja a terra de Israel/Judá. A narrativa de José é um exemplo óbvio, e estudos recentes examinaram a extensão em que o livro de Ester é modelado segundo as experiências de José no Egito. [29] Os livros de Rute e Jonas reúnem

26. "Religion, Wisdom and History in the Book of Esher", *JBL* 100.3 (setembro de 1981), p. 388.
27. J. H. Hayes e J. M. Miller (eds.): *Israelite and Judean History* (SCM, 1977), p. 493.
28. *A History of Israel* SCM, 1972, p. 434.
29. Esta comparação não é nova. A tradição judaica tem ligado as duas histórias, e no fim do século XIX L. A. Rosenthal e P. Riessler contribuíram com artigos a respeito do assunto, em *ZAW* (1895, 1896, 1897). Estudos recentes em inglês incluem: *"Wisdom in the Book*

pessoas de outra cultura e religião com israelitas que estão tentando viver em obediência ao Deus vivo, enquanto o livro de Daniel, localizado na corte da Babilônia nos primeiros dias do exílio, e incluindo um incidente do período persa, tem um pano de fundo comum com Ester. A extensão e o significado de outras semelhanças precisam ser avaliados.

Não é de se admirar que a literatura produzida por residentes forçados em terras estrangeiras deva ser escrita a respeito de temas semelhantes, nem que a aculturação seja verificada em sua forma mais aguda nas vidas de figuras públicas que servem na corte. A respeito deste último critério, dentre os livros acima mencionados, Rute e Jonas têm menos pontos em comum com Ester. No entanto, eles ilustram atitudes em Israel para estrangeiros e, à semelhança do livro de Ester, mostram que relacionamentos humanos significativos são possíveis através de barreiras nacionais. Não apenas isso; o Senhor chega a operar para executá-los. Em cada um desses livros mostra-se a mão de Deus em operação nos negócios humanos de maneira geral, não apenas nos negócios de Israel, como se tal especialização da soberania divina fosse possível. Ele controla toda a história com o propósito discernível de estabelecer e efetuar a salvação. Como o livro de Ester, Rute tem no seu papel-título uma mulher que, mediante submissão obediente mas corajosa, desempenha a sua parte em operar aquela salvação. Jonas também salva Nínive. Estilisticamente o livro de Rute se ajusta ao seu tema. Prefiguração e previsão, contraste e equilíbrio, desempenham um papel importante em apresentar a mensagem de que as coisas não são o que parecem. O que para os participantes parece coincidência, demonstra-se, a longo prazo, ser evidência da mão de Deus em operação; Ele é bem capaz de surpreender e restabelecer aqueles a quem rebaixou. Em Jonas a "inversão" acontece no próprio profeta, e a mudança se reflete na segunda parte da narrativa, em que Jonas faz como lhe fora dito. Há um equilíbrio nas duas partes da história, e um equilíbrio semelhante foi indicado na estrutura de Ester.[30]

Daniel 1–6 e as narrativas de José demonstram que um israelita era capaz de elevar-se ao poder em uma corte estrangeira. Era um lugar perigoso, e surgiram ameaças à vida e à liberdade, mas através delas foram executados os atos salvadores de Deus. Não é necessário colocar-se em jogo a lealdade a Deus e ao direito, pelo fato de se viver em uma cultura idólatra e, estando asse-

---

of Esther", de S. Talmon, *VT* 13 (1963), pp. 419-455; de W. Lee Humphreys, "The Motif of the Wise Courtier in the Old Testament" (Dissertação-tese de doutorado em teologia, Union Theological Seminary, Nova Iorque, 1970); de Sandra Beth Berg, *The Book of Esther* (SBL Dissertation Series, Scholars Press, Missoula, E.U.A. 1979), pp. 123-142. Tenho uma dívida de gratidão especial para com o trabalho de Berg nesta seção.

30. Yehuda T. Radday: "Chiasm in Joshua, Judges and Others," *LB* 3 (1973), p.9. Citado por Berg, p. 108.

gurada esta prioridade, pode ser dada lealdade a reis estrangeiros. Embora com isso não se evitasse o sofrimento, o direito era vindicado, o herói israelita era promovido, e em alguns casos os inimigos eram castigados.

A história de José tem o maior número de afinidades lingüísticas com Ester. Onde o assunto é parecido há notáveis semelhanças de fraseologia (cf. Gn 41:42-43 com Et 6:11; Gn 39:10 com Et 3:4; Gn 44:34 com Et 8:6). Estas semelhanças incluem tanto vocabulário quanto expressões gramaticais, mas individualmente os exemplos não são tão impressionáveis, porque são muito comuns. Só quando estes são vistos cumulativamente, é que a possibilidade de dependência se apresenta. Se a história mais antiga é bem conhecida, ela pode sugerir ao autor um paradigma para a situação posterior, e ele pode deliberadamente "tomar emprestada" a fraseologia, porque as suas associações fazem lembrar o tipo de mensagem que ele deseja transmitir.[31] O último escritor também resolveu usar alguns dos mesmos artifícios usados pelo narrador da história de José, como a previsão de acontecimentos e interrupção da intriga, criando assim uma tensão dramática. A atividade de Deus é mencionada ocasionalmente em conexão com as experiências de José (cf. Gn 45.4-8), mas omitida inteiramente em Ester. Berg conclui: "Com exceção das correspondências lingüísticas, grande parte das semelhanças entre José e Ester são de natureza genérica", e qualquer relato preciso da dependência do livro de Ester da história de José é enganoso. Uma sugestão é que este último escritor queria indicar que a iniciativa humana era essencial para que o resultado dos acontecimentos tivesse sucesso, e isto pode ser inferido da história de Ester.

O fato de esses temas comuns ocorrerem em várias histórias bíblicas não deve levar à conclusão de que são contos imaginários sem base em fatos. As vítimas da opressão nos dias atuais mostram uma preocupação natural em suas obras literárias, com as injustiças que elas e outras pessoas sofreram às mãos de seus opressores, mas toda sorte de artifícios estilísticos podem ser usados para levar o leitor a entender a mensagem. A mesma coisa é verdadeira em relação aos escritores bíblicos, cuja mensagem interessava a israelitas além dos limites geográficos da sua terra. O elemento miraculoso não ocorre em Ester; o tempo parecia longo e monótono, contudo a libertação foi efetuada. Os acontecimentos celebrados nesse livro eram uma espécie de garantia de que, a despeito do exílio, ainda havia motivo para esperança. Poderia haver uma resposta à oração do salmista:

31. Não há necessidade de concordar com a opinião de que a narrativa de José foi um documento pós-exílio, uma *Diasporanovelle, expressa, v.g.*, por Arndt Meinhold em uma dissertação de doutorado (1969) e citada por Berg, p. 142. Veja também "Die Gattung der Josephgeschichte und des Estherbuches; Diasporanovelle, I, II", *ZAW* 87 (1975), pp. 305-324; 88 (1976), pp. 79-93.

> Já não vemos nossos símbolos,
> já não há profetas
> nem, entre nós, quem saiba até quando.
> Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará? (Sl 74.9,10)

a. Temas

O livro começa apresentando Assuero; ele o faz de maneira a enfatizar o seu extenso império, sua capital de Susã e sua riqueza pessoal e poder. O rei Assuero era um homem com quem se devia ajustar contas. Embora o seu estilo e o ideal de realeza em Israel (cf. Dt 17.14-20) dificilmente poderiam ser mais diferentes, Assuero era poderoso, enquanto que os reis e o reino de Israel não o eram mais. O contraste implícito tem peso; não obstante, há ironia no capítulo um. A despeito da exibição de riqueza, glória, esplendor e pompa (1:4), a rainha desafia a sua majestade, e a autoridade de todos os maridos é ameaçada. O autor tem outras idéias a respeito de liderança e uma medida diferente pela qual julga os valores.

Intimamente associado com o da realeza, está o tema de festividades. Ostensivamente impressionado com a magnificência do palácio recém-construído, os ilimitados suprimentos e os meses de diversão, o autor estabelece um contraste implícito entre os cento e oitenta dias para os visitantes aristocráticos e os sete dias para os residentes locais. E nada de bom resulta destas festas, que ocasionam a queda da rainha, e levantam a questão de uma sucessora. Ester também realiza duas festas, sendo que na segunda Hamã cai do poder e encontra o seu fim. Finalmente Mordecai institui dois dias de festa que devem ser observados por todos os judeus. Os exilados desprezados e impotentes compartilham da exaltação ao poder de Ester e Mordecai, através de quem eles foram salvos da morte. Agora o povo tinha medo deles (8:17; 9:2). Estas três ocasiões paralelas de festividade, espalhadas como estão desde o início até o meio e o fim da história, argumentam em favor da sua unidade e ilustram a inversão de papéis.

Um outro tema, dificilmente menos óbvio, é o de lealdades conflitantes. Como residentes do império persa, os judeus deviam lealdade ao rei, mas eles também se dedicavam a manter as tradições da comunidade dos seus patrícios, espalhados por todas as províncias. O conflito começou quando o favorito do rei esperava que todos se prostrassem diante dele. A recusa de Mordecai é declarada mas não explicada, exceto pelo fato de ser explicação à condição de judeu de Mordecai(3:4). Para Hamã isso foi um insulto pessoal, enquanto que para Mordecai era uma questão de consciência, um conflito suficientemente familiar em muitos aspectos da vida. No entanto, Mordecai já havia provado a sua lealdade ao rei (2:19-23). A insubordinação de Mordecai ocasionou a ameaça

mortal que levou Ester a desobedecer ao rei (4:11). O seu desejo natural de se conformar e obedecer foi confrontado pela necessidade de salvar o seu povo da morte. O autor apresenta as reivindicações conflitantes e indica que a obediência ao rei e marido precisavam dar lugar à soberana importância da vida do povo de Deus (embora ele não o chame dessa forma). Uma vez convencida de que precisava identificar-se com a necessidade do seu povo, Ester agiu com coragem e tornou-se, por sua própria virtude, (e não apenas pela tutela de Mordecai) uma líder que tomou iniciativas e salvou a situação. A desobediência civil de natureza menor é considerada como justificada por uma causa maior, a saber, o genuíno bem do estado (7:4). O autor está convencido de que a lealdade tanto ao governador temporal quanto aos princípios eternos é possível em um estado estrangeiro, embora possa envolver conflito.

Entre os banquetes do rei e os de Ester, o tema contrário do jejum é apresentado duas vezes (4:1-3;16). O jejum, tanto quanto os banquetes, tinha lugar em companhia de outras pessoas e demonstrava a solidariedade de todos os judeus ao enfrentarem a ameaça à sua nação. As suas roupagens de lamentação, seus lamentos ruidosos e suas reuniões públicas, permitiram que os seus protestos fossem observados pelo resto da população, que registrou a inquietação (3:15), e mais tarde os apoiou (8:15,17). Os cidadãos comuns lhes tinham simpatia, dando aos olhos do escritor uma estimativa correta de onde estava a justiça. Quando Ester precisava arriscar a sua vida ao invadir a sala do trono do rei em favor do seu povo, ela desejava fazê-lo com o total apoio deles. O jejum de três dias de que todos participaram demonstrou que todos permaneceriam de pé ou cairiam juntos. O banquete de Ester (2:18) é seguido pelo jejum de Ester (4:16).

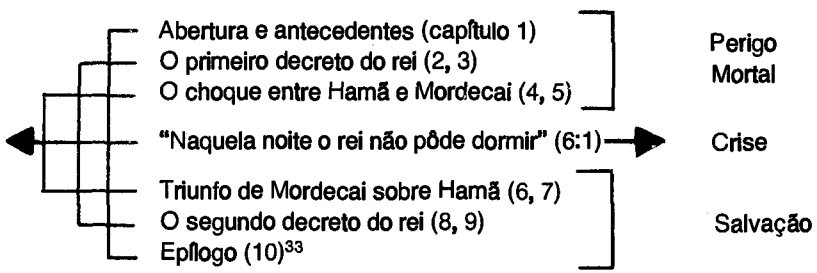
O contraste entre jejum e banquete, e talvez a importância do que acontece durante o jejum como chave para os eventos ocorridos durante o banquete, são mantidos na instituição do Purim. Embora regozijo seja a maior e principal ênfase, também deve ser recapitulado um jejum no acontecimento anual comemorativo (9:31). Embora as festas sejam mais proeminentes do que os jejuns, como o deviam ser na vida da corte, é em conexão com os jejuns que acontece o ponto crítico da história (4:14). As palavras de Mordecai dão a entender que a vida não é uma mera coleção de incidentes feita ao acaso, mas, nas mãos de um guia invisível, uma jornada que tem objetivo, durante a qual a pessoa desempenha um papel pretendido. Portanto, prevê-se um resultado auspicioso para o jejum, e pode-se subentender isto nos jejuns comemorativos de futuras crises.

Vários outros temas poderiam ser sondados com bons resultados, tais como o papel da lei (heb. *dāṯ*, que ocorre em outras passagens do Antigo Testamento apenas em Dt 33:2; Ed 8:36); a outorga de presentes pelo rei, cuja omissão em 2:23 é compensada em 6:6, para espanto de Hamã; e o papel de-

sempenhado no livro pelas "coincidências". Creio que podemos dizer com certeza que um estudo dos temas literários fez mais para promover a compreensão deste livro do que todas as discussões da sua historicidade, que tanto ocuparam os eruditos no começo deste século. "Se abordarem as Escrituras apenas como história, os intérpretes das Escrituras estarão condenados a viver no passado, ou, o que dá no mesmo, a tentar reproduzir o passado no presente. Isto é impossível fazer."[32] Os temas predominantes de um livro e a maneira como o autor os maneja levam o leitor para perto da dimensão eterna das Escrituras.

b. Estrutura

A menção de temas que ocorrem no livro já revelou uma relação com a sua estrutura, sugerindo que ela se conforma a um padrão. Parte da tarefa do leitor é discernir se existe tal padrão, e se existe, o que ele indica a respeito da mensagem que o autor quer transmitir. Tendo logo de início preparado o palco, o livro de Ester começa a indicar que nem tudo está bem em Susã. Vários fios são entretecidos para produzir esta impressão, sendo o dominante o ódio de Hamã que ameaça exterminar os judeus. A morte de Hamã no lugar de Mordecai, e a morte dos inimigos dos judeus, são o resultado inesperado de uma seqüência de "coincidências". A fim de determinar a estrutura, é necessário decidir o ponto crítico da trama. É tentador procurar uma marca de "meio caminho andado", como a noite de insônia do rei (6:1-3), que acontece entre as duas festas de Ester, e propicia um centro ao redor do qual poderia ser construída a simetria da estrutura. Isto já demonstrou produzir um resultado crível, como o demonstra o diagrama abaixo.



32. James G. Williams: *Women Recounted: Narrative Thinking and the God of Israel*, p. 13. Embora Williams possa estar exagerando um pouco, ele assim mesmo tem um valioso ponto de vista.
33. Yehuda T. Radday: "Chiasm in Joshua, Judges and Others," *LB* 3 (1973), p. 9. Reproduzido por Berg, p. 108.

É claro que há a possibilidade de se deixar passar despercebidos importantes fatores ao se buscar um "padrão", a que se pode chegar apenas mediante um processo de simplificação exagerada. Portanto, há necessidade de investigar mais, para ver se uma análise mais detalhada suporta a estrutura geral proposta. Isto também foi feito, até o ponto de mostrar que no hebraico a redação de pares de sentenças liga entre si acontecimentos anteriores e posteriores (*v.g.* 3:1 com 10:3; 3:7 com 9:24).[34] Estes dois exemplos mostram que o autor tem todo o cuidado em ligar as extremidades, mas não necessariamente mais do que isto. Outros exemplos são elaborados mais firmemente na textura da história, e mostram o tema da "inversão" sendo elaborado (*v.g.* 3:10 com 8:2a; 3:12-13 com 8:9-11; 3:14 com 8:13). Não há nada de artificial a respeito destas comparações; os eventos acontecem duas vezes, e redações semelhantes acontecem duas vezes, mas o autor poderia ter diferenciado a maneira de se expressar. O fato de que ele prefere repetir a sua fraseologia confirma a opinião de que ele estava chamando deliberadamente a atenção para o contraste entre o que se esperava e o resultado eventual. Uma fraqueza é a concentração de exemplos nos capítulos 3 e 8. Embora não estejam confinados a esses capítulos, os exemplos sustentariam mais adequadamente a estrutura se ocorressem de maneira mais esparsa.

Uma comparação de palavras e frases dá algum apoio ao argumento de que o autor estava estruturando a sua obra como exemplo de expectativas que se realizavam de maneira contrária. Os episódios que se equilibram também tendem a sustentar esta tese: três banquetes acontecem na primeira metade do livro, e três na segunda; as crônicas reais são mencionadas no começo (2:23), no meio (6:1) e no fim (10:2). [35] Mas, como o admite o próprio Radday, os elementos estilísticos não ocorrem na ordem inversa que a estrutura quiasmática exige estritamente.[36] Se, todavia, o escritor está registrando acontecimentos que eram bem conhecidos pelo menos de alguns dos seus leitores, havia limites em sua liberdade de ordená-los. De qualquer forma, foram os próprios acontecimentos que ditaram a estrutura; o que aconteceu no fim foi o oposto do que originalmente se esperava, e isso levanta a questão do motivo pelo qual isso deveria acontecer dessa forma. Está o escritor chamando a atenção para a mão invisível da Providência em ação, como por exemplo ao fazer com que o sono fugisse do rei (6:1), explicando assim porque esse versículo é o ponto central? Ou está ele mostrando o papel desempenhado pelas decisões humanas na elaboração da história, caso em que o ponto crítico se colocaria no capítulo 4, quando Ester concorda em arriscar a vida (16)? A ênfase em jejum

34. Berg, pp. 106s.. Ela usa a obra de M. Fox.
35. Y. T. Radday, *art. cit.* p. 9.
36. A estrutura de Zacarias mostra isto. Cf. J. G. Baldwin *Ageu, Zacarias e Malaquias* (CSCB, 1982), p. 67.; veja também Estrutura, pp. 57-64.

comunitário, porém, nega a sugestão de que tudo depende de u'a mulher. Sobretudo, o jejum subentende oração dependente, implorando a ajuda divina. Como Berg o indica, é deste ponto em diante que a "série de 'teses' chega ao fim e começa a série de 'antíteses'". Aqui Mordecai obedece a Ester, invertendo a imagem que temos dos protagonistas. Ester se torna a iniciadora dos eventos, e esta transição é marcada pelo fato de Assuero recompensar, e não punir o crime dela em 5:1-5.[37] Infere-se não tanto que a intervenção humana molda os acontecimentos, quanto que a admissão humana de fraqueza e necessidade ocasiona uma inversão que, à luz das lutas pelo poderio mundial, tem implicações de longo alcance para a história. O curso de acontecimentos esperado pode repentinamente ser invertido em favor dos oprimidos. Em perspectiva nada parece menos provável; daí o fato de Ester estar preparada para que aconteça o pior: "Se perecer, pereci" (4:16). Da mesma forma, não poderia ser alegada nenhuma base para se ter esperança (cf. Dn 3:17-18). Não obstante, o autor evidentemente cria que estava fazendo mais do que relatar um exemplo de libertação isolado e que não se repetiu.

Contudo, toda boa história apresenta um problema e indica como ele pode ser resolvido. Ester não é exceção. Considerada de um ponto de vista, a solução é inesperada; de outro, os acontecimentos e cenas seguem uma seqüência natural. Em outras palavras, o autor escolheu as suas cenas de maneira tão hábil que a ação é bem ajustada e convincente. A estrutura resultante permite que o leitor veja como o escritor percebera os acontecimentos, a seleção, tanto de incidentes como de fraseologia, indicando o equilíbrio entre expectativa e resultado, e deixando o leitor a fazer as suas próprias deduções quanto ao que este contraste tem a dizer a respeito da história em geral. As gerações subseqüentes não lhe fizeram justiça.

IV. GÊNERO LITERÁRIO

Em que categoria de literatura enquadra-se melhor este livro de Ester? A pergunta parece ser acadêmica, mas assim mesmo é outra maneira de se penetrar no mundo do autor, nos seus pressupostos e seu objetivo em escrever, abordagem esta que tem se tornado popular para os eruditos de anos recentes. O que é mais importante, é que a nossa maneira de entender este livro depende em grande parte de se apreciar o tipo de literatura à qual ele pertence.

A exegese primitiva judaica do período entre *c.* 200 a.C. a 200 A.D. desenvolveu-se segundo duas linhas: havia a *halaka*, que indicava como alguém devia "andar" e a *haggada*, que preenchia as seções de narrativa das Escritu-

37. Berg, p. 110.

ras. O livro de Ester era considerado como pertencente a ambas as categorias; era tanto lei como história, e era fonte de autoridade do qual podia ser deduzida a observância apropriada do Purim. Contudo, visto que os cristãos não observam o Purim, este livro pouco tinha a lhes dizer, e "nem um único comentário cristão foi escrito a respeito deste livro durante os primeiros sete séculos da nossa era".[38] De fato, só depois do período da Reforma é que comentários sérios de valor duradouro foram produzidos, e esses consideraram Ester como livro estritamente histórico. Lutero e Calvino não deixaram comentário algum sobre Ester.

Quando o Iluminismo irrompeu na Europa no meio do século XVIII, e fez com que a sua influência racionalista chegasse até a exegese bíblica, foram questionadas as opiniões anteriormente esposadas. Portanto, a partir de então começaram a expressar-se dúvidas a respeito do valor histórico de Ester, e esta questão permaneceu como centro de debate entre eruditos mais tradicionais e os mais radicais, quase até hoje. Grande parte dos estudiosos esposou a opinião de que há apenas um vestígio de historicidade nesse livro, embora uns poucos argumentem em favor da sua historicidade completa.[39] S. R. Driver aceita que haja improbabilidades nessa história, "embora não se possa duvidar razoavelmente que essa narrativa tenha uma substancial base histórica".[40]

No outro extremo do espectro há uns poucos escritores que julgam este livro como invenção ou ficção, ponto de vista representado por R. H. Pfeiffer, que coloca Rute, Jonas e Daniel na mesma categoria. Escrevendo na década de 1940, ele afirmou confiadamente que a maioria dos críticos havia chegado à conclusão de que a "estória" de Ester não é história, mas ficção.[41] Ele admite que o caráter de Xerxes se parece com o retratado em outras fontes, e que os incidentes relatados não contradizem a história de seu reinado, mas nota numerosos detalhes "altamente improváveis" que considera característicos de ficção, e como resultado de pesquisa cuidadosa da parte do novelista. Embora Pfeiffer considere perda de tempo especular a respeito da possibilidade de que alguns incidentes possam ter sido baseados em fatos, porque tais opiniões carecem de qualquer confirmação, ele bisonhamente presume que a sua idéia de que "as coincidências, o artificialismo da trama e o objetivo transparente" estabelecem o fato de esta obra ser ficção.

---

38. L. B. Paton, *ICC*, p. 101.
39. Dentre os que consideram o livro como histórico estão C. F. Keil (1870); A. H. Sayce (1885), embora ele tenha mudado de opinião em 1893; J. Hoshander (1923); J. B. Schildenberg (1941); J. S. Wright (1970); R. Gordis (1981).
40. *LOT*, p. 483.
41. *PIOT*, pp. 737-740. Ele escreve: "A exatidão de algumas cores locais prova apenas que o autor conhecia quase tanto a respeito da cultura persa quanto os arqueólogos modernos" (p. 740). Ele podia, afinal de contas, ter vivido em Susã!

Embora possa ter sido essa a cena na década de 1940, escritores mais recentes não seguiram totalmente a posição radical de Pfeiffer em relação a este livro, embora a influência das suas opiniões continue a ser visível. L. H. Brockington, por exemplo, demonstra-se impressionado com a qualidade de ficção de muitas minúcias, incluindo os nomes dos personagens. [42] Mas ele reconhece o grande conhecimento do autor dos costumes locais, e classifica o seu livro como uma novela histórica, usando desta forma os melhores elementos de ambos os pontos de vista: o histórico e o fictício. Não que essa classificação fosse nova, pois ela fora sugerida havia muito tempo.[43] Este ainda é o julgamento mais freqüente apoiado pelos comentaristas.

Em vista da popularidade das novelas históricas na Europa durante o século XIX, esta sugestão é natural, se passar de um pequeno anacronismo. Encontrou-se apoio para ela nas histórias de Judite e Tobias, nos livros apócrifos, tanto quanto nos contos semi-históricos da literatura persa. Não obstante, ainda havia grande distância entre estes exemplos de histórias antigas e a novela histórica moderna, e havia vastas diferenças entre os contos antigos, tanto que o livro hebraico de Ester foi aceito como estando em uma classe diferente das outras duas. [44] Como nota B. W. Anderson em relação à inclusão de Ester mas não de Judite no cânon da Escritura, "há uma certa sabedoria e significado no fato de que Ester aparece no cânon da Escritura, que a igreja afirma ser a palavra de Deus".[45] Ele considera este livro, sem pensar no seu gênero literário, como "uma testemunha histórica valiosa da luta judaica pela sobrevivência no período pós-exílio".[46]

Uma das diferenças mais óbvias entre as novelas históricas e esses livros antigos é a sua duração, e há muita coisa a ser dita a esse respeito em termos de historieta curta (*Novelle*, em alemão), e visto que Ester conta fatos que se passam na Pérsia entre os exilados esparsos por ali, *Diasporanovelle* é provavelmente a categoria a ser lembrada.[47]. Além disso, desde que a história é

---

42. *CeB*, pp. 217-220.
43. Veja, por exemplo, A. H. Sayce: *The Higher Criticism, and the Verdict of the Monuments* (1893), pp. 469ss.; W. F. Adeney, EB, p. 354; A. W. Streane, *CB*, pp. xivs..
44. Cf. "Texto e Versões de Ester", pp. 37-42, abaixo.
45. "The Place of the Book of Esther in the Christian Bible", *Journal of Religion* 30 (1950), p. 34.
46. *Ibid.*, p. 39, nota ao rodapé.
47. Cf. p. 26, nº 2. Há aspectos da *Novelle* (tipo de literatura que não foi desenvolvida em inglês) que podem torná-la apropriada para Ester. Ela se restringe a um único acontecimento, que tende a apresentar como "acaso", e a função da *Novelle* é revelar que, na verdade, o acontecimento se deve ao "destino". A elaboração do acontecimento revela qualidades de caráter nas pessoas envolvidas, que eram latentes nelas, e a sua ação precisa ter lugar no mundo da realidade. O seu ponto de partida pode ser um acontecimento real. Ela trata de um assunto notável e em sua estrutura tem um ponto crítico que

concernente à origem do Purim, ela tem sido chamada de "lenda festival".[48] Estes títulos descritivos são menos úteis do que tentativas para encontrar uma categoria geral, tais como a de Talmon para ligar Ester com a literatura de Sabedoria.[49] A sua sugestão de que ele é um conto de sabedoria historicizado, ilustrando o resultado de máximas aplicadas aceitas pelos sábios, seja qual for a sua raça, colocaria este livro no contexto mais amplo dos internacionalmente reconhecidos, da compreensão pragmática do mundo e de suas leis. Também ajudaria a explicar a estranha ausência do nome de Deus e de todas as referências à oração e a outros costumes religiosos. A este respeito isso contribui para uma possível forma de se compreender este livro, e de se considerar um dos seus aspectos mais enigmáticos, a saber, a omissão de qualquer referência à terra de Israel ou de qualquer uma das suas instituições sagradas. Talmon insiste em que "a apresentação com imagens da sabedoria tradicional não prejudica necessariamente a possível autenticidade da situação histórica que é descrita nesse livro."[50] Em outras palavras, os incidentes históricos se prestam à apresentação em roupagem de sabedoria, de forma que o "conto de sabedoria historicizado" de Talmon deixa aberta a questão de terem ou não acontecido realmente os eventos narrados. O argumento mais forte contra a tese de Talmon reside na clara insistência de outros livros de sabedoria da Bíblia no fato de que o Senhor é a fonte da sabedoria (*v.g.* Pv 1:7; Jó 28:28), e de que Deus dirige todos os aspectos da vida humana (Ec 2:24-26). O mesmo acontece com a narrativa de José, que é mencionada freqüentemente em termos de sabedoria. Por que, então, o autor de Ester iria evitar minuciosamente quaisquer referências ao Senhor Deus de Israel?

Outra sugestão recentemente foi feita, dizendo-se que, vindo, como mui provavelmente vem de um contexto persa, este livro é escrito no estilo de uma crônica persa composta por escriba gentio.[51] Como tal, enquadra-se em classe separada dentre os livros da Bíblia, argumenta Gordis. O autor judaico, assumindo o papel de cronista pagão, evita qualquer referência às crenças e costumes do seu povo, mas testifica indiretamente a respeito da sua fé (Et 4:14). Apropriadamente, Mordecai é chamado "o judeu"; o seu povo é referido sempre na terceira pessoa (*v.g.* 9:15); é atribuída a devida honra a Assuero e os seus conselheiros são mencionados nominalmente (1:10, 14); a lista dos filhos de

---

move a narrativa para uma direção inesperada. Cf. E. K. Bennett: *The History of the German Novelle* (Cambridge,[2] 1961).

48. H. Ringgren, *ATD* 16 (1967), pp. 371-404, especialmente 375.
49. S. Talmon, "Wisdom in the Book of Esther", *VT* 13 (1963), pp. 419-455.
50. *Ibid.*, p. 453.
51. Robert Gordis: "Religion, Wisdom and History in the Book of Esther – A New Solution to an Ancient Crux," *JBL* 100.3 (1981), pp. 359-388, especialmente pp. 375-378.

Hamã estaria de acordo com uma crônica oficial (9:7-10); e o amontoado de fórmulas (*cf.* 1:22; 3:12; 4:3) reflete o estilo milenar dos documentos legais. Escrevendo como se fosse um escriba persa, o escritor procura fortalecer a confiança na veracidade da sua narrativa, e desta forma ajudar a estabelecer Purim como um feriado judaico universalmente observado, embora ele não tivesse se originado na Palestina.

Muita coisa há para ser dita em favor desta sugestão de Gordis. Admitimos que "não sobreviveram crônicas históricas, reais ou de outra sorte, do período acaemênico (550-331 a.C.)", de forma que não há meios de se verificar a medida do sucesso do nosso autor em reproduzir o seu estilo.[52] Sabemos, contudo, que outros escritores bíblicos, especialmente os historiadores, aproveitaram-se de crônicas oficiais, e o rápido desdobramento de acontecimentos sem referências a motivos é o que se esperaria de uma crônica oficial. Gordis pensa que em 3:13 há uma citação das palavras salientes do edito de Hamã, repetidas mais uma vez quando este sofre contra-ordens de Mordecai (8:11).[53] O efeito de se colocar entre aspas a citação do edito de Hamã é mitigar uma das objeções éticas feitas contra este livro, pois, embora os judeus tivessem recebido poder para sobrepujar os seus inimigos (9:2), eles mataram apenas os homens (heb. *'îš*) e não lançaram mão de nenhum despojo (9:12, 15). "O livro é hostil apenas a Hamã e a seus asseclas, e não ao rei, à sua corte, ou à população em geral."[54]

Embora ainda não seja possível estabelecer como certo o gênero literário do livro de Ester, estudos recentes abriram novas maneiras de entendê-lo, que se inclinam para uma apreciação maior pela sua contribuição às Escrituras.

V. TEOLOGIA

É provável parecer, à primeira vista, uma anomalia a procura pela teologia de um livro onde nem se menciona o nome de Deus. Há muito tempo este fato tem causado ofensa. O único livro do Antigo Testamento onde isto acontece é Cantares de Salomão, mas ali, em hebraico o nome Yah foi discernido (8:6).[55] Existe uma referência sutil à divindade em Ester 4:14: "de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento" (heb. *māqôm*), mas até mesmo quando oração a ela é o objetivo natural do jejum, isso não é explicitado. As reações a esta deficiência do livro têm exercido segundo duas linhas: I. Os tra-

52. *Ibid.*, p. 375, nota ao rodapé.
53. *Ibid.*, p. 377. Cf. R. Gordis: "Studies in the Esther Narrative", *JBL* 95 (1976), p. 52.
54. *JBL* 95 (1976), p. 52.
55. O sufixo da palavra hebraica *šalhebetyâ*, "chama muito veemente", literalmente "Javé chama" (*BDB*, p. 529a). Cf. G. Lloyd Carr: *The Song of Solomon* (*TOTC*, 1984), pp. 170s.

dutores gregos acrescentaram extensas passagens, três das quais parecem ter o objetivo de tornar mais explícita a obra de Deus, que dá orientação por sonhos e responde a orações. II. Outros têm considerado este livro como não tendo lugar no cânon da Escritura; uns poucos, incluindo Lutero, o disseram explicitamente, mas muitos outros praticamente o omitiram de qualquer consideração. Se o livro de Ester tem lugar nas Escrituras cristãs, é importante apreciar a contribuição que ele faz para o total da revelação do Antigo Testamento, e para a Bíblia como um todo.

É facil verificar porque este livro é valorizado pelos judeus, que sofreram tanto através dos séculos, e se têm apegado à certeza implícita no Purim de que, por severas que sejam as ameaças contra a sua raça, eles têm um futuro. "Deus não é desvendado, a Sua palavra não é direta, e a Sua face não é revelada; no entanto, por trás do véu do *purim*, a providência de Deus para com o Seu povo o sustenta contra os adversários bem contra forças ideológicas, como na Páscoa da antigüidade".[56] Não é para se admirar que esta história tenha deliciado e animado os corações judeus, dando-lhes esperança mesmo nos dias mais obscuros. Ela tem desempenhado o seu papel em manter o que Kenneth Cragg menciona como "esta qualidade transcendental da certeza do direito que Israel tem... que leva os palestinos a lutarem em qualquer sentido contrário, que quase chega a ser semelhante a uma mística de destino". "O sionismo propriamente dito...tem esses elementos muito imponderáveis que...Israel aproveita e usa tão tenazmente – a história sagrada, caráter divino, destino misterioso – e o Holocausto."[57] Até aos dias de hoje, portanto, a leitura anual do livro de Ester, por ocasião do Purim, gera um entusiasmo infalível e conserva viva a crença judaica na contínua providência de Deus, a despeito de todos os sacrifícios de vidas. Aos olhos judaicos este livro vive.

Há dois pontos de vista conflitantes neste livro, a respeito do mundo: um representado por Hamã, que crê no acaso e pensa que nesta base ele pode aniquilar o povo de Deus. Em outras palavras, ele é um ateu prático, e o escritor retrata o seu mundo apenas para parodiá-lo. Colocado em uma posição de poder, ele o usa para incrementar os seus próprios objetivos, enquanto ao mesmo tempo dá a impressão de que se preocupa com os interesses do rei (3:8). Não que ele obtenha lucro com esses artifícios; o dinheiro não é o objetivo, e ele já é inferior apenas ao rei. Pelo contrário, o seu ressentimento encontrará expressão, e será vingado o ultraje contra a sua dignidade. O sofrimento planejado está completamente fora de proporções com a causa, mas a sua mesquinha auto-importância não pode suportar nenhuma oposição, e não faz nenhuma

56. Abraham D. Cohen: "Hu Ha-goral": The Religious Significance of Esther," *Judaism* 23 (1974), p. 94.
57. Kenneth Cragg: *This Year in Jerusalem* (Darton, Longman and Todd, 1982), p. 136.

tentativa para dar importância a isso. Hamã considerava como natural a sua capacidade de projetar acontecimentos e de levar a cabo as suas intenções hostis. Ele crê que pode controlar a história dentro dos limites das suas circunstâncias.

O outro ponto de vista a respeito do mundo também dá ênfase à iniciativa humana. Mordecai recomendou que Ester se aproximasse do rei; se ela falhasse nesse movimento, que era perigoso, a sua vida e a do seu povo podiam ser exterminadas. Esta responsabilidade humana continua a ser proeminente, mas não é isolada da convicção de que os acontecimentos fazem parte de um padrão pelo qual só o Senhor Deus pode ser responsável. É verdade que Ele não é mencionado, mas quando Mordecai diz a Ester: "Quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?" (4:14) está revelando a sua crença em um poder que prevalece sobre a história. A escolha de Ester como rainha não fora um acaso, mas obra do Diretor dos negócios do mundo, de forma que através dela este ato de libertação pudesse ser efetuado.

O livro coloca em contraste os dois pontos de vista a respeito do mundo, e mostra pelo resultado qual deles deve ser o preferido. Enquanto Hamã foi executado em sua própria forca, Mordecai assumiu o lugar de Hamã na posição de poderio (8:2). Quanto aos judeus, a despeito das leis que determinavam o seu extermínio, foi-lhes permitido viver e matar os seus inimigos. As mesas foram viradas; foi permitido que se fizesse justiça retributiva. Mas foi o rei que, em resposta à informação dada por Harbona, disse: "Enforcai-o nela" (7:9), e que promoveu Mordecai ao poder. Os agentes humanos foram os instrumentos involuntários de Alguém que era o Governante invisível dos acontecimentos.

De acordo com este segundo ponto de vista a respeito do mundo, os judeus tinham um lugar no propósito divino, e até a esposa de Hamã, Zeres, havia ouvido dizer que aqueles que tentavam prevalecer contra os judeus cairiam diante deles (6:13). A convicção de Mordecai era de que, mesmo se Ester fracassasse em se aproveitar da sua oportunidade de influência, "de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento" (4:14), tão certo estava ele de que a sua destruição não iria ser permitida. A despeito de séculos de antisemitismo, culminando no holocausto nazista, as tentativas deliberadas para destruir os judeus têm falhado. A crença no propósito de Deus para eles evidentemente não tem sido sem resultados, quer estivessem eles em Jerusalém, quer espalhados pelos confins da terra.

A observância da festa de Purim desempenhou a sua parte em conservar vivas as esperanças dos judeus. Ela também alimentou os objetivos nacionalistas que por sua vez manifestaram a tendência de encorajar as suspeitas judaicas contra os "cristãos". Os residentes de Susã provavelmente estavam entre os partos e medos e elamitas que presenciaram o primeiro derramamento do Espírito de Deus (At 2:9). Os judeus que creram cessaram de observar o

Purim, e tornaram-se parte da comunidade mais ampla da igreja. Então, o que o livro de Ester tem a dizer aos cristãos?

No passado este livro não parecia importante para os cristãos, como já demonstramos.[58] A sua tendência judaizante era óbvia, enquanto que o seu conteúdo cristão não o era. Contudo, podemos começar perguntando se o propósito de Deus protegendo os judeus de maneira tão maravilhosa lança alguma luz sobre o seu significado. No contexto do próprio livro, o último versículo dá uma espécie de indício, pois Mordecai havia "trabalhado pela prosperidade de todo o povo de sua raça"; a sua liderança foi caracterizada pela prosperidade, e resultou em contentamento em todo o império. Embora ela fosse boa, é improvável que tenha sido toda a razão para a libertação dos judeus. Neemias, copeiro em Susã do sucessor de Assuero, apelou por Deuteronômio, com a sua forte interpretação teológica da libertação do Êxodo (Ne 1:5-9; cf. Dt 30:1-4). A base que ele tinha para apelar era o caráter do seu "Deus grande e temível, que guarda a aliança e a misericórdia" (Ne 1:5), e se o escritor de Ester era judeu, como podemos dizer com certeza quase absoluta, esta também teria sido a sua fé, embora ele não a revele. Se forçarmos, a questão do propósito da aliança, exposta em seus termos mais simples, era que a nação de Abraão se tornaria grande e seria uma benção para todas as famílias da terra (Gn 12:3). Sem dúvida Israel era uma benção em muitos aspectos,levantando-se como fazia em favor da justiça, exemplificada no que havia de melhor em Israel em termos de vidas impressionantes, mas genericamente a história foi desanimadora, até que o Cristo veio e transformou a promessa em cumprimento. Não obstante, mediante uma confrontação com os gentios, os judeus particularmente se haviam tornado mais entrincheirados; tendo fracassado em encontrar o Messias em Jesus, os judeus se tornaram "encalhados", conhecendo a sua identidade, mas não encontrando quase nenhuma satisfação positiva nela.

O livro de Ester pertence ao fim da revelação vétero-testamentária, e mostra como os judeus, geograficamente muito distantes de Jerusalém e de seu Templo, no entanto se consideravam como sendo essencialmente unidos com os seus conterrâneos israelitas, por quem estavam preparados para morrer. Ester e Mordecai haviam sido colocados providencialmente no coração do império persa com poder para agir politicamente em favor de seu povo. Devido à relutância com que este livro foi aceito em Jerusalém, como parte do cânon, pareceria que os seus irmãos que passavam os dias estudando a lei e na liturgia do Templo, não ficaram impressionados.[59] Uma fissura estava aparecendo entre os judeus ortodoxos religiosos, que haviam dedicado a sua vida à reconstrução de Sião, e aqueles que haviam permanecido entre os gentios, tor-

58. Veja acima, p. 29.
59. Veja "A Condição Canônica de Ester", pp. 44-46, abaixo.

nando confortáveis os seus ninhos. Ela nunca foi inteiramente curada. No entanto, o livro de Ester mostra que Deus tem o Seu propósito em exaltar algumas pessoas dentre os Seus a lugares de poder e influência. Ele está operando ali tanto quanto na adoração, oração e estudo da Escritura. Os cristãos também têm uma forma de pintar com cores brilhantes aqueles que estão em certos tipos de trabalho "em tempo integral", enquanto que o chamado de Deus é para todos, seja na esfera sacra, seja na secular, e nenhum grupo tem o monopólio do Seu serviço ou das Suas bênçãos.

O notável papel desempenhado pelas "coincidências" providenciais no livro de Ester é tanto animador quanto humilhante; no entanto, isso também precisa ser acompanhado por certos cuidados. É animador porque o Deus da Bíblia bem que poderia ser chamado de o Deus das coincidências. Se os cientistas que incorporam ao seu relato da criação a lei da seleção natural estão certos, essa lei deve ter operado em uma proporção de um milhão por um para produzir o mundo que conhecemos, enquanto que em nossa vida pessoal há ocasiões em que as coincidências interligadas são extraordinárias demais para serem reduzidas a mero acaso. A reação correta, todavia não é presumir que por alguma razão Deus está do nosso lado e continuará a nos dar em um prato todas as coisas boas que pedimos, mas pelo contrário, mantermo-nos admirados pelo fato de o Deus Todo-poderoso ter condescendido em responder às nossas orações, a despeito de nossas muitas falhas e fracassos completos. O senso de admiração deve resultar em uma dedicação mais integral ao Seu serviço. O cuidado é necessário quando, como resultado de se observar a boa mão de Deus em operação no passado, a pessoa presume que conhece a Sua mente em todas as outras situações.

Um exemplo disso ocorreu na famosa oposição exercida contra os romanos pelos judeus em Masada, em 73 A.D. Considerando-se invioláveis, os defensores ocuparam as suas posições na fortaleza da montanha a cavaleiro do Mar Morto, mas os romanos perseguiram obstinadamente o seu objetivo de derrotá-los e os novecentos e sessenta judeus se mataram, de preferência a se entregarem. "De fato, teria sido apropriado para nós ter conjecturado a respeito do propósito de Deus muito antes..." disse Eleazar, ao propor suicídio aos defensores.[60] Este incidente coloca-se entre as derrotas registradas no Antigo Testamento: a derrota em Ai (Js 7:2-5), e a queda de Samaria e de Jerusalém em particular, quando pareceu que Deus havia quebrado a Sua palavra. Da maneira como aconteceu nestes três casos, a culpa está na desobediência de Israel. Na luta dos macabeus como em Ester, a arrogância gentílica contra os judeus significava um ataque contra o seu Deus, que defendeu o Seu povo, dando-lhe vitória. O que aconteceu de errado em Masada? O que houve de errado em Jerusalém em 70 A.D.? Só agora os judeus recuperaram uma terra e

60. Flávio Josefo: *Guerras dos Judeus*, VII.6.

um estado depois de tantos séculos, direito que ele considera ter-lhes sido dado como compensação pelo holocausto, e em cuja oferta "em várias conjunturas críticas da história as atitudes árabes facilitaram grandemente os objetivos judaicos, e assim auxiliaram e estimularam os alvos de Israel". O fato de isto ter ocorrido assim confirmou aos olhos de alguns israelitas a certeza da "intenção" divina a respeito de Israel.[61] Estaria sendo repetido o aspecto de "coincidências" com Ester?

A dificuldade é que o "direito divino" coloca o assunto além de qualquer discussão, pondo todos os outros fora de cogitação. Talvez seja por isto que o autor de Ester conservou a sua história no plano humano, cônscio do destino divino, mas não fazendo grandes declarações. Os próprios acontecimentos requeriam uma explicação, e ele julgou melhor deixar que falassem por si próprios, permitindo ao leitor tirar as suas próprias conclusões.

O livro de Ester, como outros livros do período pós-exílio, estava procurando respostas a novas interrogações. Que futuro havia para os judeus em grupos dispersos por um império estrangeiro? Estaria com eles o Seu Deus, e se assim fosse, o que Ele requeria deles? O escritor de Ester podia afirmar que de fato Deus estava com eles, e seguia-se que deviam continuar a ser fiéis a Ele e leais ao seus reis gentios. Purim celebrava a sua libertação da morte, que à semelhança da Páscoa, os deveria ter alertado para esperarem uma salvação ainda maior. Alguns deles podem tê-la encontrado quando fizeram uma peregrinação a Jerusalém em cerca de 30 A.D., e ouviram um certo Pedro pregando ao ar livre a uma enorme multidão multinacional.

O livro de Ester nos encoraja a esperar que, à semelhança do povo judeu no século V a.C., os nossos contemporâneos podem descobrir, se o quiserem, evidências da operação de Deus nas suas circunstâncias pessoais, tanto quanto na história recente. Dois acontecimentos destacam-se na Segunda Grande Guerra (1939-1945): a extraordinária libertação da Inglaterra em Dunquerque, e a vitória aliada final. A sobrevivência do estado de Israel requer uma explicação. Aqui está um fato da história que parece dar testemunho de um domínio divino sobre os acontecimentos, ainda mais extraordinário do que aquelas "coincidências" da história de Ester. Por controvertida e dolorosa que seja a interpretação, o próprio fato não pode ser ignorado. A mão invisível por trás dos acontecimentos em Susã não é menos ativa em guiar a história hoje. O livro de Ester ainda é significativo.

VI. TEXTO E VERSÕES DE ESTER

Nenhum outro livro do Antigo Testamento chegou até nós em tantas formas variantes. Não é apenas o fato de suas traduções terem sido encontradi-

61. Kenneth Cragg: *This Year in Jerusalem*, p. 133.

ças nas maiores línguas da Diáspora Judaica, mas que evidentemente havia diferentes originais por trás das versões alternativas dentro dos grupos lingüísticos, e em alguns casos omissões e adições de considerável duração devem ser consideradas. E também, este não é meramente um enigma acadêmico, de interesse apenas para o erudito, embora as complexidades do material de fonte possam ser obscuras. Isto tem a ver com a nossa leitura do Novo Testamento, porque descobrimos que as Escrituras daqueles que escreveram os seus livros não são absolutamente idênticas com o nosso Antigo Testamento, e uma avaliação das vicissitudes do livro de Ester pode servir como lembrete de que uma história complicada está por trás do cânon da Escritura.

1.*Textos hebraicos e intimamente relacionados*. Muitos manuscritos de Ester estão disponíveis em hebraico, língua em que este livro foi escrito originalmente, em parte porque toda família judia tradicionalmente desejava possuir uma cópia onde pudesse ler na festa de Purim, mas não restam MSS hebraicos anteriores ao século XI A.D. Graças à maneira laboriosa pela qual as tradições foram conservadas pelos massoretas e seus sucessores, não há diferenças significativas entre essas cópias; até mesmo o texto babilônico não apresenta variações no texto consonantal de Ester. "Na vocalização e acentuação ele apresenta diferenças sem importância que não afetam o sentido de uma única passagem."[62] A falta de evidências para o texto hebraico anterior ao século XI A.D. deve-se ao fato de que nenhum indício do livro de Ester foi encontrado em Qumrã, e os grandes MSs unciais, como o Códex Sinaítico, estavam escritos em grego.

Intimamente relacionada com a versão hebraica está a siríaca, considerada por Paton como "uma tradução extremamente fiel ao original. Aqui e ali foram adicionadas algumas palavras por amor à clareza, mas ordinariamente o H (hebraico) é seguido com fidelidade servil. Quando possível, o tradutor chega a usar a mesma raiz que aparece em hebraico".[63] Contudo, há algumas variantes no TM embora a tradução deva ter sido feita de um texto muito semelhante a ele.

As traduções aramaicas das Escrituras hebraicas tornaram-se necessárias já no século IV a.C. (e até mesmo antes; *cf.* Ne 8: 7,8: "os levitas ensinavam... dando explicações, de maneira que se entendesse o que se lia"), e estas eram baseadas em explicações orais dadas nas sinagogas. O Primeiro Targum, ou tradução em aramaico bíblico, do livro de Ester, incorpora comentários muito antigos que, de fato, podem provir dos últimos séculos antes da era cristã. O texto é uma tradução fiel do hebraico, ao qual toda sorte de material extra foi acrescentado, desde pontos gramaticais até interpretações fantasiosas, do-

62. *ICC*, p. 16.
63. *ICC*, p. 17.

brando, desta forma, a extensão da narrativa. O Segundo Targum traduz literalmente o hebraico, o que ajuda a reconstrução do idioma usado pelo tradutor, e acrescenta tantos ornamentos ao texto, que ele passa a ter quatro vezes a sua extensão original. Visto que o Segundo Targum mostra evidências de ter tomado emprestado do Primeiro, ele deve ser posterior; de fato, parece fundir várias explicações, que em alguns casos se contradizem mutuamente. "Só nos pontos em que T^2 corre paralelo ao heb. ele tem qualquer valor para o texto; as adições todas são *midrash* posteriores, e nunca existiram em qualquer outra tradução, exceto o aramaico."[64]

2. *Grego*. As conquistas de Alexandre, o Grande, submeteram as terras bíblicas à esfera da cultura e da língua grega no fim do século IV a.C. No espaço de uma ou duas gerações tornou-se evidente a necessidade de uma tradução das Escrituras hebraicas para o grego, e provavelmente em meados do século III a.C. a tradução do Pentateuco estava completa. De acordo com a tradição popular baseada em uma "Carta de Aristeas" a tradução da Lei foi comissionada por Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C) em Alexandria. Setenta tradutores foram comissionados para esse trabalho, e daí o seu nome: "Setuaginta", de "setenta" em latim, e a abreviação LXX. Seguiu-se a tradução de outros livros, e por volta de 132 a.C., quando o neto de Jesus ben Sirac estava escrevendo o seu prefácio à tradução grega de Eclesiástico (cf. a referência a "meu avô" no prólogo), ele podia referir-se a "a Lei e os Profetas e outros que se lhes seguiram", isto é, a divisão em três partes do cânon hebraico fora, a esse tempo, traduzida para o grego.

É claro que, se o hebraico pressuposto pela LXX pudesse ser reconstruído, propiciaria um testemunho de uma forma pré-cristã do texto. Esta reconstrução, todavia, não é um processo simples e, embora tenha ocupado a detida atenção de muitos eruditos durante os anos, de forma alguma a tarefa está completa. Já no século III havia muitas traduções gregas do Antigo Testamento, e Orígenes foi levado por essa multiplicidade a elaborar uma edição crítica, por meio da qual compara as diferentes versões com o original hebraico. Isto ele o fez, empregando seis colunas; daí o nome Hexapla, em que ele colocou lado a lado o texto hebraico, a transliteração grega que ele fez, e quatro textos gregos em uso corrente pela igreja. No livro de Ester, a sua coluna cinco, que contém a LXX, teria que incluir parágrafos inteiros que não estavam no hebraico, e ocasionalmente a LXX omitiu material que estava presente no hebraico. As versões usadas por Orígenes e outras traduções primitivas são conhecidas principalmente por citações, embora a quinta coluna de Orígenes tenha sido traduzida literalmente para o siríaco, e visto que a maior parte desta sobrevive, ela dá testemunho do seu texto da LXX. Da *Hexapla* restam apenas fragmentos.

64. *ICC*, p. 24.

Nos tempos modernos, o estudo crítico da LXX deve muito à obra de Paul de Lagarde, cujas tentativas para estabelecer a versão grega original de Gênesis a Ester foram publicadas em 1883. "Só para o livro de Ester... LAGARDE imprimiu os textos do "luciânico" ou texto-A, e a Setuaginta tradicional, ou texto-B, lado a lado, para fins de comparação".[65] Por conseguinte, a sua obra é de grande importância para os estudos de Ester. Por meio de evidência cumulativa, Moore estabelece o fato de que o texto-A de Ester, mencionado por Lagarde, não é uma edição da LXX, mas "pressupõe um texto hebraico muito diferente, em certos pontos, tanto do TM e do pressuposto pela...LXX".[66] Desta forma ele mostra que os textos gregos propiciam uma ferramenta primária para o texto hebraico de Ester.

3. *As adições gregas ao texto de Ester.* As adições a que fizemos referência, *já eram* parte do texto grego quando Jerônimo estava escrevendo a sua tradução revisada para o latim, no fim do século IV. A Vulgata, como veio a ser chamada a sua versão, baseava-se no texto hebraico tanto quanto no grego, e visto que essas passagens não faziam parte do texto hebraico, ele as relegou a uma coleção de obras deuterocanônicas, que conhecemos como apócrifos. Ali elas podem ser lidas; contudo, separadas do livro ao qual originalmente pertenciam, elas têm pouco sentido e, conseqüentemente, são em grande parte ignoradas. Elas podem ser muito apreciadas na Bíblia de Jerusalém, onde as porções adicionais são facilmente reconhecíveis por tipo itálico, enquanto que ao mesmo tempo ocupam o seu lugar apropriado na narrativa.[67] Elas acrescentam 107 versículos aos 167 da versão hebraica, e formam seis grandes adições (sem falar de pequenas inserções), mencionadas por letras maiúsculas de A a F de acordo com a ordem em que elas ocorrem na narrativa, e não segundo a da LXX.

Reordenadas como estão na Bíblia de Jerusalém, o seu conteúdo pode ser resumido da seguinte maneira:

A. Esta passagem, com a extensão de dezessete versículos, forma uma introdução, e relata dois incidentes: um sonho de Mordecai e a descoberta que ele faz de uma conspiração contra o rei. Ela não é considerada como estando toda em um bloco só; os dez primeiros versículos mostram sinais de origem semítica, e já existiam em 114 a.C., enquanto os versículos 11-17, que foram omitidos tanto por Josefo como pela versão Latina Antiga, provavelmente foram escritos em grego já no século II ou III A.D.[68] O sonho, com as suas caracterís-

65. Carey A. Moore: "A Greek Witness to a Different Hebrew Text of Esther", *ZAW* 79 (1967), p. 351, e reproduzido em seus *Studies in the Book of Esther* (Ktav, Nova Iorque, 1982), pp. 521-528.

66. Carey A. Moore, *art. cit.*, p. 358.

67. Veja também abaixo, Apêndice, pp. 108-115.

68. Para os detalhes constantes da seção a respeito das Adições, dependo de Carey A. Moore: "On the Origins of the LXX Additions to the Book of Esther", *JBL* (1973), pp. 382-393, que deve ser consultado para maiores informações.

ticas apocalípticas, tem o efeito de alterar o foco da história, de forma que ela assume importância cósmica. A luta passa a ser entre os judeus e o resto do mundo, e o sonho é mencionado como uma "visão dos desígnios de Deus".

B. Carta de Assuero, inserida depois do capítulo 3, juntamente com E, a carta ditada por Mordecai, inserida no capítulo 8, são ambas composições gregas escritas antes de 94 A.D., porque Josefo as parafraseou.

C. Inseridas entre os capítulos 4 e 5 estão as orações de Mordecai e Ester, que fortalecem a ênfase religiosa do livro em grego. Sem contar os versículos 17-23, estas orações, que originalmente podem ter sido redigidas em aramaico, foram escritas antes de 94 A.D.

D. Esta passagem, o capítulo 15 do Ester Apócrifo, descreve a maneira como ela se aproximou do rei, sendo o ponto crucial o versículo 8: "Então Deus mudou o espírito do rei para amabilidade..." Moore assevera que esta foi uma composição originalmente grega, escrita antes de 94 A.D.

F. Esta é a primeira das adições na parte apócrifa. Ela relata a interpretação de Mordecai do seu próprio sonho, e inclui o colofão, ou nota-apêndice, que apresenta detalhes acerca da origem do livro e da data da sua versão para o grego. Ao passo que nos dias de hoje procuramos essas informações no verso da página-título de nossos livros impressos, na antigüidade elas eram escritas no fim do livro; de acordo com esse costume a BJ conclui com este versículo, mas devido ao fato de ele não fazer parte integrante da narrativa, ele não é escrito ou impresso em itálico.

Na interpretação de Mordecai acerca do seu sonho, a explicação difere consideravelmente da sua correspondente no chamado texto luciânico, por vezes contradizendo-o. À guisa de explicação dessa discrepância, Carey A. Moore pressupõe que A, o sonho e F originalmente circularam como entidade semítica separada, independente da história de Ester, mas "visto que em linhas gerais o sonho podia ser adaptado a Ester, ele o foi, embora certas características do sonho fossem menos apropriadas do que outras."[69] Ele acha que o *Vorlage* semítico (o texto hebraico original) era originário da Palestina, da mesma forma como o colofão, e indica que a atitude anti-gentílica evidente na versão da LXX está de acordo com a dos judeus palestinos da época romana. Como Moore menciona, a idéia de que todas as nações estavam contra os judeus, e por conseguinte todos os judeus eram anti-gentílicos, sem dúvida ajuda a explicar porque o livro de Ester jamais foi mencionado pelos escritores do Novo Testamento, ou pelos Pais da Igreja, embora todos tenham manifestado a tendência de usar a LXX.[70] Os líderes dos primeiros séculos da era cristã tiveram muita dificuldade para integrar os membros judeus e gentios da igreja.

---

69. Carey A. Moore, *art. cit.*, p. 389. Ele cita o colofão na p. 382.
70. *Ibid.*, pp. 390s.

A mais importante de todas as adições é o colofão que, presumindo-se que seja autêntico (e não há nenhuma razão valiosa para se duvidar da autenticidade) revela o nome do tradutor como sendo "Lysimachus, filho de Ptolomeu, membro da comunidade de Jerusalém". Ela foi levada da Palestina para o Egito por "Dositheus, que afirmava ser sacerdote e levita, e Ptolomeu, seu filho", no quarto ano do reinado de Ptolomeu e Cleópatra", isto é, em 114 a.C., se esse Ptolomeu e Cleópatra foram identificados corretamente. O livro não é mencionado como Ester, mas como "o livro de Purim" e a declaração da sua autenticidade: "Que eles dizem que era autêntico" dá a entender que estavam sem circulação outras versões dessa história, mas que Lysimachus havia trabalhado com um texto autêntico.

Não é difícil avaliar a razão para a igreja ter relegado estas adições a uma condição menos do que canônica; de maior peso é o fato de que elas não se parecem com o texto hebraico, e de fato alguns detalhes chegam a contradizer o hebraico, enquanto que outros o duplicam. Contudo, é intrigante ter as evidências da versão grega de Ester em que basearmos uma avaliação de objeções primitivas à versão hebraica, mais resumida. É também útil verificar como a ênfase diferente introduzida pelo material extra mudou o caráter do livro.

4. *Outras versões.* Das muitas outras versões, a mais importante é a de Jerônimo para o latim, conhecida como Vulgata. A princípio Jerônimo pretendia revisar as traduções latinas correntes, mas descobriu que precisava começar de novo, do hebraico. O livro de Ester, ele descobriu estar especialmente corrompido, e alega tê-lo traduzido de novo, palavra por palavra. Não obstante, essa tradução mostra muitos desvios de pequena monta do TM, sugerindo que pode ser que ele tivesse um texto independente a partir do qual trabalhou em Belém. Portanto, ele é uma testemunha do texto hebraico de autoridade, corrente na Palestina no fim do século IV A.D.

As adições textuais propiciam, em grande parte, evidências de tendências para "melhorar" o original que era mais curto: I. documentando a sua autenticidade, e assim tornando-o mais crível, e II. introduzindo na história o nome de Deus, não apenas nas seções novas, mas também nas porções canônicas.[71] Embora esta última modificação, à primeira vista, pareça tornar o livro mais "religioso" ela muda a ênfase do autor, e pode distorcer a consecução do seu objetivo. Portanto, fazemos bem em concentrar a nossa atenção na história da maneira como ela está registrada em nossas Bíblias, se queremos entender o que ele estava procurando dizer. Os "comentaristas" nem sempre servem bem aos escritores, por boas que sejam as suas intenções!

---

71. "A adição mais notável no texto grego é o próprio Deus, ocorrendo esta palavra, ou o Seu nome, mais de cinqüenta vezes" (C. A. Moore, *Studies in the Book of Esther*, p.xxiv). Moore relaciona alguns dos exemplos mais típicos.

VII. DATA EM QUE FOI ESCRITO

A data mais antiga possível para o aparecimento deste livro é o reinado de Assuero, e visto que isto é declarado em 1:1 como fato que já passara a ser parte da história, é natural supor-se que Ester foi escrito um pouco mais tarde, no período persa, talvez durante o reinado do rei seguinte, Artaxerxes I(464-423 a.C.). Há pouca evidência externa em que basear um julgamento, porque não há referências conhecidas a este livro em outra literatura. O autor de Eclesiástico, Ben Sirac, não inclui Mordecai ou Ester entre os seus heróis (Eclesiástico 44-49), mas também preferiu não mencionar Esdras, embora conhecesse a existência dele, visto que incluiu Neemias (Eclesiástico 49:13). Há uma referência à "época de Mordecai" em II Macabeus 15:36, porém, falando-se estritamente, isto só prova que quando II Macabeus foi escrito (provavelmente em meados do século I a.C.) a festa de Purim estava sendo observada. De qualquer forma, a probabilidade é de que a tradução de Ester para o grego fora empreendida antes disso.[72]

As evidências internas baseiam-se principalmente na versão hebraica desse livro. Agora que há evidências manuscritas provindas de Qumrã da língua hebraica no século II a.C., tornou-se claro para os eruditos que Ester pertence a período anterior àquele. "O hebraico de Ester não tem praticamente nada em comum com elas; só isto excluiria uma data no século II para Ester, e torna improvável uma data no século III."[73] Isto argumenta contra as tentativas de datar Ester na época dos macabeus, e de qualquer forma o relacionamento favorável entre os judeus e o rei persa torna a história improvável como produto da Palestina no período dos macabeus. A ausência de palavras de origem grega também argumenta contra uma data durante o domínio grego, enquanto que a ocorrência freqüente de palavras persas sugere uma data durante o domínio persa.[74]

Embora seja impossível ter-se completa certeza, o período mais provável para o hebraico original de Ester é a segunda metade do século V ou o começo do IV a.C.. Uma dessas datas não apenas concorda bem com as evidências lingüísticas, mas também fornece as razões para os reflexos exatos da vida em Susã na época de Assuero, e do caráter do rei. O autor teve dificuldade de obter aceitação dos seus "editores" judeus, mas a longo prazo a sua obra tornou-se reconhecida e estabelecida.

---

72. Veja acima: "Texto e Versões de Ester", pp. 38ss..
73. O juízo de D. N. Freedman, citado por C. A. Moore, *AB*. p.1vii.
74. H. Striedl relacionou cinqüenta e cinco, dos quais trinta e oito são nomes pessoais. Cf. C. A. Moore: *Studies in the Book of Esther*, pp. 1iv, 1xxxi.

VIII. A CONDIÇÃO CANÔNICA DE ESTER

"Tudo depende do destino, até as Escrituras." Esta máxima judaica com que Jacob Hoshander iniciou o seu comentário a este livro[75] é especialmente aplicável ao processo pelo qual Ester veio a ser aceito como canônico. Não que todos os passos desse processo misterioso tenham sido sempre preservados claramente, nem que saibamos exatamente quando o corpo de livros de autoridade, que constituem o Antigo Testamento, tornou-se reconhecido pela primeira vez. Embora a palavra "cânon" tenha sido usada originalmente por Atanásio (falecido em 373 A.D.), a opinião de S. Z. Leiman é de que o corpo das Escrituras hebraicas foi completado na época dos macabeus.[76] As incertezas abundam, portanto, mas no caso do livro de Ester, tem havido razões adicionais para hesitação, para a qual continuam a ser apresentados novos exemplos.

Para começar com as evidências internas, o ambiente persa do livro reflete um estilo de vida muito diferente do da Judéia e de Jerusalém, segundo é retratado por Esdras-Neemias. A sua cultura estrangeira e a ausência do nome de Deus propiciam razão suficiente para o livro ser considerado com suspeita. Sobretudo, parece que ele tem pequeno significado religioso. As evidências externas de Qumrã parecem confirmar este juízo. Enquanto todos os outros livros do Antigo Testamento são representados entre os documentos ali encontrados, não se achou nenhum fragmento de Ester. Embora os eruditos tenham levado este fato em conta de diferentes maneiras, geralmente se presume que por alguma razão este livro não era importante para a comunidade de Qumrã, que de qualquer forma não observava Purim, e portanto dificilmente necessitaria do livro que, pelo menos superficialmente, parecia ter a intenção de autenticar esta festa.[77] Seja qual for a razão para a ausência deste livro em Qumrã, este fato indica que nos séculos II e I a.C. Ester não era considerado em todo o mundo como parte indispensável da Escritura.

---

75. *The Book of Esther in the Light of History* (Dropsie College, Filadélfia, 1923), p. 1; citado por Berg, p. 1.

76. S. Z. Leiman: *The Canonization of the Hebrew Scriptures* (Hamden: Archon Books, 1976).

77. Uma explicação que justifica a ausência de rolos de Ester em Qumrã é baseada na sugestão de que os textos encontrados nas cavernas não eram a biblioteca da comunidade, mas uma coleção de manuscritos sagrados fora de uso. Estes não podiam ser destruídos porque "manchavam as mãos" e transmitiam impureza ritual; por isso, eram entregues a um "genizah", ou lugar de sepultamento. Ester, que não mencionava o nome de Deus, e de qualquer forma era lido em casa durante o Purim, não transmitia impureza e portanto não precisava ser colocado em um "genizah". De acordo com esta teoria de H. E. Del Medico, quaisquer rolos defeituosos de Ester teriam sido destruídos, e por esta razão não apareceram entre os volumes das cavernas. Esta teoria não mereceu muito apoio, mas permanece como possibilidade. Cf. Millar Burrows: *More Light on the Dead Sea Scrolls* (Secker and Warburg, 1958), pp. 15-19, 174-176.

A despeito desta evidência negativa de Qumrã, parece, considerando-se duas outras fontes de informação, que este livro era visto como canônico pelos judeus do século I A.D.: I. Josefo quase certamente incluía Ester entre os vinte e dois livros que ele disse constituírem a Escritura, pois ele relata o seu conteúdo como parte da sua história.[78] O fato de que ele considerava os acontecimentos do reinado de Assuero (Xerxes) como parte da Escritura é claro: "Porém quanto ao período da morte de Moisés até o reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, que reinou depois de Xerxes, os profetas, que existiram depois de Moisés, escreveram o que aconteceu em sua época em treze livros". Ele continua explicando que desde o tempo de Artaxerxes o registro não tivera o mesmo grau de autoridade, porque faltava uma sucessão exata de profetas.[79] Por associação ele considerava que Mordecai estivera ligado à fixação do cânon, e quase certamente incluíra Ester entre os livros canônicos.

Dentre os rabinos judaicos este livro provocava reações extremas. Por um lado estavam os que o consideravam tão elevado que só achavam superior a ele a Lei. O Rabino Simeão ben Lakish (c. 300 A.D.) coloca Ester no mesmo nível da Lei, enquanto o filósofo medieval Maimonides (morto em 1204) asseverava que "quando todo o resto do Antigo Testamento passou, nos dias do Messias, só Ester e a Lei permaneceram".[80] Por outro lado, houve os que indicaram que não havia na Lei nenhuma sanção para o Purim, e que o livro de Ester não fazia menção do nome de Deus em nenhuma forma, e que o seu espírito vingativo podia antagonizar os gentios. A popularidade das celebrações de Purim, intensificada pelas perseguições, não obstante asseguraram a inclusão deste livro nas Escrituras judaicas, e uma exegese hábil, um tanto forçada, encontrou maneiras de contraditar as objeções. O fato de Hamã ser um agagita, e portanto amalequita (1 Sm 15:8), por exemplo, fez com que se tornasse possível aos rabis usarem Êxodo 17:14 para provar que, afinal de contas, Purim era autorizado pela Lei!

Se os eruditos judaicos estavam divididos em relação a Ester, o mesmo aconteceu com os Pais da Igreja. C. A. Moore indica em um mapa os principais centros onde Ester era considerado como canônico, e aqueles onde ele não era canônico.[81] Ele foi omitido da lista de livros canônicos feita pelo Bispo Melito de Sardis em 170 A.D., mas foi incluído por Orígenes, que desejava basear a sua lista do Antigo Testamento nas vinte e uma letras do alfabeto hebraico, como Josefo havia feito. O julgamento dos eruditos cristãos a respeito do valor de Ester tem sido limitado pela maneira como entende a sua intenção. Pelo fato de pensarem ser ele uma autenticação do festival judaico de Purim, eles o rejeita-

78. *Antigüidades dos judeus* ii.6.
79. Flávio Josefo: *Contra Apion* (trad. para o inglês de William Whiston) i.8.
80. Cf. G. F. Moore: *Judaism I* (Cambridge, 1946), p. 245.
81. *AB.* pp. xxvis.

ram dizendo que promovia o nacionalismo judeu e encorajava o genocídio. É digno de nota o fato de que essas igrejas tinham este livro em sua tradução grega, com as Adições o que acrescenta uma inclinação à sua mensagem. Assim mesmo, o Concílio de Cartago em 397 A.D. deu a este livro o seu lugar garantido nas Escrituras cristãs, que ele ocupou desde então.

A separação das "Adições" e seu rebaixamento ao nível de apócrifas por ocasião da Reforma, permitiu que o livro hebraico original fosse de novo lido e interpretado. Mesmo assim, não tem havido falta de detratores, que recomendam a sua exclusão do cânon. O mais famoso destes é Martinho Lutero, que em sua *Table Talk* (Conversas ao Redor da Mesa) falou, em relação a II Macabeus e Ester: "Eu preferiria que eles não existissem; pois eles judaizam demasiadamente, e têm muitas perversões pagãs".[82] Em anos recentes levantou-se um protesto de um escritor judeu, que expressou a opinião de que tanto Purim quanto o livro de Ester eram indignos da sua nação.[83] Mas a respeito de tais juízos depreciadores, este livro está bem estabelecido como parte da Escritura, e não é provável que ele seja rejeitado.

Para o povo judeu ele tem sido a base da sua esperança em meio aos seus contínuos sofrimentos. Ele tem esperado vindicação, e não ficou desapontado. Os cristãos, por seu lado, não podem descartar os judeus do seu parecer. A providência de Deus continua a ser encontradiça no sofrimento deles e no estabelecimento do estado de Israel, e cabe ao cristão ficar boquiaberto (Rm 11:20). Embora vozes poderosas tenham se levantado contra ele, este livro permanece dando a sua contribuição para as Escrituras, continuando a história das suas vicissitudes em relação ao cânon a reforçar a história de Ester – de que o acaso nos sobrevêm da mão de Deus.

82. Martinho Lutero: *Table Talk*, xxii.
83. Shalom ben Chorin: *Kritik des Estherbuches: Eine theologische Streitschrift* (Jerusalém 1938), p. 5, citado por B. W. Anderson: "The Place of the Book of Esther in the Christian Bible" in *Journal of Religion* 30 (1950). p. 34.

ANÁLISE

I. O PALCO É ARMADO (1:1-22)
   a. O esplendor persa (1:1-9)
   b. O rei é desafiado (1:10-12)
   c. O rei é vingado (1:13-22)

II. ESTER É ESCOLHIDA COMO RAINHA (2:1-18)
   a. Pesares não são permitidos (2:1-4)
   b. Ester é apresentada (2:5-11)
   c. Ester torna-se rainha (2:12-18)

III. UMA CONSPIRAÇÃO É DESCOBERTA (2:19-23)

IV. HAMÃ VINGA-SE DOS JUDEUS (3:1-15)
   a. A promoção de Hamã (3:1-6)
   b. O lançamento de sortes (3:7-11)
   c. O edito é publicado (3:12-15)

V. ESTER CONCORDA EM INTERCEDER (4:1-17)
   a. A explosão apaixonada de Mordecai (4:1-3)
   b. Ester assume a liderança (4:4-17)

VI. ESTER ENCONTRA FAVOR (5:1-14)
   a. A petição de Ester (5:1-8)
   b. A vexação de Hamã (5:9-14)

VII. HAMÃ INADVERTIDAMENTE PROMOVE MORDECAI (6:1-13)
   a. O livro de cabeceira do rei (6:1-3)
   b. A humilhação de Hamã (6:4-13)

VIII. A SEGUNDA FESTA DA RAINHA ESTER (6:14-7:10)

IX. ASSUERO VIRA A MESA (8:1-17)
  a. São preenchidos os lugares vagos (8:1-2)
  b. Inversão do edito (8:3-14)
  c. A popularidade dos judeus (8:15-17)

X. PROVIDENCIA-SE PARA QUE OS JUDEUS TRIUNFEM (9:1-19)

XI. AUTORIZAÇÃO PARA A FESTA (9:20-32)

XII. A VIDA NORMAL RESTAURADA (10:1-3)

COMENTÁRIO

I. O PALCO É ARMADO (1:1-22)

a. O esplendor persa (1:1-9)

Com economia de palavras o narrador de estórias transporta os seus ouvintes a um fabuloso mundo oriental, e para uma época em que o império persa ainda era jovem. Para a maioria das pessoas do oeste da Ásia, naquela época como hoje, a vida era difícil e o alimento não era muito abundante. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores recebiam apenas o suficiente para viver, embora estivessem produzindo obras de arte que até hoje não foram ultrapassadas, a vida na corte era extravagante, além da imaginação. Quanto mais generosa fosse a hospitalidade do rei, maior seria o direito de revindicar supremacia. Estranhamente para os nossos ouvidos, nunca se sugeriu nenhum protesto contra este estado de coisas. Não obstante, não há dúvida de que os ouvintes judeus, acostumados a ouvir os profetas, não deixariam de fazer as suas observações, pesando silenciosamente a injustiça de um sistema que criava um abismo tão grande entre ricos e pobres.

1. Em hebraico este livro começa com uma fórmula, traduzida em AV e RV: "E sucedeu" (ARC), mas omitida em RSV (ARA). Esta fórmula introduz regularmente os livros históricos da Bíblia, cuja história continua o que se havia passado anteriormente, e em vista do fato de as versões gregas de Ester terem dois parágrafos no começo que não aparecem no hebraico (veja Apêndice, A., pp. 110s.), esta fórmula coordenativa pode refletir a existência de um original mais extenso também em hebraico, Outra dedução é que o escritor desejava sugerir que o seu livro pertencia à classe de literatura histórica.[1] Mas a mesma abertura é usada nos livros de Ezequiel e Jonas, de forma que nenhum desses argumentos tem muito peso. Ela era uma expressão introdutória convencional.

Assuero, em grego Xerxes, é o rei persa mencionado em Esdras 4:6, que reinou de 486 a 465 a. C.. Estranhamente, as versões gregas têm no seu lugar o nome de Artaxerxes.[2] Assuero é conhecido no Ocidente como o rei que ado-

1. *ICC*, p.121.
2. Com respeito à identidade do rei, veja a Introdução, pp.14ss.

tou os costumes dos gregos e que por duas vezes foi humilhado por eles (em 480 e em 479 a.C.), mas ele também foi um grande construtor, que completou e melhorou os grandes palácios que seu pai, Dario, havia iniciado, e consolidou o império *da Índia à Etiópia.* Por *Índia* subentende-se a região drenada pelo rio Indo, hoje Paquistão, e não a Índia peninsular. Atraído pelo pó de ouro carregado pelos rios da bacia do Indo, Dario havia conquistado aquela região antes de 513 a.C..[3] A *Etiópia* (heb. *Kûš*) era o país ao sul do Egito, que agora faz parte do Sudão setentrional, e não a moderna Etiópia. No começo do seu reinado, Dario havia reconquistado o Egito, e se aproveitara do trabalho já iniciado para completar um canal do Mediterrâneo ao Mar Vermelho. As vantagens comerciais e militares desse empreendimento eram óbvias. [4] *Cento e vinte e sete províncias,* as divisões primárias do império eram as satrapias, das quais nunca existiram mais de trinta e uma. Citando-se o número mais elevado de províncias, o domínio do rei apresenta-se tão impressionante quanto possível.

2. *Assentando-se o rei Assuero no trono do seu reino.* Os reis persas freqüentemente são retratados em grande esplendor, assentados em tronos de costas verticais, cercados de antecedentes. Neste versículo dá-se a entender mais que isto, pois tinham havido obstáculos no caminho de uma ascenção pacífica, e ele tivera de subjugar sublevações no Egito e na Babilônia.[5] A expressão *do seu reino* (heb. *malkûtô*) é encontrada principalmente nos últimos livros do Antigo Testamento, I e II Crônicas, Ester, Daniel e Esdras. *Susã* havia sido a capital de Elã, e caíra conquistada pelos monarcas persas e fora reconstruída. A palavra traduzida como *cidadela* (heb. *bîrâ*) é uma palavra posterior tomada por empréstimo, com equivalentes em assírio e em persa, e significa "acrópole", o complexo palaciano fortemente armado no meio da cidade, e elevado acima dela neste caso, em cerca de 40 metros. Tudo tinha o desígnio de exaltar a importância do rei, tanto quanto de guardar a sua pessoa.

3. *No terceiro ano de seu reinado,* seria 483 a.C., época em que, tendo pacificado o império e completado a edificação necessária em Susã, ele estava preparado para celebrar, dando um *banquete.* A palavra hebraica usada aqui é cognata do verbo "beber" e assim dá a entender que haveria um amplo suprimento de vinho. Ao banquete foram convidados os seus oficiais (EVV *príncipes* não é correto). Essas eram pessoas nomeadas, e não nascidas como oficiais, e a mesma palavra *śārîm* é traduzida como *príncipes* outra vez, no fim deste versículo. *Servos,* literalmente, "escravos", significa cortesãos que estavam próximos ao rei (cf. 3:2; 4:11; 5:11), como Neemias pouco mais tarde (Ne 1:11). *Escol* (lit. "exército") é uma emenda tendo em vista o bom senso, pois que se presume ser este o significado. As tropas escolhidas totalizavam 14.000 e o

3. *HPE,* pp.144s..
4. *HPE,* pp. 145-147.
5. *HPE,* pp. 234-237.

corpo da guarda eram os Dez Mil Imortais.[6] *Pérsia e Média* é a inversão da ordem costumeira, usada em Daniel 5:28; 6:8ss.; 8:20. As duas nações estavam intimamente relacionadas pela raça; no período até 550 os medos predominavam, mas depois de 550, quando Ciro começou a ascender ao poder, os persas assumiram a liderança. Era natural que o rei persa colocasse a sua nação em primeiro lugar. *Nobres* (heb. *part*^{e}*mîm)* é uma palavra emprestada do persa, que ocorre também em Daniel 1:3. Nobres medos e persas são pintados em alto relevo nas escadarias da Sala de Audiência do rei em Persépolis.[7]

4. Assuero havia herdado de seu pai Dario uma riqueza sem precedentes, os ricos edifícios novos em Susã, e ouro em abundância, juntamente com objetos de luxo, em grande parte providenciados através da taxação de tributos. Por cento e oitenta dias os tesouros reais estiveram em exibição, e enquanto tantas pessoas influentes estavam na corte, essa seria uma boa oportunidade para planejar a campanha grega. Como no caso de Ezequias e os enviados babilônicos (II Re 20:12-19; Is 39:1-8), os recursos eram susceptíveis de serem traduzidos em termos militares. Estritamente da maneira como está escrito, o texto parece dizer que o banquete durou os seis meses, "um tempo incrivelmente longo para o rei e todos os oficiais do reino gastarem bebendo", como o observa Paton.[8] Provavelmente devemos entender que, tendo mencionado o banquete a princípio, o escritor explica as circunstâncias dele, antes de voltar ao seu tópico principal.

5. Portanto, o banquete foi a culminação das festividades. Muitos considerariam até mesmo sete dias como um período longo demais para uma bebedeira dessas, mas a intenção é dar uma impressão (não sem ironia) dos ilimitados recursos do rei, que podia convidar *todo o povo que se achava na cidadela de Susã* (cf. comentário ao v.2, acima), isto é, o séquito do rei, oficiais e visitantes, *assim para os maiores como para os menores*, de todas as classes. O banquete devia realizar-se ao ar livre, *no pátio do jardim do palácio real*, ou melhor, no pavilhão" (heb. *bîtan*; cf. 7:7), "uma pequena estrutura de luxo, uma unidade arquitetônica independente para o uso do rei ou do herdeiro aparente... uma estrutura aberta, provavelmente um salão aberto com colunatas".[9] Susã era intensamente quente no verão, quando qualquer brisa insignificante era bem-vinda.

---

6. *HPE*, pp. 237-247. A placa XXXI mostra os Imortais retratados em Persépolis.
7. *IBD* III, p. 1195, mostra a escadaria. Os nobres podem ser vistos em *HPE*, Placa XXVII.
8. *ICC*, p. 131.
9. A.L. Oppenheim: "On Royal Gardens in Mesopotamia", *JNES* 24 (1965), pp. 330ss.; jardins formais e ornamentais são bem atestados como tendo existido no Egito, enquanto que Nabucodonosor escolheu paisagens que dessem a impressão de montanhas, com árvores de todas as espécies (p. 332).

6. Uma descrição impressionante pinta um quadro exótico do ambiente. Um substantivo sem conexões, *tecido branco*, consiste em inesperado início deste versículo; a RSV acrescenta "havia", e presume-se que o "tecido" estivesse na forma de cortinas; assim também acontece com o material azul ou *púrpura*, drapejado e atado com cordões de linho. Branco e violeta eram as cores reais, e portanto apropriadas para a ocasião. As cores contrastantes das colunas de mármore, dos leitos de ouro e de prata, e do padrão ornamental do mosaico do solo, aumentavam o esplendor real. O costume persa de se reclinar à mesa já aparecera em Israel no tempo de Amós (Am 6:4), e deveria tornar-se aceito na época neo-testamentária.

7. Os vasos persas de ouro eram mais como chifres de beber quanto à sua forma e capacidade, desenhados individualmente e com belas decorações.[10]

8. Este versículo tem sido problemático para os tradutores e comentaristas. Por um lado, a bebida era "como estava prescrito" (heb. *kaddāṯ*), enquanto por outro, cada um (lit. "homem e homem") estava livre para fazer como desejava. Muito dependente do grau de importância dado à palavra *dāṯ*. De acordo com Paton, esta palavra persa aparece dezenove vezes no livro, sempre em referência a um decreto real.[11] Portanto, a "prescrição" real mencionada era considerada como uma das leis importantes, inalteráveis, dos medos e persas. De acordo com Heródoto e Xenofonte, havia uma lei de que sempre que o rei bebia, todos bebiam. Josefo, todavia, ao recontar a história, disse: "Ele (o rei) também deu ordens aos seus servos, de que não deviam forçá-los a beber, levando-lhes vinho continuamente, como era o costume dos persas, mas permitissem que cada um dos convivas agisse de acordo com a sua inclinação".[12] Josefo, contudo, estava seguindo a LXX, que interpusera uma negativa, e assim mudara completamente o sentido da segunda oração, da forma como está em hebraico e nas versões-padrão em português. Portanto, a sua contribuição não nos ajuda.

Pode ser que os intérpretes tenham sido demasiadamente influenciados pela palavra *dāṯ*, que ocasionalmente pode ter tido a força de "ordem" e não de "decreto", desta forma fazendo sentido, como em NIV: "Pela ordem do rei cada conviva podia beber como queria, pois o rei instruíra todos os copeiros para servirem a cada homem o que desejasse". Deve-se mencionar mais uma contribuição para o significado deste versículo. A palavra *kaddāṯ* pode significar

---

10. Para exemplos, veja *AB*, placa 6, e o Museu Britânico. Um chifre-de-beber (BM 124081) em prata parcialmente dourada, com vinte e cinco centímetros de altura, com o cálice na forma de um grifo agachado, data do período persa acaemênida, do século V a.C..
11. *ICC*, p. 146.
12. *Antigüidades dos Judeus*, XI. 6.1.

"frascos", caso em que não haveria menção de decreto algum, e o significado seria "bebia-se em frascos, sem restrição".[13] Provavelmente a NIV representa a melhor solução para este problema, até agora.

Escondidas na tradução, mas óbvias no texto hebraico, há nuanças ocasionais de jogos de palavras. Há, por exemplo, a repetição da palavra *rab*, "muito, muitos", traduzida no versículo 7 como "generosidade" e escondida no versículo 8, em português, como "todos". Esse rei era pródigo em estocar a sua adega e em contratar servos.

9. Nesse ínterim outro banquete semelhante estava sendo realizado para as mulheres, presidido pela rainha. Alguns escritores são da opinião de que é mencionado um total de três banquetes nestes poucos versículos, enfatizando este como um dos temas favoritos do autor.[14] Indubitavelmente esta história inclui vários banquetes, de forma que dificilmente ele poderia deixar de fazer deles uma característica do seu livro. Não parece que era costumeiro atender as mulheres separadamente, segundo o costume persa; de fato, a própria Ester recebera o rei e Hamã em um banquete. O tamanho da lista de convidados pode ter tornado necessária uma certa divisão dos convivas, ou pode ser que sejamos levados a inferir que os excessos do banquete iriam ofender as sensibilidades daquelas damas.

O nome *Vasti* é enigmático porque, de acordo com Heródoto, o nome da rainha era Amestris, filha de Otanes, que havia apoiado Dario em sua reinvidicação do trono em 522 a.C., mas é possível que ele tivesse outras rainhas, cujos nomes não aconteceram de vir à luz, ou que ela tivesse dois nomes diferentes. O nome *Vasti* que é escrito de sete maneiras diferentes em outras tantas versões, tem sido associado com as palavras persas que significam "melhor" ou "a amada", "a desejada", belos significados para o nome de uma rainha.[15]

b. O rei é desafiado (1:10-12)

O grande rei que governava sobre todo o mundo conhecido e gozava de recursos ilimitados, não obstante era vulnerável. Este incidente levantou a questão de quem tinha a última palavra em casa.

---

13. John Gray: *The Legacy of Canaan, VTS* V (Leiden, 1956), p. 226; citado por Moore, *AB*, p. 8.
14. Três banquetes resultam da separação do citado no v. 3 do mencionado no v. 5, tendo como base o fato de que este último se destinava ao povo comum, mas se *bîrâ* deva ser traduzido como "acrópole", como temos argumentado, os convivas não vieram da cidade principal do outro lado do rio, chamada *hã'îr* em 3:15b. S.B. Berg aceita o fato de que ambas as festas eram para a acrópole, mas enfatiza o fato de terem ambas listas diferentes de convivas (Berg, p. 32).
15. *AB*, p. 9. Veja também p. XLII.

10. Depois de uma semana de bebedice é compreensível que o coração do rei estivesse *alegre*. A palavra hebraica *tôb*, "bom" pode significar qualquer coisa desde "alegre" até "bêbado"; o contexto é que decide (cf. I Sm 25:36 e I Rs 8:66 para interpretações contrastantes da mesma expressão). Dificilmente é provável que Assuero estivesse inteiramente sóbrio. Os sete nomes variam muito em sua forma nas diversas versões, e não têm confirmação de fontes externas, embora *Meumã* seja uma forma hebraizada de uma velha palavra persa (significa "confiável") e o último, *Carcas*, apareça nas *Tabuinhas do Tesouro de Persépolis*. Em geral esses nomes confirmam uma origem persa, e carecem de evidências de influência grega. A palavra hebraica *sārîs*, "eunuco", dá a entender tanto "oficial chefe" quanto "castrado" neste contexto, pois a esses sete homens era permitido o acesso ao harém real; mas poderia significar meramente "oficial", como no caso de Potifar (Gn 37:36), que sem dúvida era casado.

11-12. Considerando Vasti como seu tesouro mais precioso, o rei queria levar a sua grande exibição a um clímax, mostrando a sua beleza. A impertinência dela em recusar-se a aparecer, humilhando o rei dessa forma diante de todos os líderes do império, era previsivelmente perigosa para ela. Redações variantes e adições dos textos judaicos primitivos tentam explicar a sua desobediência. Ou lhe fora requerido que aparecesse nua, ou ela estava de alguma forma desfigurada, eventualidades que tornavam a sua recusa compreensível aos olhos dos judeus, ou ela estava escarnecendo abertamente da autoridade do seu esposo, considerando que o seu poder tinha limites apropriados. A omissão de uma razão fortalece a tensão da narrativa, dando a entender que Vasti não tinha direitos em relação ao seu marido, e portanto as razões eram irrelevantes. Será que o escritor tinha alguma simpatia por Vasti, e esperava suscitar piedade em seus leitores? Ele parece ter tido sucesso em fazê-lo. O ressentimento abrasador do rei deveria certamente encontrar expressão, para prejuízo de Vasti.

c. O rei é vingado (1:13-22)

13-14. Os conselheiros reais, os *sábios*, eram uma instituição tradicional; esses foram consultados por Faraó (Gn 41:8), e Daniel estava entre eles em Babilônia, no tempo de Nabucodonosor. Os *tempos* eram estritamente as ocasiões propícias para a ação, de acordo com as estrelas, mas aqui a expressão parece significar "a atitude correta a tomar" (cf. I Cr 12:32). O longo parêntese é típico do estilo do escritor (um exemplo menos longo ocorreu em 1:1). O rei habitualmente consultava os seus especialistas em *lei* e *direito* (heb. *dāt* e *dîn*): a aliteração evidentemente apelava pelo autor, pois esta frase "lugar comum" não correspondia exatamente à necessidade. Uma preferência pelo número sete está se tornando aparente (cf. v.10).

Os mais chegados a ele eram os sábios em que o rei tinha mais confiança, escolhidos e privilegiados por *se avistarem pessoalmente com o rei*, isto é, faiar com ele face a face, uma prerrogativa rara. Esses sete homens eram as pessoas mais próximas da posição de iguais ao rei, em seu reinado. Pouca coisa há que se dizer a respeito dos seus nomes, embora algumas das suas redações difiram consideravelmente nas versões, mas à semelhança dos nomes do versículo 10, estes parecem provavelmente ser formas persas.[16] O primeiro, *Carsena*, é encontrado em Persépolis nas Tabulnhas da Fortificação. Artaxerxes também tinha sete conselheiros (Ed 7:14).

15. O escritor agora retoma o assunto anterior ao parêntese do versículo 13. Se o rei não sabia como proceder, o seu pedido de conselhos *segundo a lei* evitou qualquer admissão de incapacidade.

16. Reuniu-se para consulta um gabinete íntimo composto do rei, de príncipes e conselheiros. Memucã provou o seu valor. Foi uma atitude astuta da parte dele subtrair o calor do ressentimento pessoal do rei, colocando o incidente em um contexto mais amplo. Foi também um movimento esperto tirar o máximo proveito do fato de que ele tinha diante de si uma reunião apenas de homens. Ganhando o seu apoio, ele podia aproveitar-se de um infeliz revés às expensas da rainha.

17. O argumento de Memucã pode ter-se recomendado aos homens presentes, mas não levou em conta a psicologia feminina. Via de regra, as mulheres não se apoiam umas às outras com tanta facilidade como os homens, em empreender ação conjunta.

18-20. A idéia do desprezo e da maledicência das mulheres às expensas dos homens, demonstrou ser incentivo suficiente para um novo decreto real, embora não seja considerado como ele poderia ser levado a efeito. De sua parte o rei incluiria no decreto uma carta de divórcio, descartando Vasti, e esse exemplo haveria de intimidar quaisquer esposas que ousassem desafiar os seus maridos. A própria proclamação da lei conseguiria a submissão desejada!

A omissão do título de "rainha" antes do nome de Vasti, deste ponto em diante, é digna de nota. *Outra que seja melhor do que ela* preconiza a maneira como a história irá se desenvolver. Em vista do isolamento real, a influência da rainha era potencialmente muito grande, e a ocupante seguinte daquela *posição real* deveria explorar o seu poderio ao máximo. Qual era exatamente a grandeza do seu poder, é tema explorado no curso da narrativa. Vasti perdeu a sua influência ao quebrar a regra não expressa de que esse domínio devia ser exercido de maneira privada. O seu castigo tem características de justiça. Se ela não veio quando chamada, que não venha nunca mais. G. A. F. Knight conside-

16. *AB*, p. XLIII, estabelece as formas variantes dos nomes.

ra Memucã como típico das pessoas que se deliciam em colocar os outros em dificuldades, e acarretam destruição de vidas inocentes.[17]

21-22. O apelo de Memucã aos interesses masculinos ganhou o apoio tanto do rei quanto dos príncipes. Descrevendo o rei a despachar o seu edito sem ponderar nem mais um pouco, o autor indiretamente comenta a maneira caprichosa como as leis eram feitas em uma terra que dava tanto valor à lei e ao julgamento (cf. v. 13). L. B. Paton entra em alguns detalhes a respeito das muitas línguas faladas no império persa naquela época, e diz que esperava que fosse redigido um edito em aramaico, língua internacional oficial.[18] No entanto, não havia escassez de tradutores, ou de mensageiros, embora o sistema postal, acerca do qual escreveu Heródoto,[19] também pudesse enviar os editos. Não obstante, o seu conteúdo, por ser burlesco, dificilmente deixaria de chocar os destinatários do edito, pois esperava-se que cada marido reinasse em seu próprio lar. *Que se falasse a língua do seu povo*, omitida no grego, é uma frase inesperada. Os comentaristas judeus primitivos lêem esta expressão à luz de Neemias 13:23s., como uma recomendação para que os maridos que tivessem esposas estrangeiras continuassem a falar a sua própria língua, mas isto dificilmente se enquadra no contexto. AV e RV tomam liberdade com o texto hebraico, sem ganhar apreciavelmente em significado. Uma pequena emenda propicia a redação "dissesse o que lhe conviesse", e isto certamente faz sentido.[20] O hebraico seria explicado, no entanto, se Assuero estava tomando uma folha do livro de Ciro, e encorajando o desenvolvimento de culturas minoritárias.[21] A ênfase na tradução do edito nas línguas dos povos reforça esta interpretação.

Nesta introdução à corte persa as armadilhas externas e a cena humana são retratadas com todo o seu esplendor bizarro. Comparada com a moderna narração de estórias, esta apresentação é inteiramente objetiva; o autor evita *comentar, não tenta nenhum estudo* dos personagens, *nenhuma* interpretação psicológica, não faz nenhum julgamento. O leitor é deixado com a tarefa de tirar as suas próprias deduções, e sem dúvida os membros judaicos originais da Diáspora, vivendo ainda sob governo estrangeiro, apressaram-se a fazê-lo.

Para nós, que vivemos em uma época muito diferente, seria fácil deixar passar despercebida a ironia sutil e o humor óbvio aos leitores originais. Há várias nuanças irônicas, mas a mais óbvia é o contraste entre o rei Assuero no

17. *TBC*, p. 29.
18. *ICC*, pp. 161s..
19. Heródoto, *Histórias*, VIII, 98.
20. *AB*, p. 12, seguindo uma sugestão de Hitzig; cf. *ICC*, p. 162.
21. De textos sobreviventes, sabemos que Ciro restaurou os santuários de povos sujeitados, e fez exilados retornarem (não apenas os de Judá) para suas terras natais (*ANET*, p. 316).

começo do capítulo, quando ele é o maior monarca do mundo, rico e poderoso, distante mas generoso, e aquele mesmo monarca no fim do capítulo, tentando manter a sua dignidade a despeito do desafio da sua esposa. Aquele legislador dos persas e medos, cuja lei não podia ser alterada, estava se preparando para promulgar um edito emoldurado em um momento de ressentimento, quando ele não estava nem sóbrio. Os conselheiros representados por Memucã eram espertos mas dificilmente sábios; o decreto promulgado de acordo com o seu conselho fez com que o rei parecesse tolo aos olhos dos seus súditos, e pode ser que ele tenha chegado a deplorar o banimento de Vasti, em seus melhores momentos (2:1). É esta a medida do rei que dominava sobre o mundo, e tinha em suas mãos o futuro de todos? A segurança e a confiança do autor, que podia comentar desta forma os atos do mais excelso governante do mundo contemporâneo, bem como os da corte e suas intrigas, são notáveis, e testificam de maneira totalmente inconsciente da eficácia da fé no Deus vivo. Esse escritor nada conhecia de uma crise de identidade, nem ficava desanimado com as incapacidades do governo humano, das quais estava tão consciente, por causa do governo soberano dAqueie que adorava, mas não mencionava.

II. ESTER É ESCOLHIDA COMO RAINHA (2:1-18)

a. Pesares não são permitidos (2:1-4)

Embora *passadas estas cousas* seja uma indicação genérica de tempo, a mudança de disposição do rei sugere um período curto, e não longo, antes que a sua ira se *apaziguasse*. Este verbo (heb. *šākak*) que ocorre apenas cinco vezes em todo o Antigo Testamento, é encontrado outra vez em 7:10, de forma a ligar estes incidentes (cf. Introdução, pp.). O fato de que Assuero *lembrou-se* de Vasti dá a entender um pouco de mal estar com toda a situação, mas o rei estava preso em uma armadilha pela sua própria legislação *decretada contra ela*. O verbo (heb. *gāzar* significa "cortar, dividir", e é um aramaísmo no sentido de "decretar".

Os servos que atendiam o rei entenderam a deixa e recomendaram a implementação do plano de Memucã. Houve muito entusiasmo na tarefa de encontrar e levar a Susã as moças mais atraentes do reino, mas isto era mais do que um concurso de beleza e, como escrevi algures,[22] do ponto de vista das moças envolvidas, não era um destino invejável, a despeito do encanto da viagem e da possibilidade de se tornar a consorte real. Era costume colocar um eunuco encarregado da "casa das mulheres", um posto da maior responsabili-

22. *NBC*, p. 415.

dade. O nome de *Hegai* ocorre em sua forma grega Hegias, em Heródoto, como um oficial de Xerxes.[23]

As semelhanças entre *As Mil e Uma Noites* e este incidente do livro de Ester são freqüentemente ressaltadas, mas é impossível verificar-se a data da lenda árabe, e portanto fazer qualquer comparação significativa. R. Ringgren argumenta que o "concurso de beleza" no contexto real é "um tema permanente e talvez um tema inconstante". "Pelo menos pode-se dizer que este livro não apresenta algo de que nunca se ouviu falar no ambiente em que ele foi formado."[24]

b. Ester é apresentada (2:5-11)

Uma regressão ao tempo da deportação dos judeus de Jerusalém, em 597 a.C. interrompe a história, para introduzir duas pessoas-chaves, indispensáveis ao enredo.

5-6. "Havia certo homem judeu..." Uma nova personagem é assinalada pela inversão da costumeira ordem de palavras. Como o texto continua dizendo, Mordecai era da tribo de Benjamim; o nome de Judá a essa época havia se tornado genérico, significando "judeu" tanto quanto expressando significado tribal. Os nomes da genealogia de Mordecai são provavelmente bem conhecidos como da família de Saul, o rei: *Quis*, seu ancestral (I Sm 9:1; 14:51; I Cr 8:33), e *Simei*, seu parente, que por mera lealdade a Saul amaldiçoou Davi (II Sm 16:5). Se assim for, tais ancestrais provam que Mordecai tinha sangue real; porém, seja como for, ele é membro do povo escolhido de Deus, que herdou as promessas (*v.g.* Is 62: 1-2). Por esta razão, espera-se algum cumprimento especial das promessas. *Que fora transportado*. Não está claro a que nome se aplica este "que"; gramaticalmente Mordecai é indicado, mas isto faria com que tanto ele como Ester fossem velhos demais em 480 a.C. Há nas Escrituras outros exemplos de um engavetamento de gerações, em consonância com uma consciência da solidariedade familiar (cf. Gn 46:27; Hb 7:10).

O nome *Mordecai*, como os nomes dados a Daniel e seus amigos (Dn 1:7), deriva de um nome comum em Babilônia. Incorpora Marduque, nome de um deus estatal de Babilônia, e possivelmente seja uma versão hebraica do nome popular Mardukaya.[25] Ele ocorre em várias formas nas tabuinhas do tesouro encontradas em Persépolis; aparece como *Mrdk* em um documento aramaico do século V, e em um texto não datado, provindo provavelmente dos últimos anos de Dario I ou dos primeiros anos de Xerxes I, onde se menciona um

23. *Histórias*, IX, 34.
24. H. Ringgren: "Skonhetsavlingen i Esters bok", *SEA* 46 (1981), pp. 69-73, como é resumido em *OTA* (1982), 5, p. 60.
25. *IBD* II, p. 1024.

homem chamado Marduka, que serviu como contador em uma viagem de inspeção iniciada em Susã.[26] *Jeconias*, também conhecido como Conias (Jr 22:24-30) e como Joaquim (II Rs 24: 8-17), era rei de Judá em 597, e assim foi deportado por Nabucodonosor para a Babilônia, para ali se tornar a esperança dos exilados (II Rs 25:27-30). O fato de a família de Mordecai ter sido levada juntamente com Joaquim provavelmente significa que ela pertencia à nobreza (II Rs 24:12).

7. *Hadassa* é o nome hebraico da heroína, e significa "murta".[27] No simbolismo profético, a murta substituía as urzes e espinhos do deserto, retratando desta forma o perdão e a aceitação do Seu povo, por parte do Senhor (Is 41:19; 55:13; cf. Zc 1:8). Ramos de murta ainda hoje são carregados em procissão durante a Festa dos Tabernáculos, e simbolizam paz e agradecimento. O equivalente persa, *Ester*, "estrela" (cf. Esteia), segue o som do nome hebraico, e sugere as flores da murta, em forma de estrela. Provém da mesma raiz que o nome babilônio Ishtar, da deusa que corresponde a Vênus na adoração romana.

Mordecai havia adotado a sua prima órfã, e a educara. Ela era *bela* e *de boa aparência*. O hebraico é mais específico: "bela de forma e linda de se ver", "bela de forma e características" (NIV). O verbo traduzido como "adotar" é *lāqaḥ*, "tomar", que é usado de maneira mais genérica no versículo seguinte.

O costume de adoção era suficientemente conhecido em Israel para propiciar um modelo do relacionamento entre o Senhor e o Seu povo (cf. Ex 4:22; II Sm 7:14; Sl 2: 7,8; 89.27-28; Jr 3: 19; 31:9), mas não há leis no Pentateuco que governem a adoção, e há relativamente poucos exemplos da sua prática (mas cf. Gn 15:3; 48:5; Is 1:2-3; Os 11: 1). Este exemplo em Ester sugere que a adoção no contexto da família era preferida, e isto está em consonância com o costume do Oriente Próximo.[28]

8. Terminado o parêntese, o escritor retoma a história que ele havia iniciado nos versículos 1-4. A vaga declaração *muitas moças* tem provocado sugestões a respeito de um número provável. De acordo com Josefo, havia quatrocentas, mas Paton, calculando na base de uma moça diferente por noite, durante quatro anos (16; cf. 1:3), chega a 1.460.[29] Parece não ter sido colocada nenhuma restrição quanto ao número. Como neste caso do banquete, tudo era possível na corte persa. *Levaram também a Ester*, da mesma forma como fora tomada aos cuidados de Mordecai. C. A. Moore está correto, sem dúvida, ao dizer que o verbo não sugere "nada desagradável", mas é impossível saber se

---

26. C.A. Moore: "Archaeology and the Book of Esther", *BA* 38 (1975), p. 74. Ele se refere a A. Ungnad, *ZAW* 58 (1940/1941), p. 244.
27. *IBD* III, pp. 1238, 1240.
28. Josefo: *Antigüidades dos Judeus*, XI 6.2 Cf. *ICC*, pp. 172s..
29. Para obter maiores informações, veja *IBD* I, artigo "Adoption" p. 17; S. M. Paul, "Adoption formulae", *Maarav* 2 (1980), pp. 173-185.

ela foi sem relutância. É questionável se qualquer mulher podia exercer o direito de escolha em face de uma ordem real.

9. A aprovação imediata de Hegai era animadora. Ele ficou encantado por Ester, e ela encontrou favor (cf. "Deus concedeu a Daniel misericórdia", Dn 1:9), da mesma forma como mais tarde ele deveria encontrar favor aos olhos do rei (5:2). É instrutivo notar o uso da palavra pactual *favor* (heb. *ḥesed*) nestes contextos seculares. A restrição teológica do autor de Ester, contrastando com Daniel 1:9, embora deixando entender o sentido da direção de Deus, pode assim mesmo subentendê-la. Os intérpretes ficam imaginando porque, diferentemente de Daniel e seus amigos, Ester, como membro real da raça judaica, não levantou nenhum protesto a respeito de comer os alimentos impuros dos gentios. A situação dela era diferente da de Daniel nesse contexto, como esposa potencial do rei; ela poderia esperar ser a sua única companhia à mesa, e estar destinada a compartilhar das suas refeições. A sua missão também era diferente, e a sua integridade se expressa de maneira característica, à medida que a história se desenrola.[30]

Hegai fez tudo o que pôde para apressar os preparativos, e dando-lhe sete ajudantes e as melhores acomodações, parece que ele a assinalou como favorita para a sucessão como rainha.

10. A capacidade de Ester de não denunciar as suas intenções era um dos seus sinais de sabedoria (Pv 13:3), tanto quanto a sua obediência às instruções de Mordecai (Pv 13:1). Ele governava em sua casa! Ela era uma pessoa discreta, e não apenas uma face bonita; de fato, a discreção aumenta a beleza. De acordo com Heródoto, Assuero devia estar procurando uma esposa no círculo restrito das famílias dos seus seis confederados.[31] O fato de que ele não fez nenhuma pergunta significa que Ester não enganou ninguém, guardando segredo da sua linhagem.

11. A separação entre Mordecai e Ester foi completa; daí a sua preocupação em obter notícias dela. Como ele o fez não é importante para a história, e por isso é deixado por conta da imaginação, mas os servos gostam de provar que estão sabendo das coisas. Mais significativa é a afeição que o leva diariamente ao pátio da parte dela do palácio, para conseguir informações.

c. Ester torna-se rainha (2:12-18)

O elaborado tratamento de beleza a que cada candidata precisava se submeter agora é descrito detalhadamente.

12-14. Estes versículos exaltam a desumanidade da poligamia. Os doze meses de tratamento de beleza propiciavam "preparação para o casamento",

30. Veja *Daniel (CSCB)* acerca de 1:9.
31. Heródoto, *Histórias*, III. 84.

mas a parte triste era que, para a maioria, o que a esperava era mais provavelmente a viuvez, e não o casamento. Embora cada moça se mudasse da casa de Hegai para a de Saasgaz, depois de se tornar concubina, não havia nenhuma garantia de que o rei iria se lembrar dela por nome, e chamá-la uma segunda vez. Bem distantes da privação emocional que isto acarretava, em suas vilas muitos jovens não ficavam privados de suas esposas pela cobiça do rei? O prestígio de viver no palácio real era pequena compensação pela negligência do rei, embora as moças que fossem apaixonadas pelo luxo sem dúvida podiam gozá-lo ao máximo.

Alguns comentaristas têm encontrado humor na importância dada a beleza e a cosméticos. B. W. Jones, por exemplo, chama esses doze meses de tratamento de beleza de "consumo proeminente em extremo!"[32] A Pérsia e a Índia, juntamente com a Arábia, eram famosas por seus perfumes aromáticos, que exportavam desde tempos imemoriais, de forma que não é de se admirar que se fizesse uso extensivo deles no harém real.[33] Até hoje vestígios de costumes antigos, relacionados com a preparação da noiva para o seu casamento, sobrevivem em partes do Irã e norte da Índia. Estes costumes incluem um banho de purificação ritual no banheiro comunitário, quando os cílios são arrancados e removidos todos os pelos do corpo, e as mãos e os pés são pintados com hena, além da maquilagem facial.[34] A aplicação de uma pasta embelezadora durante vários meses era de se esperar, para atenuar a cor da pele e remover manchas e rugas, da mesma forma como os cremes faciais são usados hoje. Dava-se muito valor ao óleo de mirra, por seu perfume doce (Sl 45:8, Pv 7:17). Não pode haver dúvidas quanto à seriedade com que era aplicado todo este tratamento de beleza.

Uma contribuição ulterior a este assunto por W. F. Albright chamou a atenção para o uso de queimadores de cosméticos durante o século V a.C. na Arábia do Sul, Palestina e Mesopotâmia. Com base em um estudo de inscrições a respeito desses queimadores, ele sugere que as especiarias fragrantes mencionadas aqui eram usadas em forma gasosa, "que teria valor tanto higiênico quanto terapêutico".[35]

---

32. B. W. Jones: "Two misconceptions re. the Book of Esther", *CBQ* 39 (1977), p. 175. Cf. T. H, Gaster: "Esther 1:22", *JBL* 69 (1950), p. 81; e Berg, p. 28.
33. Cf. Athalya Brenner: "Aromatics and Perfumes in the Song of Songs", *JSOT* (1983), pp. 75-81.
34. Na Índia uma pasta embelezadora é feita de farinha, óleo de mostarda e "tumeric"; açafrão também pode ter sido usado, embora hoje seja muito caro. Em Bengala, a madeira de sândalo é usada para formar uma pasta e água perfumada para banho. Em algumas regiões essa pasta é aplicada sobre todo o corpo durante dias, antes do casamento. Visto que uma das intenções é tornar a pele mais suave, o banho de sol é considerada prática estranha.
35. "The Lachish Cosmetic Burner and Esther 2:12" em *A Light unto My Path: Old Testament Studies in Honor of Jacob M. Myers*, editado por H. N. Bream, R. D. Heim e C. A. Moore

15. Só agora Ester é mencionada pelo seu nome completo: *filha de Abiail, tio de Mordecai, que a tomara por filha.* A oferta de toda sorte de adornos significava que as rainhas em perspectiva revelavam mediante a escolha que faziam se tinham bom senso e gosto artístico, ou se estavam interessadas apenas em se enriquecer. Ester estava preparada para ser guiada por Hegai, que sem dúvida sabia o que estava de acordo com as preferências do rei.

16-18. Quatro anos se haviam passado desde que o rei, pelo seu edito, havia banido Vasti (cf. 1:3). O décimo mês, *Tebete* "lama", era o meio do inverno, um período frio e úmido, mesmo em Susã. A despeito das condições atmosféricas, o rei "amou" Ester *mais do que todas as mulheres* que ele vira até então, e não esperou mais para declará-la rainha. Assim, ela obteve graça e favor aos olhos do rei, como havia acontecido com Hegai e outras pessoas (2:9,15). A *coroa* real (heb. *keṯer*), que pode ser uma palavra emprestada do persa, é relacionada com o verbo hebraico "rodear", devido à sua forma. A escolha da nova rainha requeria novo banquete, desta vez em honra a Ester. O *alívio às províncias* era em termos de isenção de impostos, que embora pareça improvável ao leitor ocidental, é bem atestada na antiga Pérsia.[36] Um dia extra de feriado, pelo contrário, em nossas mentes está associado ao casamento de um rei. A questão é: que redação é a correta: A constante da ARA, mencionada acima, ou a sugerida na margem da versão inglesa RSV traduzindo-o como "feriado?" O hebraico é literalmente "fazer descansar", expressão idiomática que requer que o tradutor interprete o seu sentido. Os tradutores gregos achavam que isto significava "libertação de prisioneiros", que é outra possibilidade, mas na ausência de evidências palpáveis em favor de qualquer significado a não ser o primeiro, o texto da ARA deve permanecer. Os *presentes* do rei nessa ocasião provavelmente deveriam ser porções de comida (cf. Gn 43:34; Jr 40:5 onde ocorre a mesma palavra *maś'ēṯ* e o contexto supre o significado), e assim toda a população, e não meramente os ricos e influentes tinham motivos para se regozijar.

III. UMA CONSPIRAÇÃO É DESCOBERTA (2:19-23)

A sentença inicial desta seção tem causado problemas, porque tanto o seu significado real quanto o seu significado para o autor são obscuros. As dificuldades se centralizam: I. Na palavra hebraica traduzida por *pela segunda vez* (heb. *šēnîṯ*), pois aparentemente não havia sido realizada tal reunião anterior-

(Temple University Press, Filadélfia, 1974), p. 31. Este artigo é reimpresso em *Studies in the Book of Esther*, de C. A. Moore, pp. 361-368.

36. Heródoto: *Histórias*, III. 67. "Pseudo-Smerdis, logo que subiu ao trono, proclamou uma remissão de impostos e do serviço militar 'durante três anos'."

mente, e há quase tantas explicações quanto comentaristas.[37] Pode ser que alguns dos primeiros tradutores para o grego e o latim não tenham entendido o seu significado, pois eles omitiram a oração inicial. Talvez a emenda, pequena no texto consonantal hebraico, de *šēnît* para *šōnôt*, deva ser considerada favoravelmente.[38] Nesse caso o significado seria "quando várias virgens estavam sendo reunidas", isto é, recapitulando o versículo 8. Mas isto tem que ser pesado à luz do significado da segunda oração. II. Em vista do fato de que Mordecai podia ser encontrado regularmente assentado à porta do rei (2:21; 3:2; 5:9, 13; 6:10,12), por que o autor enfatiza tanto este ponto? Será que dois temas referentes a Ester e Mordecai foram independentemente colocados juntos de maneira incompleta?[39] A conclusão a que Gordis chega com a frase *sentado à porta do rei* é que ela "não é uma etiqueta sem significado em qualquer uma de suas cinco ocorrências neste livro".[40] Ele indica que, por todo o Oriente Próximo antigo, "a porta" era o lugar em que se dispensava a justiça e que, enquanto os litigantes ficavam de pé, o rei ou seu oficial nomeado ficava "sentado" (cf. Pv 31:23). A modificação da frase em 19b desta forma assume significado concreto, e Gordis faz a sugestão plausível de que Ester, quando se tornou rainha, fez com que Mordecai fosse nomeado magistrado ou juiz, "uma posição subalterna na elaborada hierarquia dos oficiais persas", e que ela o executara sem delongas, "antes do desfile cerimonial final que concluía as festividades de coroação".[41] Se este é um raciocínio correto, 2:19-20 não recapitula simplesmente 2:8-10, mas acrescenta um incidente importante para o desenvolvimento da trama. Mordecai agora está em uma posição que pode ouvir de passagem o que está sendo dito pelos oficiais do palácio (21) e tem acesso às câmaras reais (22), e, embora seja conhecida a sua identidade judaica, não há razão para que se subentenda que Ester também é judia. Faz sentido o fato de ela evitar qualquer perturbação que possa ser suscitada do fato de sua nacionalidade ser descoberta, conservando-se silenciosa a respeito.[42]

Se não fosse necessário conservar em segredo a sua identidade, certamente Ester teria conseguido para Mordecai um emprego dentro do palácio. Da maneira como as coisas estavam, ela o recompensara por sua bondade em educá-la como sua filha, mas sem colocar em risco a sua própria segurança.

---

37. Cf. o sumário abrangente de sugestões em *ICC*, pp. 186-188.
38. Isto foi sugerido em 1908 por L. B. Paton (*ICC*, p. 192) e é retomado por C. A. Moore (*AB*, p. 30).
39. Assim também pensa K. V. H. Ringgren (*ATD* XVI, p. 385), mencionado por C. A. Moore (*AB*, p. 30) e julgado por ele como "não sem mérito".
40. Robert Gordis: "Studies in the Esther Narrative", *JBL* 95.1 (1976), pp. 47s.
41. *Ibid.*, 48.
42. Se o rei era obrigado a tomar a esposa dentre uma das sete famílias nobres da Pérsia, como Heródoto assevera (*Histórias*, iii. 84), havia muitas razões plausíveis para ela silenciar quanto ao assunto da descendência.

Não obstante, a promoção de Mordecai às portas do rei foi suficiente para provocar Hamã à ira (5:13).

Nesse ínterim, de sua posição vantajosa, Mordecai fez papel de detetive, e descobriu a conspiração contra a vida do rei. Como guardiães da porta, *Bigtã*, que pode ser o Bigtá de 1:10, e *Teres*, guardavam como às suas próprias vidas a porta do apartamento real, mas ao fazê-lo, eles tinham oportunidades únicas para conspirar contra o rei. Muitos monarcas morreram às mãos dos seus servos mais íntimos, inclusive Assuero, mais tarde. Tornando conhecido de Ester o que estava acontecendo, Mordecai salvou a vida do rei, que como o copeiro de Gênesis 40:23, depressa se esqueceu do homem que o havia beneficiado. Os culpados foram devidamente enforcados, e o incidente foi registrado nas Crônicas da Corte da Pérsia, mas Mordecai sequer recebeu agradecimentos pelo seu trabalho.

IV. HAMÃ VINGA-SE DOS JUDEUS (3:1-15)

a. A promoção de Hamã (3:1-6)

Mais uma vez mostra-se o rei Assuero sob uma luz desfavorável; ele se deixa enganar pelo seu primeiro ministro recém-indicado, promulgando legislação a respeito de cujas implicações ele não está devidamente informado.

1. *Depois destas coisas*, isto é, depois que Ester se tornou rainha no sétimo ano do reinado (2:16) e antes do décimo segundo ano (3:7), Hamã foi exaltado a uma posição apenas secundária em relação à do rei (cf. 10:3). *Hamedata* não aparece em nenhuma genealogia conhecida; mais provavelmente era o nome de um ancestral imediato. *Agagita* faz lembrar I Samuel 15, em que Saul foi repreendido por ter poupado o Rei Agague, chefe dos amalequitas, contra quem estava lutando. Tinha havido inimizade entre Israel e Amaleque desde que Amaleque atacara os israelitas em Refidim (Ex 17:8-16; cf. Dt 25:17-19; I Cr 4:43), antes de eles terem alcançado o Sinai. Mas se Mordecai era da família de Saul, que deixara de lutar contra Agague até a morte, em contraste com a recapitulação dessa batalha, ele não fracassou nem enfraqueceu. A LXX traduz *agagita* como "fanfarrão", adaptando desta forma o texto para os leitores gregos, de maneira livre. (Cf. 9:24, onde a LXX em lugar de "agagita" apresenta "macedônio".)

Há outra dimensão da ligação de Hamã com Amaleque, que "não temeu a Deus" (Dt 25:18). "O ato de Amaleque fora de desafio, atribuído à negação da existência de Deus, ao pressuposto de que só o acaso domina o universo... e

assim também o de Hamã, mil anos depois".[43] Mordecai tem certas semelhanças "coincidentes" com Saul, no fato de seu antepassado se chamar Quis e de se defrontar com o agagita como Saul o fizera.

Embora Hamã pudesse ser suficientemente ambicioso para agir de maneira tortuosa, a fim de conseguir um cargo elevado, há notável ausência de preconceito racial nesta nomeação. Embora o rei devesse a vida a Mordecai, Hamã é quem ganhou a promoção.

2-3. A se julgar pela porta de Persépolis, onde se entrava por uma espaçosa escadaria e era guardada por enormes figuras semelhantes a leões, e que media sessenta por trinta metros, havia lugar para *todos os servos do rei* nos umbrosos recessos da porta, no palácio de Susã. Os que eram oficialmente nomeados pelo rei para o seu serviço precisavam ficar dentro das portas do palácio real.[44] Ainda faz parte da cortesia oriental curvar-se reconhecendo a idade e a honra de alguém, e há evidências de que a cultura israelita não consistia exceção. Embora fosse prestada reverência primordialmente a Deus e ao rei, os suplicantes curvavam-se quando procuravam favor (assim aconteceu com Jacó diante de Esaú, Gn 33:3) ou quando expressavam uma dívida de gratidão (*v.g.* Davi diante de Jônatas, I Sm 20:41). Mordecai obstinadamente recusou-se a submeter-se a Hamã, quaisquer que fossem as razões; de fato, parece haver uma falta de respeito generalizada por esse homem; se assim não fosse, não haveria necessidade de uma ordem real para que o povo se curvasse diante dele. Outros podiam se conformar, mas Mordecai não era um homem do tipo que concorda com tudo. Embora o fato de ele ser judeu não impedisse (4) o ato de ele se encurvar, a fé dos exilados tendia a encorajar uma independência de juízo e de ação que embaraçava os seus captores (Dn 3:6).

4. A persistente obstinação de Mordecai era calculada para provocar uma reação. Os que se conformavam com relutância queriam descobrir se houvera alguma exceção.

5-6. Enquanto essa questão não foi levantada, Hamã não havia notado Mordecai, mas ele reagiu com furiosa determinação, e não podia tolerar nenhuma insubordinação. Embora *cheio de furor*, Hamã calculou que podia dar largas à sua vingança não apenas contra Mordecai, mas também contra toda a sua raça, que podia ser igualmente obstinada em sua oposição a ele. O narrador faz um jogo de palavras com a semelhança sonora entre as palavras Hamã e *hēmâ*, ira.

---

43. Abraham D. Cohen: *"Hu Ha-goral:* O Significado Religioso de Ester", *Judaism* 23 (1974), p. 124.
44. Heródoto: *Histórias;* III. 120, fala de dois governadores provinciais "assentados perto da entrada do palácio". Cf. Xenofonte: *Cyropaedia*, VIII. 1.6.

b. O lançamento de sortes (3:7-11)

O autor agora chega ao assunto que, de acordo com muitas autoridades, constitui o tema principal do livro, a saber, a origem da festa de Purim (sortes).

7. *Se lançou Pur, isto é, sortes.* O lançamento de sortes era costume comum em todo o Oriente antigo e, em certas situações específicas, era empregado por Israel como método de orientação (*v.g.* na distribuição de Canaã entre as tribos: Js 15:1ss.). Mediante o uso legítimo de sortes o Senhor tornava conhecida a Sua vontade (Pv 16:33). Hamã também estava procurando orientação, mas em sua mente a coisa importante era escolher o dia de sorte, favorecido pelos augúrios, para o seu empreendimento, embora isso significasse esperar um ano todo antes de poder agir. *Nisã* e *Adar* ocorrem também em Neemias 2:1 e Esdras 6:15; os nomes hebraicos para os meses, depois do exílio, deram lugar aos nomes persas.

8-9. Hamã toma muito cuidado para insinuar-se para com o rei, dando a impressão de estar motivado apenas pelo que *convém ao rei.* O rei foi desencorajado a verificar os fatos, pela omissão intencional da parte de Hamã de todos os detalhes específicos, especialmente o nome dos perturbadores. O fato de eles estarem *espalhados, dispersos* dá a entender que retiveram a sua identidade, e a acusação de Hamã de que eles têm o seu próprio sistema legislativo e ignoram as leis do reino persa, marca-os como culpados. Desta forma, Hamã prepara o caminho para a sugestão de que deviam ser destruídos, enquanto que ao mesmo tempo promete um lucro financeiro desse empreendimento. Agora, pela primeira vez, ficamos sabendo que Hamã é rico; a soma que ele promete é uma vasta fortuna, e enquanto era provável que ele estivesse planejando confiscar as propriedades das famílias judias que aniquilasse, a sua proposta teria sido ridícula se ele não tivesse dinheiro já à sua disposição.

A maneira como Hamã apresentou o seu plano é uma mistura sutil da verdade, de meias-verdades e mentiras, nessa ordem. Embora realmente os judeus tivessem as suas próprias leis, era falso acusá-los de desobedecerem às leis do estado.

A palavra traduzida como *tesouros* é outra palavra persa. O autor estava familiarizado com o vocabulário da corte de Susã. O massacre planejado, por horrível que fosse não era sem precedentes. Em 522 a.C., na época da morte do Rei Cambises, Smerdis, o Mago, usurpou o trono. Quando ele foi morto em uma conspiração, todos os persas da capital tomaram as suas armas e mataram todos o magos que puderam encontrar.[45] Se a escuridão não tivesse dado fim à mortandade, toda aquela casta teria sido exterminada.

45. Heródoto: *Histórias*, III. 64-80. "O aniversário deste dia se tornou feriado no calendário persa, marcado por uma importante festa conhecida como Magofonia, ou Matança dos Magos, durante a qual não se permite que nenhum mago apareça – todos os membros

10. O rei, presumindo que o povo disperso em questão fosse aliado distante, hostil à sua causa, emprestou a sua autoridade real a Hamã. *O seu anel* era o selo de poder executivo, reconhecido por todo o império. Hamã tinha liberdade para levar a efeito a sua conspiração, que tinha longo alcance. O autor ominosamente repete todos os seus títulos, mas acrescenta: *adversário dos judeus*.

11. *Essa prata seja tua.* Parece que o rei está recusando o dinheiro, mas ainda é provável que ele espera que Hamã lhe pague a quantia, levando a efeito o plano como *for do teu agrado*. Expressões como esta assumem um significado estranho na boca de um tirano, mas o autor se exime de comentá-lo. Ele apresentou a situação em que é possível encontrar alguns dos vários motivos que podem interagir quando são decididas as políticas nacionais. Nessa ocasião a motivação poderosa de vingança pessoal era oculta ao rei.

O leitor moderno fica fascinado pela motivação psicológica, e a razão pela qual qualquer pessoa desejaria aniquilar os judeus é tão importante que ainda continua a defrontar-se com o historiador, porque as tentativas para fazê-lo continuam até os dias atuais. Contudo, é de se duvidar se o autor estava tão preocupado com a psicologia humana tanto quanto com o propósito divino que estava por trás dos acontecimentos que ele registra. Embora mantenha uma posição exclusivamente concreta e objetiva, a questão do poder final nunca está longe da superfície. Até que ponto é poderoso o grande rei Artaxerxes? O autor já o mostrou sendo depreciado em público por sua esposa, e enganado por seu ministro. Será que de fato ele tinha controle do seu lar e do seu império?

c. O edito é publicado (3: 12-15)

A escrita do edito, a sua tradução em todas as línguas do império e a redação dos despachos finais são mostradas em detalhes.

12. A data, possivelmente parte do conteúdo da redação oficial, era memorável para todo judeu, porque era a véspera da morte do cordeiro pascal (Ex 12:6). Aquela celebração memorial, com a recordação feita naquela ocasião da libertação do Faraó, operada por Deus, dificilmente deixaria de provocar uma interrogação: o nosso Deus nosk salvará da morte de maneira igualmente decisiva, devido à ordem de Assuero? Pelo fato de a fé crer que a resposta era *afirmativa*, a *liturgia, ano após ano, era* importante (Ex 12:24-27), mas enfrentava um teste decisivo.

Sátrapas, adaptação de uma palavra persa, eram os governadores das vinte satrapias; os *governadores* eram encarregados das províncias, e os *príncipes*, ou melhor, "oficiais", eram promovidos localmente (cf. comentário a 1:3). Embora tivesse sido Hamã quem redigira o edito, ele fora expedido com o selo

---

dessa casta permanecem dentro de casa até que o dia termine"(79).

real e em nome do rei. O selo gravado de maneira muito peculiar, servia como assinatura do rei.

13. *Os correios* do rei levavam os despachos reais por mensageiros expressos a cavalo, até os limites mais distantes do império (cf. comentário a 8:10). *Destruíssem, matassem e aniquilassem*; esta expressão tríplice é uma característica estilística de documentos legais e expressa "a predileção milenar da oficialidade por terminologia legislativa que sobreviveu às eras, nos Estados Unidos dos dias atuais (e poderíamos acrescentar, no Brasil) não menos do que na antiga Pérsia."[46] A mesma coisa acontece com o que se segue, embora se devesse pensar que *todos os judeus, moços e velhos* excluísse mulheres e crianças. Contudo, nesta pena de morte elas foram incluídas especificamente. Onze meses ainda deveriam se passar antes do *dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar*, dia escolhido por Hamã, por sorte, para o massacre. A pilhagem dos bens dos judeus era permitida para propiciar um incentivo, mas ainda é difícil imaginar essa mortandade acontecendo por ordem, de maneira calculada.

14-15. O decreto devia ser proclamado de forma que preparativos adequados fossem feitos. Uma cópia (*patšegen*) é uma palavra persa que ocorre na Bíblia apenas em Esdras e em Ester, onde é usada seis vezes em suas formas aramaica e hebraica.

Há um uso hábil de contraste na última sentença do capítulo. Enquanto os colaboradores celebram, a cidade de Susã queda-se consternada. O autor é sensível às reações populares, e nota que o cidadão comum se pergunta o que está por trás de um decreto tão drástico.

V. ESTER CONCORDA EM INTERCEDER (4:1-17)

a. A explosão apaixonada de Mordecai (4:1-3)

O quadro de Hamã, com todo o sangue frio, dando-se tempo até ter a data propícia, é um contraste marcante com a imediata demonstração de consternação de Mordecai. Nós, no ocidente, estamos tão condicionados a curtir a nossa tristeza de maneira particular, e algumas vezes, para nosso prejuízo, sem expressá-la, que podemos considerar a lamentação demonstrativa e ruidosa de Mordecai como mera exibição melodramática. Para que não fiquemos tão fora de sintonia com a cultura do autor (para quem os sinais exteriores de tristeza eram profundamente sérios), é necessário que nos coloquemos no lugar de Mordecai, que, pelo orgulho obstinado ou lealdade a princípios, ocasiona-

46. Robert Gordis: "Religion, Wisdom and History in the Book of Esther – A New Solution to an Anciente Crux", *JBL* 100.3 (1981) p. 377.

ra desastre não apenas a si, mas a toda a sua raça. O castigo é grosseiramente desproporcional ao crime, e sugere que algo afim ao anti-semitismo já estava presente de forma embrionária entre a população das terras da Dispersão.

1. Mordecai, sempre por dentro das coisas, não perdeu tempo para descobrir o que estava por trás do decreto que acabara de ser promulgado (7). Então ele *rasgou as suas vestes e se cobriu de pano de saco, e de cinza.* Esses costumes são mencionados em períodos muito afastados do Antigo Testamento (*v.g.* Gn 37: 34; II Sm 1:11; Is 3: 24; Dn 9:3) e são praticados por outras nações (Is 15:3; Ez 27: 30-33) bem como por Israel. De fato, os persas da época de Xerxes, em Susã, segundo se registra, rasgaram as suas roupas numa tristeza irreconciliável depois da sua derrota em Salamina.[47] Portanto, Mordecai estava se comportando de acordo com os costumes locais bem como com os costumes judaicos, ao rasgar as suas vestes.

2. A lei contra o uso de vestimenta de saco à porta do rei não é confirmada por outras fontes, mas é intrinsicamente crível (cf. Ne 2:2). Evidentemente o uso de roupa de saco era conhecido também na Pérsia, mas por que deveria o rei ser lembrado de desastres, tendo lamentadores dentro de suas portas?

3. Em todos os lugares os judeus reagiram como Mordecai havia feito, ao ouvirem o decreto. A tristeza comunitária, com jejum, choro, lamentação e vestimentas de sacos e o uso de cinzas, não era uma formalidade, mas expressava dor e terror, de tal forma que levava a arrependimento e oração diante de Deus, embora o escritor não mencione nenhuma das duas coisas.[48] A oração de Lamentações 3:40-66 poderia ter sido escrita para esta ocasião (cf. Ed 8:21,23; Ne 9:1). A disseminação espontânea de roupa de saco e cinzas, de forma que os judeus podiam se prostrar em sua tristeza (cf. Is 58:5) é um exemplo comovente de lamentação nacional, semelhante à de Nínive (Jn 3:5-9), mas raramente relatada até na Bíblia.

b. Ester assume a liderança (4:4-17)

A comunicação entre a rainha e Mordecai precisava se dar através de mediadores, mesmo quando se estava discutindo um assunto tão secreto como este aqui registrado. É impressionante a total confiabilidade de Hatã, o eunuco real, e contrasta com a traição de Bigtã e Teres (2:21).

4. Os que serviam Ester tinham conhecimento dos laços que a ligavam a Mordecai, mas não deviam saber que eles eram parentes, e o decreto que era o assunto da cidade evidentemente ainda era desconhecido no palácio (6-8).

---

47. Heródoto: *Histórias*, VIII. 99.
48. As razões possíveis para a sua reticência são discutidas na Introdução, p. 31.

Quando Ester ficou sabendo que Mordecai estava se lamentando, presumiu que alguma perda material havia ocorrido, e por isso mandou-lhe roupas novas para vestir; mas a sua dor não foi aplacada assim tão facilmente. Podem estar certos os comentaristas que argumentam que a intenção de Ester em enviar roupas a Mordecai era para que ele pudesse qualificar-se para entrar no palácio, mas naquele caso a sua recusa em aceitá-las teria sido extremamente descortês. Não obstante, estaria em consonância com a sua inépcia que causara a crise, para começar.

5. O nome *Hatã* pode ser derivado do persa *hātaka*, "bom"; se assim é, esse homem fazia jus ao seu nome. Assuero fora cuidadoso em escolher para a sua rainha um homem de integridade para servi-la, e se dispusera a liberá-lo do grupo de seus assistentes pessoais.

6. Não há nada de privado em relação à reunião entre Hatá e Mordecai, que teve lugar na praça da cidade, além das portas do palácio, onde todos se congregavam.

7-8. Mordecai não hesitou em dar todas as informações exatas, com especial atenção à persuasão financeira que Hamã havia oferecido ao rei. Conquanto fosse indubitavelmente rico, Assuero assim mesmo reagia às promessas de riqueza ainda maior, embora a tivesse repudiado (3:11). A traição de pessoas em troca de dinheiro sempre fora particularmente repugnante (nunca tanto quanto a traição de Jesus por Judas) e podia-se contar que Ester iria reagir com ressentimento apaixonado. Uma cópia do decreto silenciaria todas as dúvidas a respeito da exatidão da informação e suscitaria a interrogação: O que devia ser feito? Será que o decreto fora pregado no muro da cidade, para que todos o vissem e lessem?

As últimas palavras de Mordecai foram uma ordem para que ela usasse a sua influência junto ao rei em favor do seu povo. Ele ainda lhe disse o que fazer, embora eia fosse rainha! Minúcias como esta, que acontecem na vida, dão à narrativa grande conteúdo humano.

9-10. Hatá, o mensageiro, tinha uma responsabilidade, a saber, relatar com exatidão a mensagem que lhe fora confiada. Um discurso direto agora expressa a conversa entre os dois.

11. O acesso ao rei era estritamente controlado, como todos sabiam. Como todo chefe de estado, Assuero precisava ser protegido tanto de atentados contra a sua vida, quanto de amolação com os problemas das pessoas. Não que ele ficasse sentado dias a fio no esplendor do seu trono segregado. Ele dava audiências, à sua discreção, e mediante seu convite pessoal, mas até a sua esposa não tinha o direito de se aproximar dele.[49] Como qualquer outra

49. A. T. Olmstead descreve as câmaras interiores do palácio de Susã: "Ao norte da câmara mais privada fica o harém, onde podemos imaginar as senhoras mais altivas da corte im-

pessoa, ela apareceu entre as colunatas da sala do trono, correndo perigo de vida. "Isto é muito improvável", diz Paton, julgando a situação do ponto de vista da sociedade ocidental moderna, embora ele se refira a Heródoto, que registra que depois da construção do palácio real em Ecbatana, "Deioces apresentou pela primeira vez o cerimonial da realeza: a admissão à presença do rei era proibida, e toda a comunicação precisava ser feita através de mensageiros. Não se permitia que alguém visse o rei".[50] Embora um costume posterior pudesse ter sido atribuído à tradição, as evidências ainda são válidas para épocas posteriores, e Heródoto as mostra em operação na época da ascensão de Dario Hystaspes, que subverteu dois usurpadores dentro do palácio.[51] Mensageiros sem dúvida levavam mensagens da porta para o rei, fazendo assim preparativos para uma audiência. Por alguma razão, Ester não tentou pedir uma audiência. Outras pessoas muitas vezes tinham acesso mais fácil ao seu marido do que a esposa, que algumas vezes precisava estribar-se em sentimentos e reações voláteis, em um relacionamento tão melindroso. A poligamia devia aumentar as dificuldades. Não obstante, a lei fora promulgada sem ter em vista intrusos ilegais nem esposas legítimas. O fato de Ester não ter sido chamada aos aposentos do rei *nestes trinta dias* é apenas mais indicação de como a vida era anormal no palácio de Susã.

12-14. *Fizeram saber...* Hatá não age mais como único mensageiro. A resposta de Mordecai expressa as convicções mais íntimas do autor, e ao mesmo tempo leva o leitor a mover-se de profunda simpatia por Ester. O seu dilema é o dilema que algumas vezes todos precisamos enfrentar: as circunstâncias nos cercam, exigem que nos dediquemos a agir corajosamente e exerçamos fé. Há três pontos no argumento de Mordecai: I. A própria Ester não ficará isenta da destruição decorrente do edito, de forma que em qualquer circunstância a vida dela está correndo perigo. II. Mordecai revela a sua convicção de que Deus não permitirá a extinção do Seu povo. Se Ester falhar, Deus terá ou-

---

perial... Depois de atravessar os vários vestíbulos pequenos, encontramos três entradas que levam ao pátio privado, que fica embaixo, pois todo o harém é elevado em trinta centímetros (talvez por restauração posterior).

A noroeste do complexo palaciano localizava-se a sala do trono... A grande sala do trono tinha 25 metros quadrados, o seu teto era sustentado por seis carreiras de seis poderosas colunas cada uma. De leste a oeste, chegava-se à sala do trono por pórticos de duas carreiras de mais seis dessas colunas, em uma profundidade de 30 metros. A norte e oeste, abaixo do nível da plataforma, vestígios de quiosques indicavam a posição do paraíso ou jardim, facilmente regado com água do rio próximo, e protegido por uma torre no canto noroeste" (*HPE*, p. 170). Embora Persépolis fosse administrativamente menos importante do que Susã, os seus edifícios foram melhor preservados. Cf. E. F. Schmidt: *Persepolis* i, ii, iii (Chicago 1953, 1957, 1968). Veja também artigos de M. Roth em *Iran* 21.

50. *Histórias*, I. 99. A tradição fez dele o fundador do império medo.

51. *Histórias*, III. 77, 84, 118, 140.

tra maneira pela qual salvar os judeus, mas Ester e a sua família é que terão a perder. Aqui se encontra uma referência incidental a um aspecto de direção. Os objetivos de Deus não são frustrados pela falha de uma pessoa em responder positivamente à Sua direção, e essa pessoa verdadeiramente está livre para recusá-la, embora isso traga prejuízo, e não lucro. III. O caminho certo a seguir não é duvidoso. O resultado da decisão de Ester tem alcance tão longo que, sem exagero, ela se encontra no momento em que o propósito da sua vida está em jogo.

E quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha? Sem explicitar detalhadamente como chegara a essa convicção, Mordecai revela que crê em Deus, na direção de Deus na vida individual, e no fato de Deus pôr em ordem os acontecimentos políticos mundiais, quer as pessoas que parecem ter poder O reconheçam, quer não. Sem dúvida, isto era constantemente declarado pelos profetas de Israel (*v.g.* Is 10:8 ss.; 45:1; Jr 1:15; Ez 7:24), e não precisa aparecer como surpresa, especialmente à luz da volta do exílio em 538 e em ocasiões subseqüentes (Ed 1 – 2, 5 – 6). Todo judeu havia experimentado na história do seu povo a mão orientadora e salvadora de Deus. Muitos de nossos contemporâneos reconhecem a mesma soberania durante as crises da Segunda Guerra Mundial.

15-16. A resposta de Ester também é uma confissão de fé, embora não seja expressa em linguagem abertamente religiosa. Ela dá a entender que aceita a sugestão de Mordecai como seu dever, mas que está cheia de apreensão ao pensar em cumpri-la. Pedindo que todos os judeus de Susã se juntem a ela em um jejum, Ester reconhece que: I. ela necessita do sustento e da comunhão de outras pessoas e, II. ela depende de mais do que coragem humana. Embora a oração não seja mencionada, ela sempre foi o acompanhamento do jejum no Antigo Testamento, e o objetivo do jejum era tornar a experiência de oração mais eficiente e preparar a pessoa para comunhão com Deus (Ex 34:28; Dt 9:9; Jz 20:26; Ed 8:21-23). "Na prática, o jejum, no ambiente dos rituais religiosos e como defesa contra as turbações era comum em todo o mundo antigo". [52] Portanto, os persas achariam estranho se os judeus não tivessem proclamado um jejum em uma ocasião dessas. Para Ester, o hino de Isaac Watts teria sido apropriado, se tivesse sido escrito em sua época:

> Não me envergonho do meu Senhor
> Nem de defender a Sua causa.

O poeta admite que a possibilidade de fracasso em uma ocasião de provas deve ser levada em conta. As palavras são expressas, portanto, no sentido

52. F. S. Rothenberg: *NDITNT*, vol. ii, p.475, "Jejuar".

de uma oração pedindo ousadia, da maneira que certamente Ester deve ter orado durante os seus dias de jejum.

Não comais nem bebais por três dias. O jejum costumeiramente era realizado apenas por um dia. Ele era obrigatório no Dia da Expiação (Lv 16: 29-31), mas em outras datas era realizado como ato voluntário para ocasiões especiais (I Sm 14:24; II Sm 1:12). O jejum de três dias de Ester indicava a seriedade com que ela considerava a emergência e a sua necessidade pessoal de forças. Os banquetes, e particularmente a bebida, desempenham um papel proeminente neste livro; aqui, a palavra "bebais" é usada no contexto de um jejum. "O tema auxiliar de jejum se contrasta e enfatiza o tema do banquetear-se em Ester".[53] *Nem de noite nem de dia* é um lembrete de que, como nos jejuns islâmicos de Ramadã, permitem-se refeições durante a noite, o jejum podia ser confinado a certas horas.

Depois irei ter com o rei, ainda que é contra a lei (lit.: "não de acordo com o decreto"). Estas palavras resumem os problemas de consciência que os crentes têm em muitas situações, nos dias de hoje, e dividem a igreja. Se não fosse pelo fato de pessoas como Martin Luther King e incontáveis outros terem perdido as suas vidas opondo-se a maiorias poderosas, poderíamos pensar que as palavras de Ester, *Se perecer, pereci*, foram exageradamente dramáticas. Certamente Jesus prometeu que seriam dadas palavras adequadas para os Seus seguidores, quando eles fossem levados perante autoridades e juízes, mas não que eles seriam inocentados ((Mc 13:11-12).

17. Deste ponto em diante, Ester, que até aqui fizera como Mordecai a havia instruído, assume a liderança e a responsabilidade, por direito próprio.

Nota Adicional: O Jejum

O costume de jejuar no livro de Ester contrasta com a nota mais dominante de banquetes. O verbo hebraico mais usado, *ṣûm*, ocorre quatro vezes neste livro: 4:3; 4:16 (duas vezes) e 9:31. Primeiramente há a reação espontânea dos judeus em todo o império persa, de lamentar o decreto do rei (4:3). A lamentação, jejum, choro e o costume de se vestir de saco e de se colocar cinzas sobre a cabeça (bem como de sentar-se sobre cinzas) eram expressões genuínas de desalento diante de desastre iminente, mas isto é tudo. O jejum de Ester (4:16) era semelhantemente uma expressão de tristeza devida à morte prevista e à destruição dos judeus, mas tinha um significado adicional. Afinal de contas, ao procurar uma saída para o dilema, Ester levantava a esperança de um futuro para a comunidade. Em 9:31 se faz referência a jejuns comemorativos que embora contrastassem com a alegre festa, estavam de acordo com jejum, que era parte integrante do acontecimento original.

---

53. Berg, p. 37.

NOTA ADICIONAL: O JEJUM

A se julgar pela menção freqüente de jejum nos livros pós-exílio do Antigo Testamento, uma nova seriedade caracterizou o povo de Deus depois da destruição de Jerusalém. A abstinência de comida e bebida, realizada ocasionalmente por razões especiais, sem dúvida era praticada no Israel anterior ao exílio (Ex 34:28; I Sm 28:20; II Sm 12: 16-17; I Re 21:27-29), e o jejum anual do Dia da Expiação foi inserido no calendário litúrgico de Israel (Lv 16:29-34). Porém, a partir da época do exílio, esse assunto é mencionado com relativa freqüência, como se o choque pela destruição de Jerusalém houvesse acrescentado um grau de seriedade à maneira pela qual se considerava a comunhão com Deus, tanto quanto se devia fazê-lo. A personificação de Jerusalém nos lamentos expressa algo da privação sentida pela sua população:

> Como jaz solitária a cidade,
> outrora populosa!
> Tornou-se como viúva,
> a que foi grande entre as nações;
> princesa entre as províncias,
> ficou sujeita a trabalhos forçados!
> Chora e chora de noite,
> e as suas lágrimas lhe correm pelas faces;
> não tem quem a console
> entre todos os que a amavam;
> todos os seus amigos procederam perfidamente contra ela,
> tornaram-se seus inimigos (Lm 1:1-2).

Se tão somente as advertências tivessem sido ouvidas, a destruição poderia ter sido evitada (Jr 7: 1-7), mas o exemplo do destino de Samaria não conseguiu atingir os líderes de Jerusalém como fato de qualquer relevância (Ez 16:46-52), e a graciosa libertação da capital quando a Assíria fora quase vitoriosa (II Re 18: 17–19:37) foi transformada em uma garantia de imunidade eterna. Jeremias teve de sofrer o ímpeto dos ataques do ridículo popular e da contradição pública, quando usou todos os meios que tinha ao seu alcance para advertir o povo da tragédia iminente (*v.g.* Jr 19-20).

Quando a guerra terminou, o desânimo era extremo, a vitalidade fora solapada (Ex 33:10), e Ezequiel viu-se lutando com idéias perversas a respeito da alegada injustiça de Deus (Ez 33:17,24). Dias de jejum para comemorar os estágios da queda de Jerusalém provavelmente satisfaziam uma necessidade comunitária de haver-se com o choque e a culpa (Zc 7:2-3; cf. 8:19). Em uma oração litúrgica para um dia de jejum desses, Daniel deixou transbordar a confissão dos pecados do seu povo, e reivindicou, com base na grande misericórdia de Deus, o perdão que era a única maneira de preparar o caminho para a

restauração (Dn 9). As orações e visões de Daniel o colocam sob tal pressão que para ele o jejum era tanto ordem do seu corpo como do seu espírito (Dn 8:27; 9:3; 10:2-3). A oração do capítulo 9 é sacerdotal em seu caráter, a despeito do fato de Daniel não ser da tribo sacerdotal; Esdras, por outro lado, era da linhagem de Arão (Ed 7:5). Ele conclamou um jejum antes de iniciar a sua jornada para Jerusalém com exilados da sua geração que retornavam, a quem haviam sido confiados os tesouros do templo, que deviam ser entregues em segurança, quando lá chegassem (Ed 8). Neemias, à semelhança de Ester, precisou encontrar favor do rei (em seu caso, Artaxerxes I), para poder cumprir o papel organizador que ele cria o Senhor lhe estava chamando para desempenhar. Por conseguinte, ele orou com jejuns até que lhe surgiu a oportunidade de expor o seu caso diante do rei (Ne 1:4–2:8). Um dia de jejum comunitário é registrado em conexão com a renovação do pacto (Ne 9:1ss.). Sinais positivos de orações respondidas são registrados em situações em que pedidos específicos foram feitos.

Não obstante, nem todas as ocasiões de jejum produziram os resultados desejados. Em Is 58:3 levanta-se a questão do motivo pelo qual isso acontecia, e é dada uma resposta definitiva. O jejum por si próprio, não tinha nenhum interesse para o Senhor, a não ser que fosse acompanhado por um comportamento justo e por uma vida reta. As práticas ascéticas eram moralmente neutras, e não meritórias. No entanto, a idéia de se ganhar méritos através da prática do jejum persistiu e se cristalizou em um elemento de piedade, que juntamente com as esmolas e a oração motivaram os comentários de Jesus no sermão da montanha (Mt 6:1–18). Não existe sinal de uma atitude dessas em relação ao jejum no livro de Ester, mas ao se estabelecer a legislação para quaisquer observâncias religiosas, há sempre a possibilidade de que o formalismo obscureça a sua intenção original. Esse, contudo, é o mal menor; seria pior se a graciosa intervenção de Deus que elas invocassem à mente fosse inteiramente esquecida.

Surgem duas outras interrogações: I. O que dizer do jejum na vida do cristão? II. O banquetear-se é mais apropriado? Embora Jesus tenha jejuado antes de começar o seu ministério, e tivesse presumido que os Doze iriam jejuar (Mt 6:16), ele não esperou que jejuassem enquanto estava com eles (Mt 9:15). De fato o noivo foi-lhes tirado, e por um curto espaço de tempo eles jejuaram; mas a ressurreição introduziu a nova era de regozijo, e eles nunca mais seriam desolados (Jo 14:18). Os dias de jejum do calendário judaico não continuaram na liturgia cristã, e o assunto do jejum é mencionado raramente fora dos Evangelhos Sinóticos no Novo Testamento.[54] O evangelho da salvação só pela

54. A palavra grega *nēsteia* aparece duas vezes nas epístolas de Paulo (II Co 6:5; 11:27), mas nos dois casos o contexto sugere que o significado é de fome forçada, e não de je-

graça excluiu completamente qualquer contribuição meritória da parte do pecador penitente, cuja fé em Jesus Cristo para a salvação foi demonstrada no batismo (At 2:38-39), e grande foi a alegria gerada pelo dom do Espírito Santo entre os crentes (At 2:46-47). De fato, eles estavam mais próximos de banquetear-se do que de jejuar, mas não do egoísmo e dos abusos que caracterizavam as festas dos persas e de outros povos. A igreja em Corinto precisou ser repreendida por não estar comendo e bebendo dignamente durante a ceia do Senhor (I Co 11: 20-22, 27-32), mas a despeito da solenidade daquela refeição, a nota dominante era a alegria transbordante em Cristo.

Portanto, há lugar para o jejum na vida cristã? Não como método de se ganhar mérito, nem como exercício religioso usado para impressionar os outros, e certamente não como maneira de se "torcer o braço de Deus". Mas, da mesma forma como a igreja de Antioquia jejuou e orou quando Paulo e Barnabé foram comissionados, e as principais igrejas gentias da Ásia Menor oraram e jejuaram por indicação dos seus presbíteros (At 13:3; 14:23), o jejum pode ter o seu lugar na igreja dos dias de hoje. I. Em uma época de pressa, uma forma de se conseguir tempo para orar é omitir uma refeição. II. As desigualdades da vida oferecem oportunidades para ajudar a prover as necessidades dos outros, tomando menos recursos do mundo para nós mesmos. III. A oração com jejum assegura que decisões importantes que precisam ser tomadas na vida pessoal e na vida da igreja estão sendo encaradas com a devida seriedade. IV. Quando toda uma comunidade ora e jejua em conjunto, como durante a crise de Ester, todos compartilham da alegria de ver a resposta de Deus e em dar-lhe louvor (cf. II Co 1:11). Até mesmo geração ainda não nascidas participam das ações de graças. É raro que a igreja como um todo seja chamada a orar com jejum. Talvez, vivendo como vivemos à sombra da ameaça nuclear, a enormidade da crise entorpeça até a vontade de buscar a misericórdia de Deus, mas a resignação não se conta entre as virtudes cristãs. O exemplo de Ester pode servir para lembrar à igreja cristã qual o lugar que o jejum tem quando se precisa buscar a face de Deus em ocasiões de crise.

VI. ESTER ENCONTRA FAVOR (5:1-14)

a. A petição de Ester (5:1-8)

1. *Ao terceiro dia* do jejum Ester percebeu que precisava agir por sua própria iniciativa, sem mais delongas, e apresentou-se diante do rei. *Com seus trajes reais* (heb. *malkût*, "realeza") demonstrava que ela se apresentava ao rei

---

jum deliberado. Em Atos 13:3 e 14:23, todavia, esta palavra é usada em sentido religioso.

como alguém que tinha uma posição privilegiada como consorte real. Ela se apresentou, embora com a devida deferência, como cônjuge do rei (cf. Gn 2:18, "como auxiliadora que lhe seja idônea"), tendo a sua beleza aumentada pelas vestes de rainha. Sem dúvida essas roupagens estavam de acordo com as esplêndidas vestes do rei, feitas de púrpura fenícia, pesadas de bordados de ouro, envergadas sobre roupas brancas e roxas, mas adequadamente inferiores, para que, mediante comparação, não diminuíssem a glória do "senhor de toda a terra", diante de quem todos os que entravam precisavam prostrar-se.[55] O significado das palavras traduzidas como *trono real* e *residência* não é inteiramente certo, especialmente porque não foi possível identificar as estruturas arruinadas de Susã até o ponto em que o palácio foi identificado e reconstruído. Ali, a *apadana* ou "sala dos pilares", feita segundo o modelo da de Susã, com suas trinta e seis colunas, elevava-se até uma altura de 22 metros. Os seus pilares eram "as colunas mais graciosas e esbeltas já produzidas pela mão do homem".[56] Essa era a sala do trono onde Ester ousou penetrar e colocar-se de pé ao alcance visual do rei, contrariando a lei.

2. Não se permitia que as colunatas obscurecessem a visão do rei, quando ele se assentava em seu trono, e quando ele pousou os olhos na rainha Ester, em toda a sua beleza real, e raciocinou que só algum problema momentoso a teria induzido a aparecer diante dele sem ser chamada, estendeu para ela o cetro de ouro. O movimento do rei com o seu cetro indica que Ester deve aproximar-se e tocar a sua ponta, para significar a sua aceitação da mercê real.[57] A dramática tensão entre os relacionamentos humanos e as soberanas exigências do protocolo real é sempre cheia de fascínio.

3. *Que é o que tens* (lit.: "o que há contigo"), *rainha Ester?* A concisa expressão idiomática hebraica pode lançar alguma luz sobre a igualmente difícil pergunta de Jesus à sua mãe: "Que tenho eu contigo"? (Jo 2:4). Os comentaristas geralmente fazem referência à extravagância do voto do rei de dar qualquer coisa a Ester, *até metade do reino*. A repetição desta expressão (v.6) sugere que era uma frase convencional (cf. o contexto bem diferente em que ela é pronunciada em Mc 6:23). A declaração feita na cerimônia de casamento – "eu te faço participante de todos os meus bens (terrenos)" e sua redação moderna,

55. *HPE*, pp. 282s.. "Segundo o costume oriental antigo, o rei, em sentido bem real, é uma divindade", comenta Olmstead.

56. *HPE*, p. 281. Incidentalmente as fileiras de apartamentos que alojavam o harém real era um contraste completo. "Cada fileira consistia de uma saleta cujo teto era sustentado apenas por quatro colunas, e um dormitório tão diminuto que, mesmo com uma única ocupante, a atmosfera devia ficar sufocante" (*ibid.*, p. 285).

57. Veja *IBD*, p. 363 para uma fotografia do relevo de Persépolis, mostrando o rei persa Dario I empunhando o seu cetro em sua mão direita e uma folha de lótus na sua esquerda. Cf. Peter Calmeyer acerca deste versículo em *Archäologische Mitteilungen aus Iran* 13 (Berlim, 1980), pp. 59-61.

"tudo o que tenho eu reparto com você", é de qualquer forma mais extravagante ainda em sua generosidade.

4. O pedido de Ester é um anti-clímax, que não obstante está de acordo com o protocolo, pois uma ocasião formal na sala do trono não é lugar para a rainha abrir seu coração. Embora não sejam mencionados, deviam estar presentes os acólitos do rei, bem como guardas e outros oficiais.[58] O banquete proposto, embora não isento dos seus atendentes, seria muito menos público e formal, e o rei presumiria que caberia a ele levantar de novo a questão que motivara o pedido. Era um lance arriscado convidar Hamã para o banquete, como único conviva do casal real; contudo, isto estava em plena concordância com a recente promoção desse homem, levada a efeito pelo rei (3:1), a quem ele tornara seu igual e seu amigo (3:10, 15), e portanto não dava ocasião para surpresas. Os dias de jejum coletivo, acompanhado de oração, haviam dado a Ester uma sabedoria do alto e uma confiança que não lhe era característica. Ela chegara até a preparar a refeição, crendo que o resultado da sua ousada iniciativa seria favorável.

5. Terminada a última audiência do seu dia, o rei, mais cônscio da sua fome do que da sua suposta divindade, não tarda em *atender ao que Ester deseja*. A omissão do seu título é um toque familiar em contraste com o versículo 3. Parece que o rei ainda empunhava o seu cetro nessa ocasião (8:4).

6. No fim da festa oriental de lazer, em que consistia o banquete, os três se reclinaram em seus divãs (cf. 1:6) e beberam vinho, ocupação que o nosso escritor aproveita todas as oportunidades para indicar. *Tua petição... o que desejas.* O equilíbrio de palavras e cadências convencionais capta o ritmo lento do Oriente.

7-8. Ester responde com fraseologia semelhantemente majestosa (cf. 8:5). Não há pressa a respeito do pedido que ela quer fazer. Que haja outra agradável refeição em conjunto, e então ela revelará o seu pedido.[59]

c. A vexação de Hamã (5:9-14)

Ester, hospitaleira, tem estado a dirigir o desenvolvimento dos acontecimentos durante o seu banquete, mas agora o narrador nos permite ver o que acontece a cada um dos convivas logo depois do repasto.

---

58. "Dois assistentes pessoais acompanhavam o rei. Olmstead descreve-os desta forma: "Um sustenta sobre a cabeça de seu senhor o guarda-sol real... que precisa acompanhar o rei até em uma expedição militar; o outro, o camareiro, carrega guardanapo e abanador" (*HPE*, p. 283). Cf. M. Roaf: "Sculptures and Sculptors at Persepolis", em *Iran* 21, e E.F. Schmidt: *Persepolis* III.

59. "Em geral, o rei tomava o desjejum e o almoço a sós, embora ocasionalmente pudesse ser acompanhado da rainha ou de seus filhos" (*HPE*, p. 183).

9. Hamã estava no topo do mundo, com a inesperada honra que lhe fora concedida, e saiu do palácio com um bom humor jovial, mas nem bem saíra da porta do rei, e já a sua alegria foi posta à prova. Mordecai, tendo terminado o seu jejum, havia se livrado da sua roupa de saco, e estava de volta ao seu assento habitual, para insultar Hamã com a sua estudada indiferença para com a proeminência dele. De acordo com o seu temperamento calculista, Hamã não dá rédeas à sua ira imediatamente, mas aguarda o tempo certo.

10. Quando ele volta para casa, todos precisam ouvir o relato das impressões que Hamã teve da festa. Os seus *amigos* vêm a ser o seu concílio de conselheiros (6:13), peritos em assuntos da corte; mas a sua esposa também é uma ativa conselheira. O nome *Zeres*, como a maioria dos nomes deste livro, é de grafia e significado incertos.[60]

11. Da mesma forma como "o coração dos insensatos proclama a estultícia" (Pv 12:23), Hamã não podia esconder a extensão da sua prosperidade. A sua ordem de prioridades coloca as suas riquezas em primeiro lugar, mesmo antes de seus filhos, que mais tarde ficamos sabendo eram em número de dez (9:7-10), mas o que é soberano em seus pensamentos são as honras recentes que lhe haviam dado precedência sobre todos os outros súditos do reino.

12. Hamã está tão certo de que o seu progresso é consentâneo, que nem suspeita que Ester possa ter algum motivo ulterior em fazer um segundo convite para ele ir jantar com o monarca e com ela.

13. Tudo isto *não me satisfaz* (heb. *šoweh*); a tradução desta palavra é flexível. Em 3:8 o seu significado é "não adequado" (para o rei); em 7:4 a RSV a traduz "não é para comparar com"; a idéia neste versículo é que todos os seus ganhos são superados pelo único "desmancha-prazeres", Mordecai. A despeito do fato de que Hamã já traçara os seus planos para se livrar daquele homem, em seu atual estado de espírito a irritação já estava ficando insuportável.

14. A iniciativa de sugerir um método de ação cabe à sua esposa, apoiada pelos seus "amigos". Uma *forca* (heb. *'ēṣ*) é literalmente "madeiro, árvore"; podia ser um poste ou de fato qualquer coisa feita de madeira. Esta palavra assombra todo o livro (cf. 2:23; 6:4; 7:9-10; 8:7; 9:13, 25). A altura da forca, quase vinte e cinco metros, surpreende os comentaristas ocidentais como um exagero. Certamente ela é desnecessariamente alta, mas naquela época tudo o que era construído pelos governantes persas era em grande escala, como a ima-

60. As seis versões do texto tabulado por C. A. Moore (*AB*, p. XLII) apresentam cinco redações diferentes de *zōsaran* (LXX) a *zares* (Vulgata). As versões inglesas seguem o TM; Paton (*ICC*; p. 89) apresenta detalhes da tentativa de Jensen de ligar este nome com Girisha ou Kirisha, uma deusa elamita e consorte de Humman, tentando assim indicar uma base mítica para esta estória. Mais tarde, o próprio Jensen rejeitou esta derivação, favorecendo outra, de Siris, deusa babilônia do vinho, mas nenhuma dessas derivações se estabeleceu firmemente. H. S. Gehman (*JBL* 43, [1924], p. 327) sugere "alguém com cabelos desgrenhados". Felizmente o significado do nome não é importante para se entender a história.

gem de Nabucodonosor em Babilônia (Dn 3:1), que tinha dez côvados (5 metros) de altura. *Então entra alegre... ao banquete.* A conexão entre assassinato e alegria e o prazer de Hamã é ainda mais sinistra do que a forca que ele mandou levantar.

VII. HAMÃ INADVERTIDAMENTE PROMOVE MORDECAI (6:1-13)

Este é um capítulo de coincidências; não obstante, não há nenhum detalhe dele que por si mesmo seja incrível. Ninguém age de maneira contrária ao seu temperamento; de fato, é a própria previsibilidade da auto-glorificação de Hamã que introduz uma ironia tão dramática, quando este tem de se humilhar e honrar o seu odiado inimigo.

a. O livro de cabeceira do rei (6:1-3)

Enquanto muitos milhares dos seus súditos mais pobres estavam dormindo, "a cabeça que ostentava uma coroa" estava bem desperta, e *não pôde dormir*, lit.: "o sono fugiu" (cf. Gn 31:40, onde a RSV conserva a expressão idiomática hebraica). Até em nossos dias, com os modernos sonníferos, o efeito hipnótico de uma voz humana sussurrante é uma forma reconhecida de induzir o sono. Porém, talvez o rei tivesse desistido de todas as esperanças de dormir naquela noite, e decidira tirar o atraso examinando os registros do seu reino. O *livro dos feitos memoráveis* (cf. Ml 3:16 para o seu correspondente celestial) devia ser a fonte da qual a lista de honra do rei era composta, e via de regra, serviços especiais eram prontamente recompensados.[61] O fato de o rei ter deixado de honrar alguém que havia salvo a sua vida era uma séria omissão que precisava sem dúvida ser reparada, e imaginada alguma recompensa especialmente digna de nota, para que fosse mantida a reputação do rei de agir justamente.

b. A humilhação de Hamã (6:4-13)

Uma forma de descobrir uma honra que com certeza seria apreciada era perguntar ao receptor em perspectiva que presente gostaria de receber, mas nesta ocasião o rei não podia dar-se ao luxo de permitir mais delongas.

4. Logo de manhã cedo, quando nem se podia confiar que os guardas estivessem em seus postos, a corte estava vazia, com exceção de um único homem. Hamã também havia ocupado a noite inteira, providenciando a ereção

61. Heródoto apresenta cinco exemplos de tais recompensas, três dos quais no reinado de Dario (III, 138, 140; v. 11) e dois no reinado de Xerxes (VIII. 85; IX. 107). Xerxes, na referência anterior, investiu dois homens com terras, e arrolou um deles "na lista dos Benfeitores do rei" (a palavra persa *orosangae*). Na segunda passagem, Xerxes recompensou alguém que salvou a vida do seu irmão, entregando-lhe o governo de toda a Cilícia.

da forca e, desprezando o sono, havia ido ao palácio muito antes da hora costumeira, a fim de assegurar-se de que teria a entrevista necessária com o rei, e poderia providenciar a execução de Mordecai. Mesmo uma pessoa tão importante quanto Hamã podia ficar frustrada com uma longa lista de compromissos, e pelo menos ele seria o primeiro da fila.

5. A sua imediata convocação à presença do rei foi um privilégio inesperado que dava a entender bons augúrios do seu ponto de vista. *Está* é uma tradução literal de um verbo (heb. *'āmad*) com um significado flexível; em 3:4 é traduzido por "manteriam de pé" e em 7:7 por "ficou", significado este que pode ocorrer aqui: "Hamã está no pátio".

6. Houve um encontro de pessoas, mas não de idéias. Indubitavelmente o rei esperava ouvir exatamente o que seu cortesão gostaria pessoalmente de receber à guisa de honraria, e qualquer pessoa cometeria o erro de Hamã, entendendo que estava para ser promovido. A ironia está no que estivera acontecendo durante a noite, tanto para o rei quanto para Hamã, e as intenções conflitantes de ambos.

7-9. Hamã repete exatamente palavras que o rei já havia usado: *O homem a quem agrada ao rei honrá-lo,* como se estivesse ruminando a respeito delas. A sugestão que ele passa a fazer revela como o prestígio lhe era importante. Quando ele poderia ter pedido uma governadoria importante ou riquezas, ele preferia vestir-se com as roupas do rei, e ser levado no cavalo do rei, ostentando a sua coroa, sendo proclamado com a sua citação. Ele experimenta uma alegria quase infantil com a idéia de receber aclamação pública pelo que ele já gozara na privacidade do palácio, a saber, quase uma igualdade com o rei. A *coroa* do cavalo pode ser considerada, segundo altos-relevos da escadaria oriental do Apadana em Persépolis, como um arranjo especial dos cabelos do cavalo, para formar um topete entre as suas orelhas.[62] O fato de Hamã desejar cavalgar o cavalo do rei podia parecer uma tentativa para alcançar o trono (I Re 1:33), mas neste caso não se levantou este problema.

10-11. Hamã devia ser "dos mais nobres príncipes do rei" que iria executar a investidura da própria pessoa que ele estava desejando enforcar. O rei parece ignorar o mútuo antagonismo entre esses dois homens; em seu isolamento ele não tinha como saber o que era evidente para uma criança que estivesse brincando à porta do palácio real, mas os cidadãos que assistiram o desfile realizado pela praça da cidade puderam apreciar a ironia e se maravilhar com a sua incongruência. As palavras que Hamã tinha de proclamar deviam ser como pedras em sua boca. Aos olhos da populaça ele já estava aniquilado.

12. As incongruências continuam quando Mordecai retorna às portas do rei. Quer Mordecai estivesse vestindo as vestes reais, quer não, aquele episó-

62. Veja *AB*, Placa 4.

dio não conseguiria fazer nada que causasse qualquer diferença na condição de Mordecai. Ele meramente tomara parte em uma representação oficial. Por sua parte, Hamã está completamente humilhado, e o admite mediante as suas lamentações públicas.

13. O envolvimento de Zeres na situação aflitiva do seu marido sugere que este casamento ia muito além do que o de Ester com o rei jamais poderia ir, e intensifica a tragédia do que deve seguir-se. Agora que tudo está dando errado para Hamã, os seus conselheiros pessoais dão a aparência de não terem nada a ver com o método de ação que Hamã havia seguido. *Se Mordecai... é da descendência dos judeus* dá a entender que eles não conheciam este detalhe, enquanto que Hamã havia chamado de "judeu Mordecai" (5:13). Este é apenas o primeiro passo para se isolar Hamã, agora que ele está em dificuldades. *Já começaste a cair... não prevalecerás contra ele... certamente cairás diante dele.* Por trás deste frio consolo parece estar uma sabedoria folclórica comumente aceita, talvez proverbial. A maneira pela qual o povo judeu havia sobrevivido a deportações e preservado a sua identidade não passara despercebida, e este fato por si mesmo testificava acerca do poder do seu Deus (cf. Ez 38:23). A libertação do indivíduo, Mordecai, da maneira como acontecia, precisava ser vista como parte desse propósito mais amplo de Deus de dar glória ao Seu próprio nome e estabelecer o Seu reino. O fato de isso não ser acidente podia ser visto mediante a referência a Edom, uma nação de tamanho similar, que não sobrevivera à experiência babilônica, embora não tivesse sido deportada (Ml 1:2-5). A contínua sobrevivência dos judeus até aos dias de hoje também é um testemunho contínuo para o mundo de que o Senhor é grande, "além das fronteiras de Israel".

VIII. A SEGUNDA FESTA DA RAINHA ESTER (6:14-7:10)

14. Os acontecimentos agora se movem rapidamente. Hamã ainda está tentando haver-se com a mudança ocorrida nas suas circunstâncias, quando eunucos, enviados pelo rei para escoltar Hamã ao banquete, de acordo com o costume, chegaram à porta da sua casa. Eles o *levaram apressadamente.* É verdade que o hebraico poderia ter o sentido de "correndo ansiosamente", como em 2:9, e Moore acha que este verbo intensifica a importância de Hamã.[63] Diante das circunstâncias, contudo, bem que poderia haver um indício aqui de que Hamã, desanimado, havia atrasado os seus preparativos, sentia não estar mais no controle dos acontecimentos, e portanto, em desvantagem. Nem ele ousava fazer o rei ficar esperando.

63. *AB*, p. 69. Cf. Paton (*ICC*, p. 257), que diz: "a expressão *apressadamente* significa nada mais do que *rapidamente*".

7:1-2. *No segundo dia*, como no primeiro (5:6), enquanto descansava bebendo vinho, no fim do banquete, o rei repetiu o seu convite a Ester, mas desta vez usando o seu título: *rainha Ester*, como em 5:3. Essa cortesia era encorajadora em situação tão melindrosa.

3. Da sua parte, a rainha Ester devolveu a cortesia, usando a expressão de tratamento deferencial apropriada, mas omitida por Hamã em 6:7, quando fizera uma sugestão ao rei. *Minha vida... meu povo.* A declaração concisa estava cheia de sentimentos reprimidos, e levantava mais interrogações do que respondia, na mente do rei, cuja curiosidade a essa altura despertara totalmente.

4. *Porque fomos vendidos* é uma referência ao lucro financeiro oferecido por Hamã como persuasão para que o rei desse permissão para tal (3:9). Nem sempre esse verbo foi usado literalmente (cf. Dt 32:30; Jz 2:14; 4:9; Sl 44:12), mas à luz da transação monetária, neste caso, ele é duplamente apropriado. *Para nos destruírem, matarem e aniquilarem*; os verbos são exatamente os do decreto, a despeito da diferença requerida pela tradução para o português (cf. 3:13). Para enfatizar a enormidade da conspiração, era apropriado introduzir a idéia de que a rainha e seu povo poderiam ser vendidos como escravos, como se isso não ocasionasse nenhum protesto. O significado desta última oração do versículo 4 é problemático por algumas razões. A palavra traduzida como *inimigo* (heb. *sār*) também pode ser "adversário" (RV), e não há indicação de que aflição está sendo mencionada. A palavra traduzida como *moleste* é tradução do termo hebraico que ocorre apenas aqui em todo o Antigo Testamento, e por conseguinte, seu significado é incerto, embora no hebraico rabínico signifique "danifique", "injurie". O tradutor aqui também precisa ser intérprete; por isso a ampla variedade de diferenças entre as versões: *v.g.*: "nenhuma aflição como essa justificaria que se perturbasse o rei"(NIV); "pois então a nossa condição não seria tal que prejudicasse os interesses do rei"(NEB); "Eu me teria conservado calada e não o teria amolado a respeito disso" (GNB, uma tradução muito livre). A interpretação mais antiga aparece na margem de NIV: "mas a compensação que o nosso adversário oferece não pode ser comparada com a perda que o rei sofreria", sentido que a BJ expressa muito bem: "mas da maneira como as coisas estão, está além dos meios do perseguidor tornar benéfica a perda que o rei está para sofrer". Esta referência aos interesses do rei é boa psicologia, e a inferência ao fato de que as pessoas devem ser mais valorizadas do que o dinheiro está de acordo com a causa de Ester; assim até que mais luz seja lançada sobre o seu significado, as duas últimas traduções mencionadas são as mais recomendáveis, tendo a RSV quase a alcançá-las.

5. Em hebraico o verbo *falou* ocorre duas vezes; isto pode ter sido originado como erro dum escriba (ditografia), caso em que o tradutor está correto em omitir uma delas. Talvez mais provavelmente ambos devam ser expressos: "O rei interrompeu e exclamou". Embora Ester tivesse tido o cuidado de evitar

qualquer referência a Hamã, o rei quer saber quem é responsável pela conspiração para destruir a sua rainha, e agitadamente pergunta onde está o homem que teve a audácia (lit.: "cujo coração se encheu") de fazer tal coisa.

6. *O adversário e inimigo!* Da maneira como Ester colocou a situação, Hamã é um traidor do rei tanto quanto inimigo dos judeus. Enquanto aponta para *este mau Hamã,* ela sente o seu triunfo, e nota a perturbação de Hamã. É bem provável que ele estivesse aterrorizado. As palavras de Ester ao rei tinham aberto os olhos dele também, porque ele não conhecia a nacionalidade de Ester. A compreensão de que, inadvertidamente, ele ameaçara a vida da rainha era um golpe mortal sobre a sua humilhação anterior. Ela, por sua parte, revelou que é judia, mas ainda não sabe como o rei receberá esta informação.

7. A partida do rei deu a Hamã a oportunidade de fazer uma última tentativa para escapar do perigo alarmante em que está. Tendo calculado que não tinha chance de obter misericórdia da parte do rei, ele decidiu *rogar por sua vida* a uma pessoa cuja vida ele ameaçara, e de um membro da raça judaica, de que ele havia escarnecido. Porém, não havia ela decidido pedir a sua companhia, e não podia ser que ela se suavizasse em relação a ele? No momentâneo alívio de tensão causado pela partida do rei, ele voltou o seu encanto para a rainha; a ironia é evidente.

8. A etiqueta em relação ao harém era tão intransigente que teria sido difícil Hamã conversar com a rainha sem causar ofensa. Se ele não estivesse desesperado, sem dúvida teria saído com o rei, de forma a evitar qualquer interpretação errada possível do fato de ter ficado para trás com a rainha. Ao se aproximar dela, enquanto ela permanecia reclinada em seu divã, como era costume nos banquetes persas, Hamã estava indo longe demais, e tendo *caído sobre o divã*, ele selou a sua execução. Mesmo que Ester tivesse querido ajudá-lo, não havia nada que ela podia fazer para salvá-lo. O rei fora ultrajado. *Cobriram o rosto a Hamã* dá a entender a presença de acólitos à mão para levar a efeito as intenções do rei.[64] Embora o costume de cobrir a cabeça dos prisioneiros condenados pelos persas nos tempos antigos não seja confirmado por outras fontes, esse era o costume entre os gregos e romanos.

9. Mais uma vez o rei precisa ser informado de coisas que toda a criadagem do palácio sabe, e Harbona revela a sincera opinião a respeito de Hamã corrente entre os eunucos do rei, quando chama a atenção para a forca preparada para a execução do homem responsável por ter salvo a vida do rei.

---

64. Robert Gordis argumenta que, com base na sintaxe e na ordem das palavras, a tradução deve ser: "E a face de Hamã foi coberta". Ele pensa que uma forma arcaica impediu o reconhecimento de um particípio passivo de um verbo *tertiae yodh* (*JBL* 95, 1 [1976], p. 56). Mesmo assim a forma ativa "eles (indefinida) cobriram" é uma tradução que não deixa de ser possível".

10. O rei aproveitou-se da sugestão implícita, e há uma certa ironia na exata elaboração de justiça. Hamã viu "o feitiço voltar-se contra o feiticeiro".

IX. ASSUERO VIRA A MESA (8:1-17)

a. São preenchidos os lugares vagos (8:1-2)

Há evidências de que a propriedade dos criminosos condenados revertia para a coroa. Isto foi subentendido pela fenícia Jesabel (I Re 21: 7–16), e Heródoto mostra que era o costume vigente na Pérsia, no tempo de Dario.[65] A mesma lei teve aplicação em relação à *casa* de Hamã, palavra que em Gênesis 39:4 é sinônima de "tudo o que ele tinha". Assim, aqui subentende-se todas as propriedades de Hamã. Isto o rei entrega à rainha Ester a título de compensação, e como sinal de boa vontade. Mordecai agora toma posse do que é seu, pois a recompensa que ele recebeu através de Hamã fora temporária e intangível. A sua apresentação ao rei, como parente próximo de Ester e seu protetor, torna-se a ocasião da sua investidura como primeiro ministro e executivo do rei, no lugar de Hamã. A concessão do anel de sinete transmitia autoridade legal para agir em nome do rei (cf. 3:10). Ester, de sua parte, precisava de um administrador de propriedades, papel para o qual indicou Mordecai. A queda de Hamã agora fora totalmente equilibrada pela elevação da pessoa a quem ele procurara arruinar e destruir.

b. Inversão do edito (8:3-14)

3. A solidariedade do povo judeu abrangia lealdade aos milhares que Hamã destinara à destruição; daí a ulterior intercessão de Ester. Os seus rogos, acompanhados desta vez de prostração e lágrimas, têm a intenção de levar o rei a exercer misericórdia. Por ocasião do seu segundo banquete é verdade que Ester havia pedido a vida do seu povo, mas tornou-se aparente que o rei estava totalmente preocupado com a ameaça à vida da rainha (7:3-5). Agora é o momento de conseguir subverter o decreto de Hamã e livrar o povo judeu, enquanto se oferece oportunidade; em vista do medo que o decreto de Hamã deve ter gerado, é impensável que esse assunto pudesse ser adiado.[66] Parar naquele ponto teria sido egoístico: aceitar a libertação pessoal sem uma preocupação apropriada pela comunidade. Em sua solidariedade com o seu povo, e

65. *Histórias*, III. 128-129. Oroetes, o persa, foi castigado por ter traído Polycrates, foi morto, e o seu dinheiro confiscado e dado a Susã.

66. Paton, por exemplo, diz: "É... difícil compreender porque Ester deveria correr este risco, quando o dia para a destruição dos judeus estava marcado para quase um ano mais tarde (veja em 4^{11})" (*ICC*, p. 269).

em seu desejo de salvá-lo da morte, Ester mostra que entendia os ideais estabelecidos pelos profetas (esp. Is 53:12), e nos dá um exemplo que deve ser seguido.

4-6. Nesta ocasião o cetro de ouro permite que Ester se levante, como o cavaleiro inglês depois de "armado" (de receber o título honorífico de cavaleiro), no cerimonial medieval, e se coloca de pé diante do monarca. Com a devida deferência ela faz o seu pedido. Duas das frases convencionais já ocorreram em ordem inversa em 7:3, mas a adição que ela faz de duas outras condições, é medida da incerteza que ela sente ao fazer esse outro pedido. *Se... nisto lhe agrado* aproveita-se da boa posição que ela estava desfrutando aos olhos daquele rei caprichoso. Pedir que uma lei dos persas fosse revogada (lit.: "fazer com que volte atrás"; cf. Is 55:11) era praticamente pedir o impossível, de forma que Ester evita o vocábulo "lei", e dá ênfase à obra de Hamã. Embora estritamente falando as cartas houvessem sido expedidas em nome do rei, ele não tinha conhecimento da conspirata.

Como poderei ver (lit.: "como serei capaz de...")? A repetição deste verbo expressa a profundidade da simpatia de Ester pelos sofrimentos dos outros. É muito comovente ver o ponto a que essa jovem, que tinha tudo o que o dinheiro pode comprar, identificar-se com os da sua raça, e estar preparada para arriscar tudo em uma tentativa de impedir o desastre que os ameaça.

7. Não há razão para questionar a presença de Mordecai e portanto a inclusão do seu nome aqui. *Eis...* O rei chama a atenção para as concessões que já fizera para indicar a sua simpatia por Ester e sua boa vontade para com os judeus; ele *intentara matar* é interpretação da frase literal "ele teria lançado mão" e assim deve ser traduzida em Salmo 55:20 e Daniel 11:42 bem como aqui.[67]

8. *Escrevei.* O pronome "vós", que em hebraico, como em português, não precisa ser expresso, é não apenas incluido no hebraico, mas está também em primeiro lugar na sentença, que é a posição enfática. O efeito é dar a Ester e Mordecai poder para redigirem o seu próprio decreto, e enviá-lo com o selo real. Embora fosse impossível para o rei recuar de qualquer palavra que havia sido expedida em seu nome, o mesmo efeito podia ser conseguido por um edito posterior, semelhantemente autenticado. Ele tinha suas formas e meios de fazer valer a sua vontade.

9. Este versículo ilustra a política do autor de repetir a sua redação anterior em outro contexto, criando assim pares de situações. Aqui ele lembra a ocasião em que Hamã originara o decreto contra os judeus, fazendo com que

67. Hayim Tawill mostrou que este é o significado de expressões idiomáticas acadianas paralelas, em "Two Notes on the Treaty Terminology of the Sefire Inscriptions", *CBQ* 42 (1980), pp. 30-37.

esta longa declaração seja idêntica à de 3:12, exceto pela mudança de nome, data e intenção, e umas poucas adições de 1:1. O efeito é chamar a atenção para a rapidez com que um oficial pode ser elevado ao poder, promulgar as suas leis, e com a mesma rapidez cair e ser substituído. Uma comparação das datas dos dois versículos, de treze do primeiro mês para vinte e três do terceiro, mostra que se passou um período de tempo mais longo do que parecia provável (cf. tais referências como 5:1; 6:1, 14; 8:1). *Sivã* (bab. *Simanu* terceiro mês, maio/junho) é mencionado apenas aqui em todo o Antigo Testamento. Os nomes babilônicos dos meses foram adotados no período posterior ao exílio.

Mordecai assumiu a responsabilidade de redigir o edito que os secretários do rei precisavam copiar e traduzir nas muitas línguas do império, como no caso do decreto de Hamã. Desta vez, porém, o hebraico foi acrescentado nas cópias enviadas para os judeus em todas as províncias.

10. Nesta referência aos *correios montados* persas umas poucas palavras são um tanto obscuras, porque são transliterações hebraicas de termos técnicos persas, mas o sentido geral não é posto em dúvida. *Correios* (heb. *rāsîm*) fora a palavra usada em 3:13, mas desta vez se faz um comentário especial de que eles eram *montados*, isto é, usavam cavalos. Eles são mencionados pelo termo coletivo *rekeš*, que em Miquéias 1:13 é a palavra para cavalos que puxavam carruagens, e em I Re 4:28 (5:8, heb.) para "cavalos velozes" especialmente importados por Salomão. Estes, portanto, eram o equivalente aos cavalos de corrida modernos, *ginetes criados na coudelaria do rei* (lit.: filhos das éguas reais"), embora seja duvidoso o significado da última palavra (heb. *rammāk*). Mordecai evidentemente fez o máximo para assegurar a expedição rapidíssima do seu novo edito.

11. As cartas davam aos judeus a permissão do rei, primeiro, para que *se reunissem* (heb. *qāhal*), usassem essa assembléia como convocação militar, como consulta política ou judicial, e para adoração. Pode ser que já a essa altura o direito de se reunirem lhes tivesse sido sonegado? Segundo, *para defender a sua vida* e a de seus filhos e esposas. Uma comparação entre este versículo e o decreto de Hamã em 3:13, onde a ordem é "esposas e filhos", pode sugerir que no pensamento judaico as esposas são colocadas em último lugar. O hebraico tem a mesma expressão idiomática, *ṭap wᵉnāšîm*, em ambos os lugares, e a ordem é ditada por nada mais que a redação do decreto original, que Mordecai está invertendo; agora serão os judeus que farão essas coisas. Mas a quem?

Este versículo fez surgir a opinião de que os judeus procuravam obter o direito de matar as indefesas mulheres e crianças nos países em que estavam exilados, e compreensivelmente isto tem suscitado problemas éticos que levaram este livro a ser condenado. Na NEB, BJ e GNB este versículo é traduzido de forma a eliminar qualquer ambigüidade como a que é encontrada na RSV e

para confirmar o ponto de vista sanguinário de que uma vingança exata estava sendo realizada contra toda a população. A GNB, por exemplo, apresenta: "Se eles fossem atacados por homens armados de qualquer nacionalidade em qualquer província, podiam resistir e destruí-los juntamente com suas esposas e filhos; eles podiam massacrá-los até o último homem, e ficar com suas propriedades". Os comentaristas têm sido quase unânimes em dizer que este é o significado do texto. [68] Ao mesmo tempo eles comentam freqüentemente a improbabilidade de que o rei lhes desse permissão para um massacre tão generalizado da população persa, embora toda a raça judaica tivesse sido ameaçada dessa mesma forma. O pensamento é que esta história de Ester elabora o tema de retribuição do Antigo Testamento, permitindo, e até se gloriando no resultado de "olho por olho e dente por dente" (Ex 21:23-25), mostrando a sua barbárie em comparação com o Novo Testamento. Porém, será que isto é necessário?

Como já foi indicado, o decreto de Hamã em 3:13 é refletido no de Mordecai, e parte da sua redação é repetida neste último decreto; mas as diferenças também precisam ser levadas em conta. Em 3:13 não há dúvida a respeito do significado. O objeto do verbo *aniquilar* segue-se imediatamente: "todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres". Em 8:11, por outro lado, o objeto do verbo é "toda e qualquer força armada... que viesse contra eles", enquanto que "crianças e mulheres" estão perdidas na frase.[69] Esta é a maneira pela qual a NIV interpreta o significado da sentença, e de fato este é o sentido claro no texto. Seja qual for a objeção ética que possa ser levantada contra as ações dos judeus, da maneira como são registradas neste livro, pelo menos elas não devem ser baseadas neste versículo, distorcido em sua interpretação como eie comumente tem sido.

12. *Num mesmo dia.* Tal mortandade podia gerar uma escalada que se degeneraria em uma vingança contínua, mas especificando a data, eram estabelecidos limites, e contido o derramamento de sangue.

13. A respeito da palavra "cópia", aqui como em 3:14 ela é omitida (veja comentário a 3:14). Não era suficiente publicar o decreto por escrito; ele devia ser proclamado para todos ouvirem. Em vez de ficarem indefesos, foi permitido aos judeus que se organizassem para se defender de qualquer ataque desferi-

---

68. Assim também pensam L. B. Paton, *ICC*, p. 274; B. W. Anderson, *IB*, III. p. 866; C. A. Moore, *AB*, pp. 80s.. Por outro lado, L. E. Browne (*PCB*, p. 384) pensa que isso não significava que os judeus tinham autorização para matar as mulheres e crianças persas, "apesar de as duas interpretações gramaticais serem igualmente possíveis".
69. Este versículo é tratado com algumas minúcias por Robert Gordis: "Studies in the Esther Narrative" em *JBL* 95 (1976), pp. 49-53. Ele argumenta que "eles, seus filhos e suas esposas, com seus bens como despojo" devia estar entre vírgulas invertidas, porque estas palavras são uma citação de 3:13, indicando o edito original contra o qual os judeus agora podiam se proteger.

do contra eles, e assim *se vingarem de seus inimigos*, presumindo que os judeus prevaleceriam nessa batalha. Isto era justiça, e não vingança.

14. Dá-se ênfase à pressa com que os despachos foram expedidos aos seus destinos respectivos, e em Susã não houve demora alguma, pois ali se originara o decreto, no coração da cidadela real.

c. A popularidade dos judeus (8:15-17)

Os versículos finais deste capítulo são a antítese de 3:14-15, onde o efeito do edito de Hamã havia causado consternação geral.

15. Em primeiro lugar, *a cidade de Susã*, e não apenas os judeus que ali viviam, deram as boas-vindas a Mordecai como primeiro ministro. Longe de ficarem ressentidos pela indicação de um membro de uma *minoria estrangeira*, o povo aclamou e regozijou-se, apoiando plenamente aqueia nomeação. As roupas características com as cores reais e a *grande coroa de ouro* o distinguiam como segundo apenas em relação ao rei.[70]

16. *O contraste entre a recepção deste decreto e o de Hamã ficou* particularmente marcado entre os judeus. Em lugar de lamentações, jejum, choro e lamentos (4:3), houve *felicidade, alegria, regozijo e honra*. Literalmente a palavra traduzida como "felicidade" é "luz", cujo uso simbólico já estava bem estabelecido.

17. Em segundo lugar as províncias se regozijaram quando o edito chegou a elas. A decretação de um feriado implica em que os empregadores gentios receberam as notícias com simpática compreensão, e se manifestaram dispostos a permitir que os judeus tivessem tempo para celebrar. O fato de um judeu estar dirigindo os negócios da capital pode ter algo a ver com o *temor dos judeus* que sobreveio ao império. Mordecai havia provado a sua habilidade para mudar o que em teoria não podia ser mudado, e o povo ficou impressionado

---

70. Todas as palavras hebraicas traduzidas como "coroa" sugerem por derivação um turbante, por virem de verbos que dão a idéia de "rodear". C. A. Moore traduz *ʿāṭārâ* aqui como "turbante"e indica que no caso das coroas do rei e da rainha (1:11; 2:17; 6:8) é usado um termo diferente (heb. *keter*). Esta última palavra é confinada ao livro de Ester na Bíblia, e provavelmente representa um original persa. A palavra *ʿāṭārâ* é usada uma vez no Antigo Testamento com a palavra "atar" (Jó 31:36), mas em outros lugares o contexto requer uma coroa de metal (II Sm 12:30; SI 21.3 [4, heb.]; Zc 6:11,14). A. T. Olmstead faz várias referências a coroas, quase sempre de ouro, mas em uma referência a uma descrição da deusa Anahita ele escreve: "Em sua cabeça ela tem *atada* uma coroa de ouro com cem estrelas de oito raios..." (*HPE*, p. 471, itálicos meus). Em Ester 8:15, a palavra "diadema" manteria a distinção com a coroa real, e conservaria a imagem correta; as evidências para "turbante" são escassas. Veja também P. Calmeyer: *Archäologische Mitteilungen aus Iran* 10 (1977), pp. 154-190 a respeito do assunto das coroas.

tanto quanto apreensivo quanto ao futuro. Sentindo, com razão, que no futuro seria vantajoso ser judeu, muitos *se fizeram judeus*. Só aqui em todo o Antigo Testamento faz-se referência a pessoas de outras raças se tornando judeus, embora o Novo Testamento dê abundante testemunho deste processo no século I A.D. (Mt 23:15; At 2:10; 6:5; 13:43). É verdade que a lei fizera provisão para os estrangeiros que viviam "na terra" (Lv 19:33-34), e os profetas previram a conversão generalizada ao Senhor, de habitantes de toda a terra (Is 2:2-4; 49:6; Jr 3:17; Sf 3:9; Zc 8:22-23, para citar apenas algumas profecias). Mas o verbo usado apenas aqui significa "eles se judaizaram", contudo por qual processo não é revelado. A religião dos judeus evidentemente havia se tornado assunto separado do da raça.

Ao passo que o capítulo 3 havia registrado a ascensão de Hamã, este capítulo mostra como Mordecai não apenas passara a ocupar o lugar de honra de Hamã, como primeiro ministro do rei, mas também usara o seu poder de forma semelhante. A diferença era que ele operou com mais sucesso, e ganhou popularidade ao mesmo tempo junto a judeus e gentios, e produzira alegria no lugar de desalento.

Nota Adicional:

"Vingar, vingar-se, vingança" (Heb. *nāqam*)

Para os leitores ocidentais modernos do livro de Ester, o problema mais insolúvel é o ético, oriundo da própria conspiração. Como os cristãos, que levam a sério os ensinos de Jesus, podem se regozijar com o banho de sanque em que a história termina? Tem se tornado parte até da nossa herança cultural aceitar que os inimigos devem ser tratados com amabilidade; como diz o provérbio do século XVI: "A mais nobre vingança é perdoar". Sobretudo, embora com justiça, é reação não-civilizada, e quando um grupo ou sociedade condescende em fazê-lo, tal povo é caracterizado como "primitivo". A história prova que tais tentativas de chegar a uma solução justa de uma disputa, leva, no mínimo, a uma cruel "vendetta" que pode continuar por gerações, e, o que é pior, a guerras infindáveis. Portanto, pela lei ocidental, a auto-defesa é cercada de tantas restrições que se torna mais seguro presumir que ninguém tem o direito de usar a força das armas para a defesa própria, por grandes que sejam as provocações. É necessário, embora seja difícil, reconhecer que aplicamos os nossos condicionamentos culturais à nossa leitura do texto bíblico, neste caso como em outros e, conseqüentemente, fazer um esforço consciente para entender a situação com que nos defrontamos neste livro.

Contudo, antes é bom e interessante ver como a nossa língua adotou duas séries de palavras com uma origem comum. "Vingar" e "vingança" nos

vieram do latim *vindicare*, mas também temos a transliteração "vindicar". As duas palavras não são inteiramente sinônimas, a despeito da sua origem comum. Enquanto o verbo "vindicar" apresenta implicações inteiramente recomendáveis, "o juiz bom vindica o direito", "vingar" e especialmente o substantivo "vingança" são associados com reações emocionais desencadeadas pelo ódio. Inevitavelmente a coloração das palavras tende a influenciar a maneira como as lemos, seja qual for o contexto em que apareçam, e isto certamente acontece aqui. Está por trás da nota de um comentarista de Ester 8:13 a insinuação de que este verbo (eles se vingaram) "não significa *vingar-se... mas infligir castigo justo.*[71] Infelizmente ele não justifica esta declaração. Comentaristas mais recentes têm manifestado a tendência de presumir que o oposto é que é o caso, como por exemplo Moore, que traduz o verbo *vingar-se* "a LXX apresenta "lutar contra", que elimina de maneira cortês o elemento mais abjeto da vingança".[72] A questão essencial, contudo, é o uso hebraico desta palavra como indicador do significado deste contexto.

Um estudo dos trinta e poucos versos do Antigo Testamento onde este verbo é usado, mostra que ele ocorre em contextos de vingança pessoal. Sansão jurou que se vingaria dos filisteus (Jz 15:7) e orou para ser capaz de executar o seu desejo (Jz 16:28). Saul também decidiu vingar-se dos filisteus (I Sm 14:24; 18:25). Não obstante, desde o princípio demonstrou-se que esta guerra era contrária à intenção do Senhor, e até Caim foi divinamente protegido contra morte violenta (Gn 4:15). Lameque aproveitou-se da promessa e considerou que estava salvo, embora tivesse tirado injustamente a vida de outrem (Gn 4:23-24). Não se ouve falar mais dele! De fato, se um senhor castigasse um escravo ou escrava de tal maneira que ele ou ela viessem a falecer, ele deveria "ser punido" (Ex 21:20, lit. "sofrer vingança"); aqui este verbo é usado no sentido legal.

Em mais da metade das ocasiões em que este verbo é usado, o sujeito é o Senhor Deus, ou Deus deu instruções aos seus servos para executarem a sentença que ele havia decretado. "A mim me pertence a vingança, a retribuição... porque o Senhor fará justiça ao seu povo" (Dt 32:35-36) são palavras que Paulo tinha em mente ao escrever Romanos 12:19, e ele continuou citando Provérbios 25:21-22: "Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer..." A lei de Levítico 19:18, mais conhecida por sua ordem em relação ao amor ao nosso próximo, também proíbe sentimentos vingativos e rancores contra os outros. Assim, a lei e a sabedoria popular ensinavam a mesma coisa, e os profetas aproveitaram-se deste tema; o Senhor era o vingador das injustiças e, porque Ele era imparcial, Israel precisava sofrer com o resto (Is 1:24,25;

71. Paul Haupt: *Critical Notes on Esther*, *AJSLL* 24 (1907-1908), p. 161, itálicos do autor; reimpresso em *Studies in the Book of Esther*, de C. A. Moore.
72. C.A. Moore, *AB*, p. 81.

Jr 5:9,29; Ex 24:8; Na 1:2). Porém uma vez infligido o castigo, as nações que o haviam aplicado também estavam sujeitas à mesma lei (Jr 50:15; 51:36; Ez 25: 12, 15; cf. Lv 26:25). Idealmente, portanto, o Senhor executa a justiça nos negócios dos homens, e este é motivo de regozijo não apenas para Israel mas também para todas as nações (Dt 32:43), cujas autoridades cooperam com Deus executando a ira de Deus sobre o malfeitor (Rm 13: 4b). O juiz é chamado de "vingador" (gr.: *ekdikos*; cf. *ekdikeō*, "procurar justiça para alguém").

Devia haver outra maneira pela qual Deus vencia o mal, e isso é sugerido no Salmo 8:2 (cf. Mt 21:16, onde nosso Senhor cita a LXX). O simples fato de louvar a Deus em Sua majestade devia levantar uma torre contra o inimigo, e desta forma vencê-lo e pacificar o vingador.

A maneira pela qual o Antigo Testamento usa esta palavra torna uma coisa muito clara: que as mágoas pessoais não se deviam tornar a motivação para atos violentos de vingança. O Senhor vingaria as injustiças através dos juízes; mas ele estava interessado em toda a sociedade, bem como no indivíduo, e especialmente pela manutenção do pacto (Lv 26:25), e embora fosse verdade que Ele ouvia as orações do Seu povo e perdoasse os seus pecados, Ele também "tomava vingança dos seus feitos" (Sl 99:8). Esta advertência propiciava um corretivo aos pressupostos e uma salvaguarda contra a crueldade. Embora no livro de Ester o feitiço tivesse se voltado contra as pessoas que teriam matado os judeus, estes tinham por trás de si todo o condicionamento teológico propiciado pelas suas Escrituras, e a sua compreensão da permissão para se vingarem precisava ser ajustada de acordo com ele. Em vez de precisar suportar a mortandade sem qualquer meio de defesa, a nova legislação permitia que eles lutassem durante um dia contra os que os atacassem, e os matassem. O fato de ter acontecido esta surpreendente mudança nas circunstâncias inspirava temor. Indicava um ordenação providencial dos seus negócios, que não devia ser considerada levianamente. Na verdade ela era maravilhosa, e era causa de regozijo, mas a arrogância e presunção deviam ser excluídas, juntamente com toda a tirania e superioridade auto-afirmadora, que por seu turno podiam desencadear a condenação e o castigo de Deus.

A injunção cristã "Não torneis a ninguém mal por mal" (Rm 12:17), juntamente com a afirmação "vence o mal com o bem" (v. 21) permanece como alvo mais elevado. Não obstante, depois de todos os anos de história cristã, ainda se nos evade. Sendo assim, qualquer condenação julgadora e farisaica dos atos judeus, da maneira como se considera no decreto de Ester 8, está fora de ordem. É bom perguntarmos a nós mesmos como reagiríamos em face de algum ataque diabólico, que tivesse em vista a destruição da nossa nação. Suspeito que não o levaríamos a sério, mais do que levamos a história de Ester seriamente como deveríamos. Quanto a isto, pior para nós. O povo judeu tem de continuar vivendo sob tais ameaças.

X. PROVIDENCIA-SE PARA QUE OS JUDEUS TRIUNFEM (9:1-19)

Só nos dois últimos capítulos do seu livro o autor revela as razões de algumas das suas alusões anteriores, e expressa as suas intenções sutis ao escrever a história de Ester. Portanto, estes capítulos são importantes para qualquer apreciação dos objetivos do livro e da parte que ele desempenha na mensagem total das Escrituras. Além disso, indubitavelmente, eles elaboram o desenlace da trama, completando assim a narrativa.

1. O fraseado deliberado e bastante ponderado enfatiza, em primeiro lugar, a data exata, já conhecida devido a 3:12, e segundo, a inversão dos acontecimentos de forma que os judeus, ao invés de serem as vítimas tornaram-se os vitoriosos naquele dia. O resultado do encontro é previsto aqui, como se a permissão para se defenderem com certeza levaria à sua sobrevivência.

2. A incapacidade dos seus inimigos em causar mal aos judeus é explicada em nível psicológico: *o terror que inspiravam caiu sobre todos aqueles povos*. Em parte esse terror podia ser explicado pela inesperada mudança de poder em Susã, e pelo direito dos judeus de se defenderem contra uma lei totalmente injusta. As pessoas que lutam por uma causa justa indubitavelmente têm muita força, mas nenhum desses fatores, nem todos eles juntos, justificam a inevitabilidade da vitória judaica. O temor que o povo de Deus inspirava só é explicável em termos do temor do seu Deus, que vindicava a sua justa causa, convencendo os seus inimigos em todo o império persa de que haviam apoiado o lado que iria perder.

3. Admite-se que as autoridades mais credenciadas em todos os lugares tinham os olhos fixamente postos nas vantagens políticas que lhes adviriam. Era do interesse delas grangear a amizade de Mordecai, se queriam permanecer em seus cargos; daí a sua prontidão em ajudar os judeus. Tendo a liderança do seu lado, os judeus, conseguiram um poderoso apoio popular e até prestígio.

4. Quase tão misteriosa quanto o temor dos judeus, foi a popularidade do novo primeiro ministro. Por que será que ele fora guindado tão rapidamente a uma posição tão poderosa na política mundial, e por que será que o povo estava preparado para confiar nele como líder e campeão da sua causa? Uma influência sobrenatural parece estar nas entrelinhas, aumentando as tendências naturais de adoração dos heróis, e reforçando o interesse próprio.

5-6. Tendo explicado como os judeus obtiveram favor, o autor podia ir além, relatando que eles *feriram... a todos os seus inimigos, a golpes de espada*. Depreende-se que há limites impostos à matança, a despeito da ênfase dada à destruição. As vítimas eram: I. inimigos, II. os que os odiavam, III. *homens*, e não mulheres e crianças (heb. *'îš*). Nesta batalha todas as baixas acontecem de um lado, mas devemos pensar em termos de homens de guerra, e não de

uma população indefesa como um todo, a despeito das muitas declarações em contrário na redação de Ester. Talvez as palavras *fizeram dos seus inimigos o que bem quiseram* sugerem uma orgia de indulgência em vingança elementar devido à justaposição dos termos. No contexto mais amplo, contudo, a inferência é de que os judeus receberam liberdade para agir sem interferência oficial.[73] Sendo a natureza humana como é, fazer o que bem se entende algumas vezes tem implicações horríveis, como se vê em Daniel 8:4; 11:3, 16, 36; mas em Ester 1:8 essa expressão é moralmente neutra, enquanto que no Salmo 145 *Deus* satisfaz o desejo de toda criatura viva (16, 19). A palavra traduzida como "quiseram", "desejo" (heb. *rasôn*) é neutra, e por si mesma não subentende culpa.

O número de baixas, todavia, foi alto. Quinhentas pessoas na acrópole de Susã parece número excessivo, e tem chegado a ser tomado como exagero deliberado para obter efeito humorístico. "Se um inimigo não atacasse os judeus em primeiro lugar, estava em segurança, não corria perigo. Quem seria tão tolo a ponto de se sujeitar deliberadamente ao segundo edito? Seria suicídio atacar os judeus... A resposta é que 800 pessoas em Susã e 75.000 nas províncias foram estúpidas a esse ponto! É pena que tantos leitores não tenham conseguido perceber que este relato é uma hipérbole deliberada."[74] É impossível saber qual seria o número de mortos se o edito de Hamã tivesse sido executado, mas devia haver dez vezes mais judeus espalhados pelo império persa, se o número relativamente pequeno de judeus que voltou a Jerusalém nas várias ondas de repatriação totalizaram algo como 42.360 (Ed 2:64; Ne 7:66). Sem dúvida, os que argumentam em favor do exagero por causa de humor, também consideram o edito de Hamã como exagerado.

7-10. O assassinato dos dez filhos de Hamã antecipou-se a qualquer tentativa da sua parte de vingar a morte de seu pai, ou de usurpar o cargo que ele ocupara. Os seus nomes são pronunciados com consideráveis variações nas diferentes versões, e é impossível estabelecer com certeza a sua forma original, embora se tenha alegado que os originais persas sublinham pelo menos alguns deles.[75] Todos os nomes têm uma vogal "a" característica, em con-

---

73. Paul Haupt, escrevendo em *AJSLL*, em 1907-1908, comentou: "Se as autoridades tivessem permitido que os judeus organizassem resistência armada, os numerosos massacres ocorridos na Rússia durante os últimos anos teriam abortado no nascedouro... Mas, via de regra, os atacantes dos judeus russos foram apoiados pelos governadores, comandantes militares, oficiais da polícia, etc.",

74. Bruce W. Jones: "Two Misconceptions about the Book of Esther", *CBQ* 39 (1977), p. 180.

75. H.S. Gehman: "Notes on the Persian Words in Esther", *JBL* 43 (1924), pp. 327s.. Ele chamou a atenção para ocorrência de *Parshandatha* (versículo 7) em um selo antigo, agora no Museu Britânico (Antigüidades da Ásia Ocidental, BM 89152). Mais recentemente nomes persas antigos têm sido recuperados dos arquivos administrativos de Persépolis de 509-458 a.C., de anotações em almofarizes ou grais, e de monumentos, selos e moedas. M Mayrhofer, *Onomastica Persepolitana* (Viena, 1973), projetou em mui-

cordância também com o nome de seu pai e avô, como se ela unisse a família.

Porém no despojo não tocaram. No passado de Israel houve vários incidentes concernentes aos despojos de guerra, e visto que o autor faz este comentário mais duas vezes (15 e 16), sem dúvida ele quer dar algo a entender. Isto é especialmente provável em vista da permissão expressa dada a eles em 8:11 para saquearem os bens dos seus inimigos. Abraão havia se recusado a aceitar os despojos que lhe foram oferecidos pelo rei de Sodoma (Gn 14:21-23), estabelecendo desta forma um princípio, e Saul havia escolhido espalhafatosamente os melhores animais para si, enquanto protestava a sua inocência, constituindo assim um exemplo clássico de "racionalização" e do desastre que segue a desobediência (I Sm 15: 17-23). Tendo em mente a lembrança deste incidente, o autor procura inverter a maldição imposta ao rei Saul, e assegura a bênção para Mordecai e seus contemporâneos.[76] A deliberada decisão de não enriquecerem às custas de seus inimigos não passa sem ser notada em uma civilização onde se esperava que os vitoriosos tomassem os despojos para si. A própria novidade dessa auto-negação seria ressaltada, lembrada e considerada como prova dos retos motivos das comunidades judaicas. Este incidente propicia um exemplo interessante da maneira como a Escritura exerce a sua influência sobre o comportamento.

O que segue é menos edificante, e não tem a intenção de ser um exemplo, não mais do que a prevaricação de Saul em relação aos animais amalequitas (I Sm 15:13-15, 20-21).

11-12. No fim do dia foi relatado ao rei o tributo de vidas pago. Por quaisquer padrões, perder quinhentos homens em um dia era apavorante, e há uma horrível inferência no cálculo feito pelo rei do número total de pessoas mortas no resto das províncias. O fato de ele receber tudo isso tão calmamente, e chegar ao ponto de oferecer a Ester outro ataque dos seus homens de guerra, parece acentuar, para Bruce Jones, o elemento humorístico: "O efeito é quase o de uma comédia: 'Se o fizeram em Susã, pense como deve ter sido no resto das províncias!'" Ele pode estar certo, mas o narrador não apresenta indícios de humor em seu relato estritamente jornalístico. Os judeus também eram cidadãos do império, e soldados em potencial; o rei estava sujeitando o seu reino a uma perda ainda mais pesada, quando permitira o edito original de Hamã, e perpetrara a injustiça inicial. Será que os leitores e comentaristas cristãos acham que seria melhor se os judeus tivessem se sujeitado à conspiração de Hamã?

---

tos casos a forma persa antiga, mas enfatiza o fato de que muita coisa continua desconhecida a respeito dos nomes persas antigos. Tenho uma dívida de gratidão para com A. R. Millard da Escola de Arqueologia e Estudos Orientais da Universidade de Liverpool, por estes e outros detalhes a respeito de nomes persas.

76. Berg, p. 67, explora este tema com alguns detalhes. Da maneira como ela o indica, "os judeus honraram a obrigação ignorada pelos seus ancestrais".

13. Presenteada com outra "carta branca" Ester não demonstra nenhum sinal de enfraquecimento em sua busca de adversários locais. Até então as baixas haviam ocorrido na acrópole, *na cidadela de Susã* (11; cf. comentário a 1:2), em oposição à cidade, onde devia se encontrar a maioria da população. O pedido de Ester é que outro dia fosse dado em que toda resistência ali fosse anulada, e que os corpos dos dez filhos de Hamã fossem expostos publicamente em forcas, como meio de intimidação, como havia acontecido com os corpos de Saul e seus filhos (I Sm 31:8–12).

14. Tão trivial é a reportagem, que a seqüência tende a soar como crueldade a sangue frio. O rei promulgou o decreto, e o restante seguiu-se.

15. *Reuniram-se os judeus* refere-se a 8:11 (cf. 9:2) e dá a entender que permaneciam na cidade tropas encarregadas de executar o edito original. Só organizando os seus homens e armando-os, a resistência poderia ser eficaz. *No dia catorze do mês de adar* (a data é da maior importância para o autor) a última ação defensiva foi levada a efeito, e foi assegurada a libertação judaica do edito de Hamã. Paton é da opinião de que este segundo dia de mortandade é a maneira pela qual o autor explica porque havia duas datas diferentes para a observância da festa de Purim em sua época. "A história aqui se origina do costume, e não o costume da história."[77] Ele precisa considerar este fato como auto-evidente, pois não oferece nenhum argumento para apoiá-lo.

16. Nas distantes províncias do império, o drama também foi encenado, pois outros judeus *se reuniram e se dispuseram para defender a vida* (outra vez o mesmo verbo; cf. 9:15, nota). Eles *tiveram sossego dos seus inimigos* ou "descanso" (AV, RV; heb. *nôaḥ*), matando um total de 75.000 opónentes que os teriam eliminado. Mais uma vez, qualquer tentativa de obter vantagens materiais com base nesse incidente foi frustrada. Os seus inimigos eram bem-vindos aos despojos.

17. A libertação motivou regozijo; daí a instituição de um feriado no décimo-quarto dia do mês de adar, celebrado com banquetes, um dos temas constantes do livro. Sem contar a Festa da Dedicação e o Dia do Nicanor, ambos instituídos no meio do século II a.C., não havia festividades durante os últimos cinco meses do calendário hebraico (outubro a março). No meio do último mês do ano seria bem-vinda uma razão para se regozijar, depois do inverno.

18-19. Este primeiro relato da instituição da festa em questão indica a diferença da sua comemoração entre a data da festa em Susã e a observada nos outros lugares. A razão para a diferença foi atribuída pelo pedido ulterior de Ester ao rei (9:13); conseqüentemente, Susã precisava observar o décimo quinto dia de adar como feriado, enquanto em todos os outros lugares se observava o décimo quarto. Da mesma forma que em festividades comunais, havia uma troca de presente, *porções dos banquetes* (cf. Ne 8:12). Um compartilhamento

77. *ICC*, p. 288.

generoso expressava alegria, e ao mesmo tempo a aumentava, assegurando que ninguém ficava dela excluída por causa de pobreza. A narrativa subentende a solidariedade das comunidades judaicas; embora estivessem espalhadas por todo o império, elas conservaram a sua identidade e se regozijaram juntas em sua experiência comum de libertação. Desta forma, uma conspiração que pretendia destruí-las resultou em uma festa que ajudou a uni-las e a mantê-las como um único povo.

XI. AUTORIZAÇÃO PARA A FESTA (9:20-32)

Estes segundo e terceiro relatos da instituição de Purim, segundo se supõe comumente, provêm de outro escritor, mas são citados a fim de completar a autenticação de uma festa que não podia recorrer ao Pentateuco para a sua definição e significado. Não obstante, documentos escritos com autoridade real estão por trás dela.

20. Visto que a própria continuação da raça escolhida estivera em jogo, o seu resgate não podia deixar de ser comemorado. *Mordecai escreveu estas cousas,* isto é, os acontecimentos da seção anterior, no que concerniam a todo o povo judeu, incorporando os aspectos importantes em cartas que apresentavam as diretrizes para o futuro. O fato de que o sistema postal real havia sido estabelecido, e que Mordecai, em seu cargo real de primeiro ministro, tinha o direito de usá-lo, tornava as comunicações relativamente fáceis e abrangentes, alcançando *todos os judeus... aos de perto e aos de longe*. Podia-se estar falando de distâncias de até 3.000 quilômetros.

21-22. Primeiro precisava ser estabelecida a data da festa, e Mordecai decretou que tanto o dia quatorze quanto o quinze de adar deviam ser observados anualmente. Seria isto para lembrar às futuras gerações a maravilhosa libertação da extinção: a tristeza se transformara em alegria, e a lamentação em celebração.[78] Mordecai agora especifica que as festividades deviam incluir *dádivas aos pobres* tanto quanto a troca de presentes (19).

23-28. O terceiro relato da instituição da festa explica como ela obteve o seu nome, Purim. Necessariamente parte da história precisa ser contada de novo.

24. O sumário da decisão de Hamã de conspirar contra os judeus, e de encontrar o dia mais propício para lançar sortes, de forma que pudesse estar certo de ter sucesso, liga a derivação de Purim com a palavra *pûr* (cf. versículo 26), "sortes". A tradução era essencial porque a palavra não era hebraica, e muitas sugestões têm sido feitas em relação à sua origem. Pensava-se que a

78. Embora os escritores do Novo Testamento não façam citações ao livro de Ester, pode haver uma alusão a este capítulo, com sua repetição da palavra "descanso", em II Ts 1:7 (ARA tem alívio), onde alívio da perseguição é o contexto.

discussão tivesse sido resolvida por Julius Levy.[79] Ele argumentava em favor da sua derivação da palavra babilônica *pūru*, pedra, mas agora sabe-se que as "sortes" podiam ser de madeira ou pedra, e a derivação é duvidosa. A descoberta do "dado de lahali", tendo a palavra *pūru* nele gravada, ao mesmo tempo resolveu a questão da derivação e lançou luz sobre a importância ligada às datas auspiciosas na Pérsia daquele período.[80] As sortes eram usadas na Assíria para se escolher epônimos oficiais anuais, para a divisão de propriedades e para a adivinhação, e esse costume continuou em voga na parte oriental do império, na época persa.

25. *Mas, tendo Ester ido perante o rei* significa literalmente "quando ela foi". A RSV representa uma interpretação tradicional do significado atribuído pelo escritor a essa expressão, mas o pronome "ela" podia referir-se a um substantivo comum feminino, e daí, "mas quando a conspiração chegou ao conhecimento do rei" (NIV). Visto que o nome de Ester não havia sido mencionado em conexão com as cartas de Mordecai, esta última tradução deve ser preferida. Mordecai estava mais preocupado com a instituição do festival do que com a perpetuação ou registro da parte que ele mesmo ou Ester haviam desempenhado nos acontecimentos, e incidentalmente o rei é creditado por ter cominado o castigo justo ao culpado Hamã e seus filhos, sem a intervenção de ninguém. O fato de Ester ter colocado as idéias na mente do rei é assunto secundário que não precisava merecer atenção na carta.

26. A carta não fez mais que reforçar e regular o que o povo judeu por toda parte havia começado espontaneamente a praticar (versículo 19). A festa originou-se devido ao alívio e à ação de graças pela libertação deles.

27-28. Dada a orientação de Mordecai, houve pronta aceitação *destes dois dias*, e os seus contemporâneos entregaram a *sua descendência e todos os que se chegassem a eles* uma referência ao fato de que um certo número de gentios havia sido levado à adoração de Deus, e por conseguinte, às comunidades judaicas (8:17), para observar aquelas datas em todos os lugares e em todo o tempo. Tão abrangente e enfática é a declaração destes versículos, que alguns comentaristas sugeriram que este livro, em certo estágio do seu desenvolvimento, terminava aqui, e que o versículo 28 constituiria um razoável desfecho para a história. Parece mais provável que a passagem da qual veio esta citação, se de fato é uma citação (cf. p.97), terminava neste ponto. A ameaça que pretendia *aniquilar os judeus tornou-se uma* ocasião para unir a raça, e Purim, à semelhança das outras festas comunitárias, sem dúvida desempenhava a sua parte na sobrevivência judaica através dos séculos, em regiões geográficas

79. *HUCA* 14 (1939), p. 144.
80. Veja Introdução II *c*. "Purim", e W. W. Hallo: "The First Purim", *BA* 46.1 (1983), p. 22; W. von Soden, *Akkadisches Handwörterbuch* II (1972), pp. 881-882 *sub pūru*. Ele faz referências às sortes entre os sumerianos (*c*. séculos XIX a VI a.C.).

distantes da Europa, Ásia e África, porque distinguia os judeus dos outros povos, devido às suas características.

29-32. Autorização oficial adicional é citada para a festa. Desta vez a rainha Ester adiciona as suas ordens reais e junta-se a Mordecai na redação de cartas oficiais.

Estes últimos quatro versículos do capítulo à primeira vista parecem uma duplicação desnecessária do que se passou antes, mas uma tradição que comemore a libertação da morte é o alvo do autor, e ele não hesita em acrescentar ainda mais evidências a fim de reforçar a importância, para os judeus, da observação da festa anual.[81] Nestes versículos Ester desempenha o papel principal, tendo sido mencionada pela última vez no versículo 13. Ela agora aparece como legisladora, sendo que a sua autoridade real leva a um clímax uma escala ascendente de boas razões pelas quais os dias de Purim deveriam ser observados.

29. O uso de nomes oficiais e a menção de documentos escritos torna razoável supor que o autor podia estar se aproveitando de material legal aqui. É interessante notar que ao passo que Mordecai é chamado de "o judeu", Ester, que podia ser designada da mesma forma, é mencionada com o seu patronímico. Seria considerado vantajoso depreciar a rainha, expondo a sua descendência de antepassados estrangeiros?

A despeito do sujeito plural, a primeira palavra deste versículo em hebraico é um verbo singular feminino, indicando que Ester é o sujeito efetivo: "ela decretou". A menção de Mordecai estabelece a conexão entre a sua legislação e a da rainha; não obstante, é um problema, gramaticalmente. Um fator agravante é a incerteza a respeito do significado do termo *toqep̄*, uma palavra rara traduzida como "poder" em 10:2 e em Dn 11:17, únicos outros lugares do Antigo Testamento onde esse substantivo ocorre. *Com toda a autoridade* capta bem o sentido da frase; a NIV, colocando entre parêntesis "juntamente com o judeu Mordecai", também faz com que a rainha Ester seja sujeito do verbo.[82]Com toda a autoridade mostra como era importante, a essa época, que documentos escritos fossem mostrados por todo o império. O próprio fato de que eles eram escritos lhes dava perpetuidade e uma espécie de identidade in-

---

81. Os argumentos para se pensar que estes versículos são secundários, isto é, que não fazem parte do original, são considerados de modo bastante minucioso por Samuel E. Loewenstamm: "Esther 9:29-32: The Genesis of a Late Addition" em *HUCA* 42 (1971), pp. 117-124.

82. Loewenstamm (*art. cit.* p. 119) argumenta que *toqep̄* significa um "ato de força legal", porém visto que ele continua dizendo: "Parece que nem a Setuaginta nem o último redator do TM ainda estavam conscientes do fato de que *tqp̄* tinha este significado especial" (p.120), lança-se dúvida sobre esta sua tese, especialmente se for considerado que a mesma palavra é usada com o significado de "força" em texto tão próximo quanto 10:2.

dependente (cf. gr. *gegraptai*; "fica escrito" na LXX. *V.g.* Ed 3:2; Ne 10:34; nos Evangelhos Mt 4:4, 6, 10).

30. *Cartas... com palavras amigáveis e sinceras* é uma estranha mudança fraseológica que tem dado origem a alguma discussão. Robert Gordis argumentou que esta é uma referência às palavras formais de saudação com que costumeiramente as cartas começavam, e freqüentemente ainda começam, em hebraico.[83] O escritor omitiu o conteúdo da carta porque o seu assunto já era conhecido. Sandra Beth Berg, por outro lado, aponta para o fato de que em hebraico as últimas palavras do versículo seguinte (versículo 31) contêm uma expressão construída de maneira semelhante: palavras "acerca do jejum e do seu lamento".[84] Em vista do fato de que esta última frase refere-se ao conteúdo da legislação, ela argumenta que provavelmente o mesmo acontece a respeito das palavras semelhantes no versículo 30. A justaposição de palavras *amigáveis* (heb. *šālôm*, de paz) e *sinceras* (heb. *'emet*, de verdade) ocorre em primeiro lugar em conexão com Ezequias (II Rs 19; cf. Is 39:8: Haverá paz e segurança em meus dias"). As mesmas duas palavras hebraicas em Jr 33:6 são traduzidas como "paz e segurança" e em Zacarias 8:16, onde ocorrem na ordem oposta, como "segundo a verdade, em favor da paz". Estas formas de usar a justaposição destas duas palavras mostram como era ampla a gama de conceitos que estavam por trás deias. A celebração de Purim comemorava a inversão dos desígnios malignos e a vindicação dos inocentes; pela lembrança anual do triunfo da justiça contra a injustica, seria encorajado um comportamento verdadeiro e correto na comunidade, a segurança seria promovida e avançaria a causa da paz.

31. Pelo fato de a festa poder causar efeitos tão benéficos, Ester e Mordecai se dedicaram a si mesmos e aos seus descendentes à sua observância, mas somente aqui, desde o capítulo 4, se faz referência ao seu *"jejum e do seu lamento"*. A palavra *lamento* (raiz heb. *z'q*) significa basicamente "clamor" geralmente de tristeza (cf. 4:1) e freqüentemente em oração a Deus (*v.g.* Ne 9:4,28), e daí a tradução "súplica", em algumas versões inglesas, e "clamor" em ARC, Matos Soares e outras versões brasileiras. Parece improvável que jejum se tivesse tornado parte da comemoração anual àquela época, embora tal ato fosse observado pelos judeus durante Purim, no período medieval. Não obstante, jejum é um dos principais temas neste livro, por isso há boas razões para se esperar que ele aparecesse na recapitulação da seção final, pelo me-

---

83. "Studies in the Esther Narrative" em *JBL* 95:1 (março de 1976), pp. 57s.. Depois de uma análise exaustiva, J. A. Fitzmyer ("Some Notes on Aramaic Epistolography", *JBL* 95.1 (1974), pp. 201-225) encontra a palavra "paz" usada na vasta maioria de saudações, enquanto que "verdade" não aparece nem na fórmula de abertura nem na de encerramento.

84. Berg, p. 44.

nos de passagem. Como o observa Sandra Beth Berg: "Mesmo se 9:29-32 tem origem em outra mão, o seu autor é sensível em relação ao estilo e ao espírito da narrativa".[85]

32. Uma característica estilística semelhante que indica a unidade de autoria é a palavra *mandado* (heb. *ma'amar*). Esta formação particular, provinda de *āmar*. "falar, prometer, ordenar", ocorre no Antigo Testamento apenas no livro de Ester (1:15; 2:20). Em vista do fato de que é uma palavra rara, o seu uso em 1:15 realmente parece indicar uma comparação deliberada entre "a ordem do rei Assuero" ali e "o mandado de Ester" aqui. Para citarmos a mesma passagem de Sandra Beth Berg: "Alguma consideração deve ser dada às evidências internas, antes de se excluir estes versículos como secundários".

A apresentação da rainha Ester nos versículos 29-32 propicia assentimento real à atividade legislativa de Mordecai, em conseqüência de que essa legislação presumivelmente foi acrescentada a todo o resto das leis dos medos e persas, que não podiam ser contraditadas. *E se escreveu no livro* é a expressão literal. C. A. Moore prefere "em um livro", emendando, desta forma, o texto, mas esta frase bem poderia ter condição adverbial, indicando a sua forma fixa e autorizada.

Nota Adicional: Porções (heb. *m^enôt*)

O autor do livro de Ester escolhe as suas palavras com cuidado e assegura-se de que elas expressam o que ele deseja. Ele muitas vezes introduz uma palavra incomum, chamando desta forma a atenção para o seu lugar especial em seu esquema. Uma palavra dessas com significado especial é "porções".

No contexto do livro de Ester esta idéia ocorre duas vezes, primeiramente em conexão com o interesse especial de Hegai por Ester, como provável candidata a tornar-se a nova rainha (2:9), e em segundo lugar ao descrever a observância do Purim (9:19,22), mas o tema (embora não seja a mesma palavra hebraica) já ocorre na narrativa de José (Gn 43:34), onde indica que os seus irmãos estão recebendo atenções honrosas. Semelhantemente, Daniel e seus amigos foram honrados por Nabucodonosor com presentes da rica alimentação real, e mais tarde no exílio o rei Joaquim comia à mesa do rei e recebeu "subsistência vitalícia, uma pensão diária, durante os dias da sua vida" (II Rs 25: 30). Desta forma, este costume se estendeu pelo menos do Egito até a Pérsia, no decurso de muitos séculos (cf. também I Sm 9:22-24).

A palavra portuguesa "porção" é demasiadamente descolorida para captar o conteúdo emocional evidente, por exemplo, nos presentes de José aos

85. Berg, p. 38.

seus irmãos e, em menor proporção, nos outros contextos. A criança que volta de uma festa com um quinhão saboroso e diz: "Guardei isto para você" está próxima de captar o espírito do antigo presente de amor, e ainda há muitas culturas onde as pessoas privilegiadas em participar de um banquete esperam, e todos esperam delas, que levem para casa, para os que não puderam participar, alguma amostra do banquete. Este é o espírito alegre que motiva as palavras "enviai porções aos que não têm nada preparado para si" na ocasião em que Esdras leu o livro da lei (Ne 8:10).

Contudo, há outro contexto onde esta palavra adquiriu conotação diferente, e este é em conexão com os sacrifícios e as porções dos animais destinadas a diferentes grupos de pessoas no Templo (II Cr 31:4; Ne 12:44, 47; 13:10). Não há uma grande distância entre esta maneira de usar a palavra e a convicção do crente de que a sua porção é o Senhor (Sl 16:5), e o contraste com a porção não bem-vinda dos que constantemente escolhem o mal (Jr 13:25). O salmo 16 continua, fazendo digressões a respeito do quinhão (heb. *gôrāl*) que está na mão do Senhor, e o salmista comenta:

> *Caem-me as divisas em lugares amenos,*
> *é mui linda a minha herança (Sl 16:6).*

Aqui o "quinhão" ou "porção" é uma alusão à maneira como a vida se desenvolveu; o salmista está pensando em todos os sinais da providência de Deus que marcaram a sua peregrinação, e da qual os incrédulos pensam como sendo "destino". Não seria de se admirar, portanto, se a palavra contivesse a sugestão de destino. "No contexto do fato de Ester receber porções de Hegai, o favor especial que ela recebe prevê a reação posterior do rei em relação a ela. Isto, por sua vez, resulta na festa de coroação de Ester (2:18)."[86] No fim da história, quando várias festividades marcam a inversão do destino dos judeus, da ameaça de morte para vida e favorecimento, a troca de "porções" muitas vezes significa favor especial, "e a expedição de porções na comemoração de Purim simboliza a condição privilegiada dos judeus no império de Assuero. Esta condição é conseguida através da inversão do *gôrāl* (quinhão) dos judeus. A remessa de porções, portanto, caracteriza adequadamente a celebração da festa de 'sortes' ".[87]

Esse uso estilístico da linguagem com facilidade faz com que o leitor moderno o deixe passar despercebido; não obstante, é característico da redação hebraica. Os escritores do Novo Testamento também, envolvidos como estão nas Escrituras do Antigo Testamento, fazem uso da LXX de maneiras seme-

86. Berg, p. 45.
87. Berg, p. 46.

lhantemente alusivas.[88] Não entender as alusões e seu significado pode levar a uma compreensão defeituosa do texto.

O uso desta palavra incomum no começo e no fim da história contribui para a evidência em favor da unidade de autoria. Mais do que isto, mostra que o escritor considerava Purim em termos do favor de Deus por Ester e, através dela, para com o seu povo. Purim celebra o milagre da libertação, e não o derramamento de sangue que acarreta, e é por isto que ele era adequadamente comemorado com a troca de presentes de amor, e com banquetes comunitários.

XII. A VIDA NORMAL RESTAURADA (10:1-3)

Este livro começou com o rei Assuero, e agora acaba com uma breve referência a ele, e à maneira como o seu reino influenciou a vida dos cidadãos comuns, especialmente nos distantes países do império.

1. A qualidade de vida para o povo comum dependia não apenas das colheitas, mas também do grau de taxação exigido pela bolsa real para projetos civis e militares, bem como para o suprimento de alimentos e outros recursos para manter o palácio e o serviço civil com o seu luxo. A simples declaração *o rei Assuero impôs tributo* é cheia de significado. No Antigo Testamento *tributo* (heb. *mas*) geralmente significa recrutamento para trabalhos forçados (*v.g.* I Rs 5:13 [5:27, heb.]). No período persa ela ainda poderia ter esta acepção, mas a essa altura o uso do dinheiro tornara possível a taxação monetária tanto em moeda quanto em espécie, dando desta forma a esta palavra uma acepção que cobria todos estes meios de se tributar o povo. *Sobre a terra e sobre as terras do mar* dá a entender que o rei era possuidor de todo esse território, sendo o litoral o do Mediterrâneo oriental de maneira genérica, com suas muitas ilhas.

Embora distantes, essas regiões civilizadas eram fonte de riquezas que os sucessivos conquistadores exploravam ao máximo. Taxação exagerada era uma característica da vida nas províncias, enquanto que, de acordo com Olmstead, a própria Pérsia há muito havia cessado de pagar impostos.[89] Segundo o método consagrado pelo tempo, cada província devia providenciar suprimentos para o governante durante um período fixo de cada ano (cf. I Re 4:7); a Babilônia, por exemplo, devia ser responsável por quatro meses em doze, fora o tributo normal, sendo todo o resto da Ásia responsável pelos outros oito me-

88. Veja, por exemplo, Marjorie Warkentin: *Ordination: A Biblical-historical View* (Eerdmans, Grand Rapids, 1982). "A Bíblia dos cristãos primitivos era a Setuaginta. Paulo e Lucas usam o vocabulário desta versão com o objetivo de fornecer recordação e associação de idéias... No Novo Testamento a imposição de mãos precisa ser avaliada em conjunção com as suas conexões vétero-testamentárias" (p. 155).

89. *HPE*, p. 291.

ses.[90] A necessidade de contribuir com esses suprimentos impunha um pesado fardo e tendia a conservar a população das províncias permanentemente pobre. Portanto, a lacônica referência feita ao rei e seu tributo teriam sido suficientes para conjurar para os contemporâneos as ansiedades diárias de viver de acordo com as suas rendas, mas sem de qualquer forma dar a entender deslealdade para com o seu soberano.

2. A atenção do leitor é chamada, pelo contrário, por uma fonte de mais informações, com o que o prestígio do rei será ainda mais aumentado. A referência ao *livro da história dos reis da Média e da Pérsia* está de acordo com muitas outras menções que tais nos livros bíblicos de Reis e de Crônicas, quando autoridades mais antigas são citadas (*v.g.* I Rs 14:19; 15:7, 23, 31; I Cr 27:24). A questão é se a referência feita aqui é a uma história oficial da corte constante dos arquivos persas, ou a um registro judaico, ao qual era mais fácil de se obter acesso. No cômputo geral, a última hipótese parece mais plausível, pois se Mordecai era o segundo só em relação ao rei, é inconcebível que o seu nome não tivesse aparecido nos relatos oficiais do reinado de Assuero.[91] As referências em 2:23 e 6:1 são, a julgar pelo seu contexto, a uma espécie de registro diário dos acontecimentos da corte, e não à história oficial, como aqui. *Média* e *Pérsia* menciona os dois reinos na ordem cronológica (cf. Dn 8:20), sugerindo talvez um relato que cobre vários séculos. Quando o nosso autor coloca a Pérsia antes da Média (1:3, 18), estava refletindo exatamente a supremacia da Pérsia em sua época.

3. Miraculosamente, o poder que estava por trás do trono desse poderoso império era um judeu, e portanto, embora isso não seja expresso, um homem que temia a Deus e se posicionava em favor da justiça e do direito nos negócios do Estado. Quem teria esperado que os exilados judeus tivessem um representante em posição de tanta influência? Podia-se contar com ele para livrá-los e protegê-los da exploração e de outras tentativas para exterminá-los, que se fizessem durante a sua vida. O seu interesse não era promover a sua vantagem própria, mas o *bem estar* (heb. *tôḇ*, "bem") de toda a comunidade judaica, e ele trabalhou *pela prosperidade* (heb. *šālôm*). Esta é uma das interpretações de *salôm*, que pode significar paz, prosperidade de toda sorte, saúde, segurança, abundância material e bons relacionamentos.[92] Ao fazer destes objetivos o seu alvo para toda a população israelita do império, ele também assegurava prosperidade para todos os países como um todo. Um líder assim efi-

90. Heródoto, *Histórias*, I. 193. Cf. I Re 4:22-28.
91. Para uma opinião contrária, veja *AB*, p. 99.
92. Com respeito ao uso do termo *šālôm* em conexão com o acerto diplomático de diferenças, veja D. J. Wiseman: ' "Is it peace?" – Covenant and Diplomacy', *VT* XXXII. 3 (1982), pp. 311-326.

ciente com toda a probabilidade seria popular e reverenciado, não apenas pelo seu próprio povo, mas também por toda a população em geral.

Através da derrota das más intenções de Hamã, todo o império entrara em uma era de paz e bem-estar, abençoado através dos descendentes de Abraão (Gn 12:3), embora bençãos ainda mais profundas fizessem parte do propósito dessa profecia, que tem longo alcance.

Nota Adicional: Ester e os judeus

No curso do comentário, presumiu-se uma conexão entre a libertação dos judeus no tempo de Ester e os acontecimentos dos últimos séculos, que culminaram na volta à Palestina de uma parte dos judeus. O objetivo desta nota é comentar este pressuposto e, arriscando-nos a simplificar demais, sondar algumas das suas implicações.

Enquanto a maior parte das nações que rodeavam Israel antes do exílio perderam a sua identidade há muito tempo, os judeus (como passaram a ser conhecidos depois do exílio, devido ao nome da tribo de Judá) mantiveram-se através de todos os séculos que se passaram, como um povo distingüível, embora vivendo como estrangeiro na Europa, no Norte da África e no oeste da Ásia. No decorrer da sua história eles sentiram uma forte ligação com "a terra", conservada viva pelo grito de esperança usado por ocasião da Páscoa: "No próximo ano em Jerusalém" e por orações litúrgicas diárias pedindo a volta àquela cidade. "Igualmente impressionante é o contato que os judeus da Dispersão mantiveram com a terra da Palestina, sem solução de continuidade, não apenas como um lugar de peregrinação piedosa, mas como centro contínuo da vida judaica... Da Palestina, no período terrível que teve lugar depois da destruição de Jerusalém, veio a Mishna, e também da Palestina, cerca de quinhentos anos mais tarde, veio o Texto Massorético das Escrituras Hebraicas."[93] Comunidades judaicas continuaram a viver na Palestina, a despeito das campanhas dos Cruzados e do subseqüente domínio muçulmano, e foram engrossadas periodicamente por judeus de outros países cuja vida havia-se tornado intolerável por causa da perseguição. Em parte como resultado da contribuição feita por aqueles que voltaram à Palestina, a comunidade judaica ali existente foi revitalizada. "Quando, no século XIX, os judeus começaram a procurar um lugar para viver em segurança, a Palestina foi o único país capaz de suscitar interesse geral."[94] Esse foi o país que eles criam ser sua terra natal, e para o qual olhavam como a origem de tudo o que eles consideravam caro.

93. Denys Baly: *Multitudes in the Valley, Church and Crisis in the Middle East* (Seabury Press, Nova Iorque, 1957), p. 22. Citado por Colin Chapman: *Whose Promised Land?* (Lion Publishing, 1983), p. 35.
94. Denys Baly, citado em *Whose Promised Land?* de Colin Chapman, p. 36.

As festividades periódicas, a observância do sábado e a circuncisão foram elementos que desempenharam o seu papel em sustentar os judeus através dos séculos como um povo; mas Purim, com a sua leitura obrigatória de Ester no círculo familiar, foi um elemento particularmente influente em manter a esperança no futuro do seu povo. O livro de Ester ilustra claramente a ameaça sob a qual as comunidades judaicas viveram quando eram súditas de reis estrangeiros, vivendo em solo estranho, e assim, embora esse livro não faça nenhuma menção específica a Judá ou Jerusalém, implicitamente encoraja a esperança de uma vida de liberdade em sua própria terra, onde a sua religião pudesse ser praticada sem medo.

O estabelecimento da terra natal dos judeus, especialmente à luz dos longos séculos de sofrimento suportados pelos judeus, merece ser considerado com simpatia, até mesmo com base humanitária; não obstante, no processo de encontrar um lar para os judeus que retornavam, outros povos, semelhantemente convencidos de que tinham o direito de viver na Palestina, precisaram ser deslocados, ou viver (como muitos árabes viviam até há pouco) sob governo israelense. Temos argumentado que o resultado da conspiração de Hamã provou que a providência de Deus estava em operação para vindicar o direito, através de Mordecai e Ester. A mão de Deus, não menos do que neste caso, esteve em operação para ordenar a longa série de acontecimentos que levou os judeus de novo à terra da Palestina. Contudo, isso não significa necessaria mente que tudo aconteceu como Deus queria, que nenhuma injustiça fosse cometida, e que nos negócios da nação a palavra de Deus é normativa. Alguns dos maiores porta-vozes de Israel consideram o estabelecimento do Estado como um passo atrás, e não à frente, porque "os mesmos argumentos biológicos e racistas aventados pelos nazistas, e que inspiraram as leis inflamatórias de Nuremberg, servem como base para a definição oficial do judaísmo, no seio do Estado de Israel".[95] Há outras anomalias. Um certo rabino, Yosef Becher explica que ele e outros rabinos foram contra um Estado judaico, porque "não era da vontade do Todo-poderoso".[96] Ele considera o Estado de Israel como temporário. Assim, não são apenas observadores desinteressados que lamentam a amarga polarização que se levantou entre árabes e judeus, dando origem a maior opressão e sofrimento.

---

95. Haim Cohen, um juiz da Suprema Corte de Israel, citado por Colin Chapman em *Whose Promised Land?*, p. 192. Este livro examina as reivindicações e contra-reivindicações à "terra-prometida" e reexamina a Bíblia e suas promessas. Apresenta diferentes pontos de vista nas palavras dos que os esposam, bem como o arbítrio de alguém que enfrentou os problemas em primeira mão. Veja também R. T. France: "Old Testament Prophecy and the Future of Israel", *Tyndale Bulletin* 26 (1975), pp. 53-78.
96. Colin Chapman: *Whose Promised Land?*, p. 193.

Qualquer coisa que seja dita em defesa do pedido de Ester para que se fizesse um maior derramamento de sangue em Susã, no décimo-quarto dia do mês de adar (Et 9:11-15), isto também choca a maioria dos comentaristas, por ser excessiva e repreensível. Não obstante, é um fato fielmente relatado, conforme a história. Se, para começar, não tivesse havido ameaça contra os judeus, não haveria ocasião para aquela mortandade. Nos acontecimentos recentes, foi o anti-semitismo da parte de algumas nações chamadas cristãs, que deu origem aos sionismo, pois se tivesse permitido que os judeus vivessem em paz entre elas, não teria havido razão para combatividade. Quando as pessoas que foram oprimidas se encontram com poder, raramente exercem auto-restrição. A opinião popular chega a perguntar: "Por que deveriam eles fazer isso?", e ao mesmo tempo deplora a crueldade e a perda de vidas. É difícil entender, à luz de opiniões tão incompatíveis, como se pode alcançar um julgamento coerente do que é justo.

As evidências bíblicas apontam para o propósito de Deus em preservar da extinção a nação judaica, no Egito, na Babilônia e na Pérsia. Em termos mais amplos, era porque aquela nação estava sendo preparada para a honra de receber o Filho dEle. A rainha Ester, em sua época, desempenhou a sua parte em salvar a nação da destruição. Quando Jesus veio, tornou-se prático o propósito de Deus de reunir todas as coisas em Cristo (Gl 3:28-29). Embora seja difícil para árabes e judeus aceitarem esta verdade da parte dos cristãos, só em Cristo a promessa de Deus feita a Abraão terá cumprimento "...em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12:3).

APÊNDICE

AS ADIÇÕES GREGAS[1]

NOTA DO TRADUTOR: A tradição católica, à qual pertence a Bíblia de Jerusalém (Edições Paulinas), de onde tiramos estas citações, dá a Mordecai (tradição judaica) o nome de Mardoqueu, e à cidade de Susã o nome de Susa.

A.

No segundo ano do reinado do grande rei Assuero, no primeiro dia de Nisã, veio um sonho a Mardoqueu, filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da tribo de Benjamim, judeu que vivia em Susa e personagem ilustre como funcionário da corte. Ele pertencia ao número dos deportados que o rei de Babilônia, Nabucodonosor, trouxera cativos de Jerusalém junto com Jeconias, rei de Judá.

Ora, eis qual foi o sonho. Gritos e ruídos, ribomba o trovão, treme o chão, tumulto sobre toda a terra. Dois enormes dragões avançam, ambos prontos para o combate. Lançam um rugido; ao ouvi-lo, todas as nações se preparam para a guerra contra o povo dos justos. Dia de trevas e de escuridão! Tribulação, aflição, angústia e espanto caem sobre a terra. Transtornado de terror diante dos males que o esperam, todo o povo justo se prepara para morrer e invoca a Deus. Ora, de seu grito, como de uma pequena fonte, brota um grande rio, de águas caudalosas. A luz se levanta com o sol. Os humildes são exaltados e devoram os poderosos.

Quando Mardoqueu acordou, diante desse sonho e do pensamento nos desígnios de Deus, nele concentrou toda a sua atenção e, até à noite, esforçou-se de múltiplas maneiras em decifrá-lo.

Mardoqueu morava na corte com Bagatã e Tares, dois eunucos do rei, guardas do palácio. Suspeitando do que planejavam, e penetrando os seus de-

1. Veja a Introdução, VI, 3, pp. 40-42, acima. Este texto é tirado da Bíbiia de Jerusalém, publicada e com direitos autorais pelas Edições Paulinas, 1985, em português, e em inglês por Darton, Longman & Todd Ltd. e Doubleday & Co. Inc..

sígnios, descobriu que eles se preparavam para matar o rei Assuero, e o avisou. O rei aplicou a tortura aos dois eunucos e, diante de suas confissões, enviou-os ao suplício. Em seguida ordenou que se escrevesse a história em suas Memórias, enquanto Mardoqueu, por sua conta, também a escreveu. Depois disso o rei lhe confiou uma função no palácio e, para recompensá-lo, gratificou-o com presentes. Mas Amã, filho de Amadates, o agagita, tinha o beneplácito do rei, e, por causa dessa questão dos dois eunucos reais, planejou aniquilar Mardoqueu.

B.

Eis o texto desta carta:

"O Grande Rei Assuero, aos governadores das cento e vinte e sete províncias que vão da Índia à Etiópia, e aos chefes de distrito, seus subordinados:

Colocado na chefia de inúmeros povos e como senhor de toda a terra, eu me propus não me deixar embriagar pelo orgulho do poder e sempre governar com grande espírito de moderação e benevolência, a fim de outorgar a meus subordinados o perfeito gozo de uma existência sem sobressaltos, e, já que meu reino oferece o sbenefícios da civilização e a livre circulação entre as suas fronteiras, nele instalar o objeto do desejo universal, que é a paz. Ora, tendo ouvido meu conselho sobre os meios de atingir esse fim, um dos meus conselheiros, cuja sabedoria entre nós é eminente, dando provas de indefectível devotamento a inquebrantável fidelidade, e cujas prerrogativas vêm imediatamente após as nossas, Amã denunciou-nos, misturado a todas as tribos do mundo, um povo mal-intencionado, em oposição, por suas leis, a todas as nações, e constantemente desprezando as ordens reais, a ponto de ser um obstáculo ao governo que exercemos para a satisfação geral.

Considerando, pois, que o referido povo, único em seu gênero, acha-se sob todos os aspectos em conflito com toda a humanidade; que dela difere por um regime de leis estranhas; que é hostil aos nossos interesses e que comete os piores delitos, chegando a ameaçar a estabilidade de nosso reino;

Por estes motivos, ordenamos que todas as pessoas que vos forem assinaladas nas cartas de Amã, preposto às tarefas de nossos interesses e para nós um segundo pai, sejam radicalmente exterminadas, inclusive mulheres e crianças, pela espada de seus inimigos, sem piedade ou consideração alguma, no décimo quarto dia do décimo segundo mês, isto é, Adar, do presente ano, a fim de que, uma vez lançados esses opositores de hoje e de ontem no Hades num só dia, sejam asseguradas doravante ao Estado estabilidade e tranqüilidade."

C.

Oração de Mardoqueu

Orando então ao Senhor em lembrança de todas as suas grandes obras, ele se exprimiu nestes termos:

"Senhor, Senhor, Rei todo-poderoso,
tudo está sujeito ao teu poder
e não há quem se oponha
à tua vontade de salvar Israel.

Sim, tu fizeste o céu e a terra
e todas as maravilhas que estão sob o firmamento.
Tu és o Senhor de tudo,
e não há quem te possa resistir, Senhor.

Tu sabes tudo!
Sabes, Senhor,
que nem arrogância, nem orgulho, nem vaidade
me levaram a fazer o que faço:
recusar-me a me prostrar
diante do orgulhoso Amã.
De boa vontade eu lhe beijaria a planta dos pés
para a salvação de Israel.

Mas o que eu fiz, era
para não colocar a glória de um homem
acima da glória de Deus;
e não me prostrarei diante de ninguém,
a não ser diante de ti, Senhor,
e não o faço por orgulho.

E agora, Senhor Deus
Rei, Deus de Abraão,
poupa o teu povo!
Pois tramam a nossa morte,
projetam aniquilar tua antiga herança.
Não desampares esta porção, que é tua,
que resgataste para ti da terra do Egito!
Ouve minha oração,
sê propício à porção de tua herança
e muda nosso luto em alegria;

a fim de que vivamos para cantar teu nome, Senhor.
E não deixes emudecer
a boca dos que te louvam."

E todo o Israel clamou, com todas as suas forças, pois a morte estava diante de seus olhos.

Oração de Ester

A rainha Ester também procurava refúgio junto ao Senhor, no perigo de morte que caíra sobre ela. Abandonou suas vestes suntuosas e vestiu-se com roupas de aflição e luto. Em lugar de perfumes refinados cobriu sua cabeça com cinzas e poeira. Ela humilhou com aspereza o seu corpo, e as tranças desfeitas de seus cabelos cobriam aquele corpo que antes ela se comprazia em adornar. Ela suplicava, nestes termos, ao Senhor Deus de Israel:

"Ó meu Senhor, nosso Rei, tu és o Único!
Vem em meu auxílio, pois estou só
e não tenho outra proteção fora de ti,
pois vou expor minha vida.

Aprendi desde a infância
no seio de minha família,
que foste tu, Senhor, que escolheste
Israel entre todos os povos
e nossos pais entre todos os seus antepassados,
para ser a tua herança perpétua;
e os trataste como lhes prometeste.
E como pecamos contra ti,
nos entregaste nas mãos de nossos inimigos
por causa das honras prestadas aos seus deuses.
Tu és justo, Senhor!

Mas eles não se contentaram
com a amargura de nossa servidão;
puseram suas mãos nas de seus ídolos
para abolirem a ordem saída de teus lábios,
para fazerem desaparecer a tua herança
e emudecer as bocas que te louvam;
para extingüirem teu altar e a glória de tua casa;
para abrirem os lábios das nações
para o louvor dos ídolos do nada,
e para eternamente se extasiarem diante de um rei de carne.

Não abandones o teu cetro, Senhor,
àqueles que não existem.
Nenhum sarcasmo sobre nossa ruína!
Volta estes projetos contra seus autores,
e do primeiro de nossos atacantes
faze um exemplo.
Recorda-te, Senhor, manifesta-te
no dia de nossa tribulação!

A mim, dá-me coragem,
Rei dos deuses e dominador de toda autoridade.
Põe em meus lábios um discurso atraente
quando eu estiver diante do leão,
muda seu coração, para ódio de nosso inimigo,
para que ele pereça
com todos os seus cúmplices.

A nós, salva-nos com tua mão
e vem em meu auxílio, pois estou só
e nada tenho fora de ti, Senhor!
Tu conheces todas as coisas
e sabes que odeio a glória dos ímpios,
que me horroriza o leito dos incircuncisos
e o de todo estrangeiro.
Tu sabes o perigo por que passo,
que tenho horror da insígnia de minha grandeza,
que me cinge a fronte quando apareço em público,
o mesmo horror diante de um trapo imundo,
e não a levo nos meus dias de tranqüilidade.
Tua serva não comeu à mesa de Amã
nem apreciou os festins reais,
nem bebeu o vinho das libações.
Tua serva não se alegrou
desde os dias de sua mudança até hoje,
a não ser em ti, Senhor, Deus de Abraão.

Ó Deus, cuja força a tudo vence,
ouve a voz dos desesperados,
tira-nos da mão dos malfeitores
e a mim, livra-me do medo!"

D.

No terceiro dia, *quando terminou de rezar, ela tirou suas vestes de súplicas e* se revestiu com todo o seu esplendor. *Suntuosa, invocou o Deus que vela sobre todos e os salva. Depois tomou consigo duas servas. Sobre uma ela se apoiava suavemente. A outra a acompanhava e segurava seu vestido. No apogeu de sua beleza, ela, ruborizada, tinha o rosto alegre como se ardesse de amor. Mas seu coração gemia de terror.* Ultrapassando todas as portas, ela se achou diante do rei. Ele estava sentado em seu trono real, *revestido com todos os ornamentos de suas aparições solenes, resplandecente em ouro e pedras preciosas; parecia terrível. Ele ergueu o rosto, incendiado de glória, e, no cúmulo da ira, lançou um olhar. A rainha, sucumbindo, apoiou a cabeça na serva que a acompanhava, empalideceu e desmaiou. Deus mudou o coração do rei, e o inclinou à mansidão. Ansioso, ele precipitou-se de seu trono e a tomou nos braços até que ela se recuperasse, reconfortando-a com palavras tranqüilizadoras. "Que há, Ester? Eu sou teu irmão! Ânimo, não morrerás! Nossa ordem só vale para os súditos. Aproxima-te." Ergueu seu cetro de ouro, pousou-o no pescoço de Ester, beijou-a e lhe disse: "Fala comigo!" – "Senhor," disse ela, "eu te vi semelhante a um anjo de Deus. Então meu coração se perturbou e eu tive medo de teu esplendor. Pois és admirável, senhor, e teu rosto cheio de encanto". Enquanto ela falava, desmaiou. O rei se perturbou e todos os cortesãos procuravam reanimá-la.*

E.

Eis o texto dessa carta:

"O grande rei Assuero, aos sátrapas das cento e vinte e sete províncias que se estendem da Índia à Etiópia, aos governadores de Província e a todos os seus leais súditos, saúde!

Muitos, quando sobre suas cabeças a extrema bondade de seus benfeitores acumula as honras, não concebem senão orgulho. Não lhes bastando somente procurar maltratar nossos súditos, tomando-lhes sua saciedade um peso insuportável, elevam suas conspirações contra os seus próprios benfeitores. Não contentes em banir a gratidão do coração dos homens, inebriados mais pelos aplausos de quem ignora o bem, quando tudo está eternamente sob o olhar de Deus, pensam escapar à sua justiça, que odeia os maus. Freqüentemente sucede às autoridades constituídas, por terem confiado a amigos a administração dos negócios e se terem deixado influenciar por eles, com eles arcar com o peso do sangue inocente a preço de irremediáveis infelicidades, tendo os sofismas enganosos de uma natureza perversa prevalecido sobre a irrepreensível retidão de intenções do poder. Basta abrir os olhos, sem precisar

remontar aos relatos de outrora que acabamos de evocar, olhai somente sob vossos passos: quantas impiedades perpetradas por esta peste de governantes indignos! Por isso, nossos esforços procurarão assegurar a todos, no futuro, a tranqüilidade e a paz do reino, procedendo às mudanças oportunas e julgando sempre as questões que nos forem submetidas com benevolente receptividade.

Assim aconteceu a Amã, filho de Amadates, um macedônio, verdadeiramente estrangeiro ao nosso sangue e muito afastado de nossa bondade, por nós tendo sido recebido como um hóspede e de nossa parte encontrado os sentimentos de amizade que devotamos a todos os povos, até ao ponto de se ver proclamado "nosso pai" e por todos reverenciado com a prostração, colocado imediatamente após o trono real, incapaz de manter-se em seu elevado cargo, planejou arrebatar-nos o poder e a vida. Temos um salvador, um homem que sempre foi nosso benfeitor, Mardoqueu, e uma irrepreensível companhia de nossa realeza, Ester; sua morte nos foi pedida por Amã, juntamente com a de todo o seu povo, à base das manobras de seus tortuosos sofismas, pensando, com essas primeiras medidas, reduzir-nos ao isolamento e substituir a dominação persa pela macedônia.

Resulta que, longe de julgarmos estes judeus, votados ao desaparecimento por esse tríplice celerado, como criminosos, nós os vemos governados por leis justíssimas, filhos do Altíssimo, do grande Deus vivo, a quem nós e os nossos antepassados devemos a conservação do reino no mais florescente estado. Ordenamos, pois, que não obedeçais às cartas enviadas por Amã, filho de Amadates, porque seu autor foi enforcado às portas de Susa, com toda a sua casa, digno castigo que Deus, Senhor do universo, sem demora lhe infligiu. Afixai uma cópia da presente carta em todo lugar, deixai os judeus seguirem livremente as suas próprias leis e dai-lhes assistência contra quem os atacar no mesmo dia marcado para os destruir, isto é, no décimo terceiro dia do décimo segundo mês, que é Adar. Pois este dia, que deveria ser um dia de ruína, a suprema sabedoria de Deus acaba de convertê-lo num dia de alegria em favor da raça escolhida. Quanto a vós, entre vossas festas solenes, celebrai este dia memorável com toda solenidade, a fim de que ele seja desde agora e para sempre, para nós e para os persas de boa vontade, a lembrança de vossa salvação, e para os vossos inimigos, o memorial de sua ruína.

Toda a cidade e, mais geralmente, toda região que não seguir essas instruções será implacavelmente devastada a ferro e fogo, e se tornará inóspita para os homens e odiosa para os animais selvagens e até para os pássaros."

F.

E disse Mardoqueu: "Tudo isto vem de Deus! Se recordo o sonho que tive a esse respeito, nada foi omitido: nem a pequena fonte que se converteu em

rio, nem a luz que brilha, nem o sol, nem a abundância das águas. Ester é esse rio, ela que se casou com o rei, que a fez rainha. Os dois dragões, somos Amã e eu. Os povos são aqueles que se coligaram para destruir os judeus. Meu povo é Israel, aqueles que invocaram a Deus e foram salvos. Sim, o senhor salvou o seu povo, o Senhor nos arrebatou de todos esses males. Deus realizou prodígios e maravilhas como jamais houve entre as nações. Por isso estabeleceu dois destinos: um em favor de seu povo, outro para as nações. Esses destinos se realizaram na terra, no tempo e no dia determinados segundo seus desígnios, e diante de todos os povos. Deus se recordou do seu povo, fez justiça à sua herança para que esses dias, o décimo quarto e o décimo quinto do mês de Adar, sejam doravante dias de assembléia, de regozijo e alegria diante de Deus, para todas as gerações e perpetuamente, em Israel, seu povo."

Colofão

No quarto ano de Ptolomeu e de Cleópatra, Dositeu, que se dizia sacerdote e levita, assim como seu filho Ptolomeu, trouxeram a presente carta concernente aos Purim. Eles a deram como autêntica e traduzida por Lisímaco, filho de Ptolomeu, da comunidade de Jerusalém.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS
DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Estes comentários são feitos de modo a dar ao leitor uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A Introdução de cada livro dá às questões de autoria e data, um tratamento conciso mas completo. Isso é de grande ajuda para o leitor em geral, pois mostra não só o propósito como as circunstâncias em que foi escrito o livro.
Isso é, também, de inestimável valor para os professores e estudantes que desejam dar e requerem informações sobre pontos-chave, e aí se vêem combinados, com relação ao texto sagrado, o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito.

Os Comentários propriamente ditos tomam respectivamente os livros estabelecendo-lhes as seções e ressaltando seus temas principais. O texto é comentado versículo por versículo sendo focalizados os problemas de interpretação. Em notas adicionais, são discutidas em profundidade as dificuldades específicas.
O objetivo principal é de alcançar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, e tornar sua mensagem plenamente compreensível.

EDIÇÕES VIDA NOVA
EDITORA MUNDO CRISTÃO